

Princeton University Library



32101 067180909

F. A. ARARIPE JUNIOR

GREGÓRIO
DE MATOS

Library of



Princeton University.

1.500

de ... Ribeiro

LITERATURA BRASILEIRA

Gregorio de Mattos

Fol. 4/16

GREGORIO DE MATTOS

LITERATURA BRAZILEIRA

GREGORIO DE MATTOS

POR

T. A. ARARIPE JUNIOR



LIVRARIA GARNIER IRMÃOS

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

(RECAP)

253

438

341

AD SODALES EX RABELESIIIS

*Estre joyeluz... en mespris
des choses fortuites.*

PANTAGRUEL, liv. IV.

1-255-16

ADVERTENCIA

Esta edição é reprodução fiel da primeira, cujo têsto julguei que devia conservar intato, para não retirar o carater de oportunidade e do momento, no qual este ensaio foi escrito. Uma refuzão importaria na fatura de um trabalho novo, na conformidade das transformações por que tenho passado.

Outrosim, e pela mesma razão, conservei a ortografia que então uzava ; alem de que a revizão segundo a que hoje observo, necessitaria um trabalho em perfeito dezacôrdo com a época da primitiva publicação.

Rio, 30 de Novembro de 1910.

T. ALENCAR ARARIPE JUNIOR.

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Compuz este ensaio e publiquei-o no *Jornal do Brazil* durante os mezes de Fevereiro e Março de 1893. Reproduzindo-o sem alterações, addiciono agora os capitulos XI e seguintes, que deixaram de ser dados á estampa naquella época por pensar que tinha abusado assaz da benignidade de José Verissimo, então director da referida folha e a quem sou muito obrigado.

Julgo a vulgarisação do livro opportuna visto tratar de um homem, de um poeta, que, de todos o mais brasileiro, foi até hoje o mais deprimido. Lendo-se este ensaio ver-se-ha que ha duzentos annos houve no Brazil quem tivesse coragem de ser nacionalista.

Neste momento todos ou grande parte dos brasileiros o querem ser, graças ao grande choque que a nação acaba de supportar, despertando; e o são conscientemente : Gregorio de Mattos fez-se nativista sem o saber, mas achou todas as formulas de nativismo que estão na actualidade em grande voga.

Não considerando este trabalho definitivo,

tambem não procurei dar álguns capitulos o desenvolvimento que comportavam. Gregorio de Mattos é toda a poesia do seculo XVII. Já se vê, portanto, que para ser completo eu deveria escrever a historia geral daquella época, o que opportunamente farei, quando tiver publicado outros escorços parallellos, e puder reunil-os num estudo hieratico e demotico da vida mental brasileira. Contento-me em indicar, em notas, alguns dos assuntos que se prendem mais proximamente ao objecto exclusivo do livro.

O methodo que adoptei, na preparação deste ensaio, é o mesmo que tenho seguido desde 1878. Orientado no evolucionismo spenceriano e adextrado nas applicações de Taine, procurei depois fortalecer-me no estudo comparado dos criticos vigentes. Todos os pontos de vista da exegese moderna tem sido objecto de minhas preoccupações. Toda idéa boa ou má, aproveitavel ou inexequivel, é sempre humana. Assim pois acostumei-me a nada desprezar. O proprio pessimismo e os seus variadissimos dialectos litterarios, occultismo, decadismo, preraphaelismo, wagnerismo, tem me ensinado a discernir melhor as coisas humanas e a dirigir o espirito pondo de lado o que é fortuito. Devo declarar tambem que muito continuo a aprender relendo Aristoteles, Longino, Horacio e prin-

cialmente o bom Quintiliano. O *Laocoonte* de Lessing fez época na minha carreira de critico, apesar de havel-o conhecido quando já estava muito familiarisado com a esthetica de Taine. Lessing, pelo menos, convenceu-me de que os principios da arte, os elementos simples, já eram conhecidos da antiguidade grega, e que a critica moderna apenas desenrolou, equilibrando-os, e agora trata de adaptal-os á vida complexa do espirito secular.

Com taes disposições, á luz da alegria rabelaiseana, da sã alegria da vida, dessa alegria que combate as duas supremas negações, o diabo e a morte, tenho avançado ; e graças a isso pude com a fraca candeia do meu espirito illuminar o vulto desse poeta do seculo XVII, que jazia coberto pela polilha dos codices indecifravcis, limpo a meio do pó das bibliothecas pela caridade do malogrado Valle Cabral.

Possa o meu trabalho conceder algumas horas de repouso e contentamento aos afadigados pelas lidas diurnas e que se não occupam com velharias. Dar-me-hei, si não fôr considerado importuno, por bem pago de haver sacrificado paciencia e tempo para lançar algumas observações sobre o nosso grande poeta, em papel de imprensa e com letra de fôrma.

Rio, Maio de 1894.

T. A. ARARIPE JUNIOR.

GREGORIO DE MATTOS

(1623-1696)

Um dos maiores erros que a critica tem commettido a respeito de Gregorio de Mattos tem sido comparal-o a Rabelais. Poder-se-hia approximar o seu temperamento do do Aretino ; mas, do do autor de *Gargantua*, só por uma deploravel confusão de tendencias e uma falsa comprehensão do genio satyrico do francez. Rabelais tinha um humor especial e uma philosophia correspondente. Esta philosophia, segundo Stapfer, era o *pantagruelismo*, o qual, como o proprio satyrico définiu do novo prologo do livro IV da sua obra, consistia em uma « certaine gayeté d'esprit conficte en mespris des choses fortuites ». — « Vivre joyeux », dizia o mestre. « La serenité de votre celeste cerveau jamais ne soit troublée par nuées quelconques de fâcherie ». O riso gaulez de Rabelais não feria senão a epiderme da humanidade; era uma picada de alfinete apenas; e as proprias pessoas por elle attingidas deixavam-se arrastar pelo seu optimismo sadio, *purgando-se de toda a solitudine humana e*

fazendo a alma sobrenadar na beatitude da bonhomia (nonchaloir).

Nada disto encontra-se em Gregorio de Mattos. Pessimista objectivo, alma maligna, character rancoroso, relaxado por temperamento e por costumes, o poeta do *Marinicolas*, verte fel em todas as suas satyras ; e, apesar de producto immediato do meio em que viveu, desconhece a sua cumplidade, pensa reagir quando apenas o traduz, cuida moralizar quando apenas se enlameia. Seja, porém, o que for, e ainda porque não quiz, como Rabelais, como Lafontaine, aceitar sinceramente, paternalmente, a sua e a loucura humana, Gregorio de Mattos é o satyrico mais acabado, o genio ferocissimo da relaxação mais accentuado que já produziu a natureza. Para este effeito foi preciso, comtudo, que um portuguez atravessasse o Atlantico, como tantos outros aventureiros ou degradados da mãe patria, e que tivesse filhos ; que a Africa mandasse ao Brazil os elementos de que se havia de formar a mestiçagem de alguns de seus estados ; que a Bahia se organisasse com os elementos hybridos que ainda hoje a caracterizam ; que finalmente um branco, intelligente, genial, formado em direito, apesar de nascido no Brazil, em universidade portugueza, contrahisse n'aquella época tão longinqua um odio ineluctavel contra a raça que o produzira, o *galego*, contra os mulatos que o feriam á traição, contra os conegos que engordavam a contra-gosto seu, contra tudo que abor-

recia o seu desfastio e contra a terra que o alijava por não supportar tamanha indigestão de *humour*, tamanha concisão de idéas.

Gregorio de Mattos foi a floração da mais hybrida sociedade que tem havido no mundo, e, absorvendo tudo quanto a colonia no seculo XVII possuia de original e picante, como brazilio-europeu que era, deu o livro mais curioso que já sahio de penna humana.

A satyra — Suas origens. — Os verdadeiros satyricos.

§ 1

A satyra, antes de ser um phenomeno social o litterario, é um phenomeno physiologico. Irritação do forte, sadio e triumphante, contra o fraco que se arrasta na sua impotencia, na sua tristeza, intanguido pelo aleijão, a satyra, em sua expressão mais pura, não passa da malignidade produzida pela exuberancia vital, momentaneamente desviada do eixo sobre o qual giram todos os phenomenos da vida universal. Diferenciação do riso, que, como bem o definiu Spencer, é a valvula por onde se dão as descargas do sobre-excesso de vida e de satisfação, elle começa a manifestar-se desde o irracional, e, ascendendo até á vida social, na sua caracteristica esthetica, apresenta em todas as suas phases o mesmo signal — a preponderancia dos sentimentos maus sobre os benignos.

Os irracionaes são muitas vezes satyricos ; e não é pouco commum verem-se nas ruas das cida-

des cães alterosos e soberbos de casas fidalgas atirarem-se, em troça, sobre o pobre lazarento, faminto e gôzo, que teve a desventura de vir, com a cauda entre as pernas, mariscar as migalhas de alguma cozinha de restaurante. Essa hostilidade dirigida contra a fraqueza, contra a miseria, que raramente deixa de confundir-se com o ridiculo, tive eu, um dia, occasião de observar, com pasmo, em um frangote, garboso e de linda plumagem, o qual com uma insistencia maligna e feroz se entretinha em beliscar um pinto depennado e engrujado, a quem o gôgo tirara os ultimos resquícios de alegria. Entre as especies inferiores, quem não vê que o macaco e a raposa são specimens perfeitamente accentuados d'essa malignidade refugiada nos confins da vida? Para convencermo-nos do asserto basta recorrer ao bom senso do observador popular e ler as fabulas de Lafontaine, onde « maitre Renard » representa toda a subtil e enganosa perversidade do homem, junta aos instinctos aggressivos do mais apurado mephistophelismo. Acompanhe-se o cyclo medieval do romance do Raposo e depurem-se no crysol da critica todas as sahidias, repentés e agudezas que o povo poz na astucia do personagem de onde Goethe tirou o *Reinech Fuchs*, e ninguem duvidará de que do animal damninho ao celebre Mephisto o caminho a percorrer não é tão longo como talvez se pense.

As origens physiologicas da satyra, portanto,

não se envolvem em muito grande obscuridade ; e, transpondo os humbraes, que lhe dão ingresso na vida social, se por um lado essa manifestação complica-se, por outro offerece-nos, talvez, dados mais certos do que qualquer outra, para não a confundirmos com o sublime, com o bello, com o amor e com as fórmãs intermedias da sensibilidade humana.

§ 2

A historia litteraria da satyra está em grande parte feita. Reina, porém, em toda ella uma deploravel confusão.

A satyra é a malignidade traduzida em estylo poetico. Entretanto, muitos historiadores querem-na encontrar no fundo das concepções litterarias do buddhismo, bem como no de outras litteraturas pessimistas ; e, ligando-a ao satanismo medieval, vem prendel-a ao *humour* de Swift, de Sterne e dos seus imitadores. Nesta filiação, porém, ha grande erro de applicação do principio philosophico do transformismo allemão e uma fatal preoccupação de escola radical. E' sufficiente, como já indiquei, consideral-a uma differenciação do riso sadio, para que ninguem se lembre mais de chamar satyricos, pelo menos satyricos organicos, aos autores de *Gulliver* e de *Tristram Shandy*.

E sabem qual a razão de equivoco tão préju-

dicial á boa intelligencia dos textos? E' a inversão dos methodos litterarios operada pelo talento d'aquelles escriptores.

Swift, que nascera para prégador, doutrinario, fez-se poeta e procurou a fórma do apologo para traduzir o seu profundo pessimismo religioso, politico e philosophico. Do encontro do seu mundo de idéas com a fórma antagonica que lhe propunham resultou a illusão de effeitos que deu logar a que dissessem :

— Swift é um satyrico.

Sterne fez quasi a mesma coisa. Era uma alma mystica, de azas cortadas e arrojada ao lamaçal de uma sociedade, por supposição sua, corrupta, desorientada, e convictamente louca. A resultante foi esta : Sterne fingiu voar côm os còtos das azas sobre o lameiro, em que elle se sonhava submerso ; e o seu sonho ainda repercutiu na consciencia dos criticos, como se se tratasse de um Luciano ou de um Apuleu.

Ha tambem reprehensivel erro em considerar Juvenal um satyrico organico. Juvenal, apesar de ter dado ao seu livro o nome de *Satyras*, não se purgou bastante do character de puro moralista para que a sua malignidade tomasse a conveniente orientação. Muito mais satyrico do que elle foi Horacio, lubrico e gaiteiro, ferindo os vicios que lhe pareciam ridiculos, mas rebolcan-do-se n'outros, onde a sua lascivia e a sua instinctiva perversidade encontravam repasto ao

sybaritismo litterario de Mecenas. A alma de Juvenal, ao contrario d'isto, figura-se-me a revivescencia da alma indignada de Catão, sob cujo ponto de vista assemelha-se pasmosamente á de Tacito, e, nos tempos modernos, á de La Rochefoucauld. Todos tres, profundos psychologos e ainda mais profundamente saturados das enfermidades de seu tempo, tiraram da clarividencia do espirito toda a força e eloquencia existente nos escriptos que nos legaram. São moralistas indignados ; apenas divergentes na fórma litteraria que adoptaram. Tacito, porque tinha aprendido a historiar, escreveu as biographias tetricas de Tiberio, Caligula, Claudio e Nero. La Rochefoucauld preferiu fazer psychologia em maximas e pensamentos. Juvenal, porém, forçado pela epoca, exhibiu-se no genero que mais convinha aos seus leitores, e lançou as satyras que todos conhecemos. Todavia no fundo não se descobre o minimo elemento de malignidade ou de espirito destruidor. Quando muito a critica descobre n'aquelles trechos immortaes a adaptação da fórma de um genero extranho aos intuitos de um moralista acre, violento, picante nos conceitos, mas nunca esquecido do que devia a si e á dignidade humana.

Facit versum indignatio, disse o legislador da critica no seculo xvii, repetindo a maxima de outro legislador mais antigo. Pois bem, a indignação dos grandes psychologos sempre deu e ha de dar o que se encontra nas entrelinhas da satyra

juvenalesca. Pos este modo tambem seriam satyricos, Shakespeare, em grande parte das suas tragedias, principalmente quando no *Ricardo III* pinta o character de Gloucester, e Saint-Simon quando nas suas *Memorias* descobre as minudencias mais reconditas, ou antes, o segredo das acções sempre festejadas dos grandes e nobres do seu seculo.

O verdadeiro satyrico, portanto, é um psychologo *à rebours*. Nem é o ironico, nem o pessimista, nem o comico, nem o humorista doctio. O verdadeiro satyrico é Aristophanes; é Diogenes, na antiguidade; é Gregorio de Mattos, nos tempos modernos.

A satyra, como dizia A. Comte, é a systematiza-⁷ção do espirito destruidor. Eu poderia para convencer os meus leitores desta verdade, deitar abaixo toda a livraria que existe hoje sobre o *humour* de Swift e de Sterne, sobre o *comico molièresco*, sobr^a a ironia shakespeareana e sobre outras manifestações do espirito humano; e a critica franceza, ingleza e allemã me offereceriam um vasto campo de erudição, onde escolhesse exemplos para confirmar a these que sustento. Mas, por outro lado, as opiniões seriam tão embrulhadas e contradictorias, os preconceitos dos allemães contra a França, e vice-versa, se apresentariam por tal modo revoltantes e absurdos, que acho preferivel provocar a convicção pela analyse do typo a que dediquei este estudo.

Vamos, pois, a *O boca do inferno*.

II

O « boca do inferno ». — Malignidades de um poeta

§ 1

O padre-mestre Antonio Vieira, referindo-se a Gregorio de Mattos, disse que « maior fructo produziam as satyras do poeta que as missões delle jesuita ». E houve quem assegurasse que *O boca do inferno* com os seus versos conseguira moderar o desregramento dos costumes e impedir que se incrementasse o desgoverno da colonia.

Ahi *tem uma* lenda como qualquer outra. Vieira, que, sob alguns pontos de vista, recorda o scepticismo e a mordacidade dos Srs. Lafayette e Ferreira Vianna; Vieira, que como estes nossos conterrancos sempre amou o paradoxo e o folhetim ecclesiastico; Vieira não podia acreditar que a satyra fosse capaz de melhorar a alma de ninguem. Se, portanto, elle dirigiu aquella barretada ao poeta bahiano, naturalmente o fez deixando-se levar pela admiração que votava ao talento de Mattos, cuja carreira, solta a todos os ventos do paradoxo, causava-lhe certa inveja, e a que só

a samarra da companhia lhe impedia acompanhar, conforme o genio lhe indicava.

Um notabilissimo canalha, eis o que elle era. Perdôe-se o uso da phrase com que o povo ás vezes define incisivamente o character de certos individuos.

E não podia ser senão isto o homem que teve bastante coragem para affrontar as coisas mais delicadas da vida conjugal.

O povo poz em Gregorio de Mattos a alcunha d'*O boca do inferno* ; e nunca professores de critica ultrapassaram a exactidão dessa psychologia em duas palavras.

— O' boca do inferno! diziam as velhas quando viam o poeta subir caxingando as ladeiras da Bahia; e elle silencioso, apenas confrangindo o rosto em um rictus damnado, como Dante em Ravena, proseguia em seu caminho meditando a obra do seu engenho, que, se não era uma construcção semelhante á *Divina Comedia*, produzia-se pelo menos, naquelle cerebro, com intensidade igual á do do celebre florentino. O satyrico cevava-se na sua descommunal mordacidade.

O seguinte factó, referido pelo licenciado Manoel Pereira Rebello, em falta de outros mais miudos, será sufficiente para dar a nota capital da indole de Gregorio de Mattos. Diz o biographo que, tendo o poeta ligado a sua sorte á de uma senhora de genio um tanto impaciente, succedeu que um dia, tocada pelas necessidades e pelas

distracções constantes do marido, « cujas desenvolturas são patentes de suas obras », essa mulher não pode mais atural-o e sahiu de casa. Recebeu-a um tio, que era homem prudente, o qual, não obstante reconhecê-la innocente, julgou mais acertado reprehendê-la, aconselhando o regresso ao lar abandonado para evitar a risota dos vizinhos e o escandalo da cidade ; depois disto foi ter com o sobrinho e lançou-lhe toda a rhetorica de que dispunha para convencel-o de que era obrigação sua receber a esposa outra vez, como quem devia dar o exemplo de rectidão e mais largo juizo do que o que de ordinario se encontra no sexo fragil. Que pensam que fez *O boca do inferno* ? Não se houve pelos autos. Teve raiva, e dando pasto á sua veia satyrica, não trepidou em sacrificar o carinho da esposa a uma phrase de effeito, a uma anecdota que o celebrizasse.

— Minha mulher, respondeu elle, fugiu de casa como qualquer escrava boçal. Pois bem : só ha um meio de consentir que volte ao tugurio marital. Que venha amarrada em cordas e por mão do competente capitão de matto.

Aceita como inabalavel a resolução do poeta, o tio, e pelo modo mais decoroso, refere a chronica, tratou de reconduzir a sobrinha ao lar domestico, e assim cumpriu-se o nefando capricho do offendido. O capitão de matto fez o seu dever e em tempo pagou-se-lhe « a tomadia do regimento ».

Ora, eis um facto que só por si revela de sobresalto toda a malignidade e espirito malfazejo do homem que se julgava destinado a *enderechar los tuertos* e salvaguardar o imperio da lei, dando cumprimento ao texto da Ordenação do liv. V, tit. 36, onde diz que ao marido compete castigar brandamente as mulheres atrevidas e mal educadas.

§ 2

A ferocidade de Gregorio de Mattos não ficou sómente nos dislates praticados com a esposa, que devia merecer-lhe, como lyrico que era e da melhor especie, o carinhoso cuidado do marido e o amor paternal do protector. O poeta acreditava em Deus, tanto assim que, nas horas em que o perfumava o lyrismo religioso, dictava versos da ordem dos que vou transcrever :

« Pequei, Senhor, mas não, porque hei peccado,
Da vossa alta piedade me despido :
Antes quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto peccado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido :
Que a mesma culpa, que vos ha offendido,
Vos tem para o perdão lisongead.

Se uma ovelha perdida, já cobrada,
 Gloria tal e prazer tão repentino
 Vos deu, como affirmais na Sacra Historia,

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada :
 Cobrai-a e não queiraes, Pastor Divino,
 Perder na vossa ovelha a vossa gloria. »

Pois bem ; esta dulcissima uncção de christão converso desaparecia completamente, desde que o tomava a raiva e diante de seus olhos surgiam clérigos de que elle não gostava. E' para admirar-se, então, como a animalidade o assoberbava e como o cynismo o fazia descer até ao mais desbragado desrespeito a coisas reputadas santas. Diante da contracção satyrica tudo cedia, tudo se desfazia, tudo se esbandalhava, e á boca vinha o volvo excrementicio, que o poeta vomitava colerico-risonho, saboreando em um infernal prazer o horror contumelioso dos pobres padres assustados de tanta acrimonia e immodestia.

« A nossa Sé da Bahia,
 Com ser um mappa de festas,
 E' um presepe de bestas,
 Se não for estrebaria :
 Varias bestas cada dia
 Vejo que o sino congrega :
 Caveira mula galega,
 Deão burrinha bastarda,
 Pereira mula de albarda,
 Que tudo da Sé carrega. »

E' verdade que frei João de S. José refere que Gregorio de Mattos morrera como impio, sem embargo de o exhortarem padres muito doutos, inclusive o bispo de Pernambuco ; mas que apesar disto, vendo este de crucifixo em punho e o Christo com os olhos ensanguentados, lembrando-se de umas crianças suas visinhas que soffriam de sapiranga, soltara este satanico quarteto :

« Quando meus olhos mortaes
Ponho nos vossos divinos,
Cuido que vejo os meninos
Do Gregorio de Moraes. »

E' bem provavel que o frade se tivesse illudido como outros se illudiram a respeito de tantos homens celebres na hora tremendissima da morte. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que o poeta, se fez os versos, não seria por mera impiedade, porque para isto era indispensavel uma outra organização, mas pelo entranhado amor que votava ao proprio talento de que não se esquecia mesmo no momento solemne do transe supremo.

Gregorio de Mattos era a satyra personificada. Tiral-a a elle era o mesmo que o matar. Secretal-a, o maior dos seus prazeres. Como a mais vigorosa funcção do seu cerebro, a satyra devia, portanto, ser a ultima que morresse ; dahi a referencia zombeteira, que por certo não lhe teria

acudido aos labios, se porventura não o affligissem com exhortações os homens de batina, que por tantos annos o haviam atanzado.

Gregorio de Mattos inquinara o lar domestico e rira-se á custa da divindade.

A satyra é sempre assim ; reagente de decomposição social nunca pára em seus effeitos. Away ! Away ! E o productor da satyra, convolvendo-se a todo o instante, a todos os momentos, nos seus incansaveis movimentos clonicos, devora tudo como o fogo, a tudo fere como o raio, cego, sem piedade, insoffrido, avido de gozo e do prazer que o mal provoca em certas naturezas. Imagine-se o selvagem debatendo-se entre as arestas da sociedade e da moral que o tentam deter e que o comprimem e ter-se-ha a imagem fiel do satyrico da especie que eu figuro, do Gregoro de Mattos que a chronica, os documentos e as respectivas obras me revelam..

III

O fauno. — Brejeirices do poeta em Coimbra e em Lisboa. — O « Marinicolas ». — Um juiz de má morte e as tres freiras do convento da Rosa.

§ 1

Impossivel para a vida regrada das pacatas conveniencias, encontramos Gregorio de Mattos desde logo, na universidade de Coimbra, fazendo estouro, e incompatibilizando-se com os collegas pela vehemencia dos epigrammas, armado de azorrague contra gregos e troyanos, aterrando os imbecis, impondo o orgulho que lhe incute esse tremendissimo talento do qual elle mesmo dizia :

« N'outras obras de talento
Só eu sou o asneirão,
Mas, sendo satyra, então
Só eu tenho entendimento. »

E porque, logo ao alvorecer da vida escolastica, viu que dispunha de uma arma irresistivel, lançou-se atravez da sociedade, sem receio de que algures o molestassem, certo da victoria, e

portanto inconsciente das resistencias que vencia e das torturas que causava. Deste dia por diante o poeta passou a amar a satyra, ou antes o seu talento, muito mais do que a si proprio, e por isso mesmo mais do que á verdade, *gemesse quem gemesse*. Dahi o pouco caso que fazia de muitas coisas delicadas, das quaes nunca teria tido o descoco de apartar-se, se a immuniidade do genio e temor dos que o cercavam não o fizessem sobrenadar ovante e satisfeito.

Seria magistrado, seria jurisconsulto e advogado nas terras dos Brasis ; sua intelligencia absorveria tudo ; mas o que nunca elle supprimiria do seu programma era o direito que a natureza lhe concedera de rir-se á custa do mundo, de divertir-se com as fraquezas do proximo, e de, exercendo a tyrannia do epigramma, saborear as contorsões da victima abatida deante dos seus olhos cupidos do effeito toxico do veneno propinado.

Quantas vezes não se encontram crianças mal-fazejas a contemplar, numa satisfação atroz, as convulsões de um sapo, ou de outro animal inoffensivo e feio, ao qual applicaram qualquer substancia corrosiva ? Entretanto, riem-se e riem-se por acharem ridiculos, grotescos, os movimentos convulsos do batracio e não terem ao mesmo tempo noção alguma da dôr soffrida. Em Gregorio de Mattos é bem provavel que o caso fosse o mesmo. Nem é possivel explicar por outro modo

o abuso de expedientes artisticos tão perversos, aliás, como já foi dito, justificados sob o ponto de vista da alta justiça social.

Não é facil conciliar a austeridade moral do espirito epigrammatico de que o estudante conimbricense se servia para affrontar a gente da cidade, com as obscenidades dos seus versos e principalmente com esse bandolim sempre visto entre os seus dedos nas assuadas e convescotes á margem do Mondego.

As obscenidades são desculpadas pela influencia da época. Como todos sabem, a contar de Boccacio, houve na Europa culta um movimento pornographico, que só terminou ou se escondeu, litterariamente falando, durante a reacção romantico-religiosa de Chateaubriand. Seculo houve, porém, como o XVII, em que, se não era signal de bom gosto, era pelo menos luxo ostentar nas obras mais sérias essa tendencia para porcarias e indecencias bem metrificadas. Em Portugal, por exemplo, como bem observou Camillo Castello Branco, no prologo a *Os ratos da Inquisição*, o judeu Serção de Castro « escreveu poemas ineditos de uma obscenidade que transcende as poesias fesceninas de frei Simão, o *torto*, de frei Pedro de Sá, o proverbio da brejeirice, e do Lobo da Mandragôa, as delicias do Sr. D. Pedro IV ». Não era muito, portanto, que o poeta brasileiro, nascido com um sangue escaldado pela seiva tropical bahiana, a exemplo do que se fazia então, portas a dentro

da Academia dos Singulares, em Lisboa, onde se perpetravam sonetos desbragados, mettendo a ridiculo tudo quanto havia de mais sagrado ; não é de espantar que Mattos, digo, desse largas tambem à sua brejeirice, que além de nativa, podia muito a tempo cahir no gôto do rei ou de alguma freira jucundamente amada.

Tudo isto estava nos canones da época e constituia, de parceria com os trocadilhos, agudezas e conceitos das escolas hespanhola e italiana, uma atmospherá litteraria em que todos os poetas, mesmo os mais conventuaes, mergulhavam sem querer, julgando praticar o mais innocente dos jogos permittidos. Nesta atmospherá, pois, o poeta brasileiro mergulhou o genio satyrico que lhe dera a natureza e o fez bem a fundo. O sangue queimado pelo sol tropical desse Brazil, onde florescia o *parica* indigena e os tupinambás encausticavam os órgãos sexuaes para augmentar as delicias do amor, deu-nos em Gregorio de Mattos o *fauno* mais acabado de quantos produziram as terras de Paraguassú.

Fauno era elle; e nenhuma outra physionomia classica serve tão exactamente como esta para caracterizar o auctor do *Marinícolas*. O seu retrato, tal qual o encontramos descripto na citada biographia composta pelo licenciado Rebello, não recorda outra coisa pelos traços da figura: « boa estatura, sêcco de corpo, membros delicados, poucos cabellos e crespos, testa espaçosa, sobranceiras

arqueadas, olhos garços, nariz aquilino, boca pequena e engraçada e barba sem demasias ». Este é o retrato do poeta quando já entrado em annos ; por elle, porém, pôde-se calcular o que não era ao tempo em que nas ruas e vielas de Coimbra exercia o epigramma sobre a gente simples do logar e se lançava, na malta dos collegas, através das surriadas dos adoradores da *sebenta*, de batina levantada e com os olhos congestos pela ferocidade da vaia jogralesca.

E' pena que os documentos coevos sejam tão escassos a respeito das miudezas intimas relativas á vida do poeta durante o tempo decorrido entre a sua formatura e o seu regresso para o Brazil (1).

Não obstante a escassez dos documentos, através das poesias satyricas desse brasileiro, de quem Belchior da Cunha Brochado dizia « com suas imagens e seus tropos bailava Momo ás cançonetas de Apollo », tão refinado era seu genio, daqui o estou eu enxergando a fazer a psychologia de Lisboa.

Para pôr em relevo a alma do fauno brasileiro, durante o exilio na terra dos seus detestaveis avoengos, basta, entretanto, recorrer aos versos que elle ali compoz.

Varnhagen, na *Historia do Brazil*, attribuiu ao autor do *Marinicas* o proposito estudado de imitar o castelhano Quevedo no que respeita ao tecido de anedotas que constitue a substancia

sua vida aventureira ; mas Varnhagen não tinha razão. Em primeiro lugar, Quevedo occupou outra posição na sociedade hespanhola ; adquiriu proventos, foi diplomata, intrigou na côrte e assumiu nos acontecimentos de sua epoca um interesse de que nunca o poeta brasileiro sequer teve noção ; em segundo lugar, um temperamento não se imita, e Gregorio de Mattos tinha em si todos os elementos para ser extravagante por sua conta, e no meio em que vivia encontrava provocações sufficientes para ser o originalão que universalmente nelle se reconhece.

Temperamentos de fauno existem em toda parte ; mas faunos da qualidade de Gregorio de Mattos é que não se descobrem aos pares. Relendo aquelles seus versos e supprindo o muito que podiam dar suas composições rigorosamente obscenas e perdidas, pôde se imaginar o poeta, depois de sete annos vividos em Coimbra, atravessando o Mondego e chegando á Lisboa armado de toda a vã philosophia e das subtilezas theologicas que n'aquelle tempo se ensinavam, sedento de viver e ainda mais curioso de verificar as reacções que o seu genio satyrico, experimentado e huido nas justas da samarra, produziria nas almas dos tolos e na simplicidade das beatas. Ahi se encontraria o diabo, o perverso tocador de gaita e bandolim, provavelmente em 1664, nas suas primitivas expansões, talvez ainda muito distante do Gregorio de Mattos da Bahia, o chacoteador que, só com

o pór dos oculos sobre o cavalete do nariz, quando á tarde olhava para as vidraças das casas nas ladeiras da cidade, provocava tanto riso e curiosidade como se o proprio Momo se mostrasse ; mas em todo o caso já trombeteiro de *má morte* (2).

§ 2

Nessa epoca começou a desenrolar-se um dos quadros da vida historica de Portugal mais digno de ser observado por um critico de raça e de ser transmittido á posteridade em versos impereciveis. Todavia durante essa epoca que foi tão immoral, em face de tamanhas devassidões principescas, a musa de Mattos vibrou apenas cinco ou seis vezes, pois não passam desse numero as satyras que se encontram nas collecções até esta data publicadas.

E' provavel que grande cópia das poesias obscenas, as quaes, segundo affirma o licenciado Rebello, dariam materia para um grosso volume, fosse produzida nesse tempo. Nellas talvez se contivessem dados mais positivos sobre a actividade do poeta. Não ha base, porém, para assegurar-o.

As execuções que a crueldade de D. João IV decretara em 1641 haviam além d'isto tornado sobrias e discretas as mandolinatas dos tunantes

e capadocios. Entretanto, que gaifonas o poeta não devia ter soltado como espectador das farças que precederam a empreza arrojada do energico e astucioso conde de Castello Melhor ? Diz a historia que este ambicioso em 1662, explorando a inepecia, a impotencia e o mau character de Affonso VI, que vivia a jogar pedras nas ruas de Lisboa de parceria com os garotos, conseguiu numa habil conspiração proclamar-o maior aos 18 annos de idade, e arrebatall-o deste modo a uma tutella incommoda e impolitica, a de D. Luiza. Ainda a historia nos conta que esse pobre moço, idiota, vivia então nas garras de um celebre Antonio Conti, taverneiro genovez, devasso e ruim, que, segundo as chronicas referem, com terriveis minudencias, fôra pescado pelo principe nas arcadas dos Paços da Ribeira ; outrosim reportam estas chronicas que a rainha mãe, vendo o filho apoiado no conselho desso miseravel *casten*, como hoje se diria, o qual lisongeava todas as paixões baixas do menino, constituindo-se ministro secreto de prazeres e libertinagens regias, a troco de uma influencia infamissima nos negocios publicos, acabou por não supportall-o, e, dando rebate aos sentimentos maternos, tomou o expediente de supprimir o *casten*, deportando-o, e privou o rei-menino do regente dessas inenarraveis indecencias. Sabe-se tambem que essa deportação serviu ao astuto Conde de pretexto para que levasse a effeito planos longamente amadure-

cidos ; e porque a mãe privara o rei-menino do seu precioso amigo, não se lhe tornou difficil convencel-o de que se tramava a sua eterna minoridade e que os amigos da patria podiam oferecer-lhe uma situação segura ou pelo menos mais decente e digna de um monarcha. Mostrou-se então ao imbecil Affonso VI quanto o haviam trahido. O conde, apenas de posse do poder na qualidade de primeiro ministro, cuidou, qual outro Mazarino, de systematizar-lhe os prazeres por meio de um *ministro de loucuras*, logar que então coube ao *conspicuo* Henrique Henriques de Miranda, tenente-general de artilharia ; e posteriormente arranjaram o casamento do menino com a famigerada Maria Francisca.

Taes alicantinas dariam para rir ás claras, se o ambicioso ministro não fosse, além de habilissimo, muito versado na arte das escamoteações politicas. Parece, comtudo, que Gregorio de Mattos no que toca ao genovez não emmudeceu de todo.

Suceddeu que Antonio Conti não se cingiu, na profissão de lenocinio, a negocios de quartos baixos ou a ladroeias de porçariço ; e tudo dá a perceber que por artes italianas, chegara até ás altas finanças concorrendo para a falsificação do peso da moeda real, expediente de que aliás muitos reis portuguezes já haviam largamente usado.

Gregorio de Mattos não o poupou, e, flagellando, escornando, jungindo o typo ao patibulo da sa-

tyra, como Apollo a Marsias, escorchou-o vivo, tirou-lhe o couro sem piedade, e não houve apodo que não lançasse a esse cavalleiro « de lindas partes », mettido em sege, « mais fidalgo que as mesmas estrellas », descendente « por machos de sangue tudesco, porém pelas femeas de humor meretriz ». O perfil do *Marinicolas* é de uma energia brutal e tem um calor extraordinario. Inflammata, queima, combure.

O fauno estava ainda em Lisboa e portanto não recebera a influencia do meio brasileiro ; mas já os seus versos tinham uma acrimonia calcinante que antecipava todos os horrores da sua futura musa. Vê-se no *Marinicolas* toda a pornographica idéa que elle formava do meio social liboeta. Os versos na satyra que se inscreve com aquelle nome, são obscenissimos, e, em alguns pontos, degradam-se na baixeza do pensamento e no bordalengo das celebres expressões do calão indiano, que depois tornaram tão procurado o livro 7º das *Obras* de Bocage. Sem embargo disso os intuitos do bahiano vão muito mais alto. No *Marinicolas* vibra o latego da impiedade economica e social. Pela descriptiva vê-se que se tratava de pessoa de estirpe estrangeira, que chegou a exercer influencia nos altos conselhos da monarchia e embrulhou a todos em magnificas combinações financeiras. Na Bahia o poeta (1686), muito tempo depois, fez allusão a esse facto, ao saber que tinham diminuido o valor a que se havia erguido

a moeda quando elle então estava na Côrte.

Neste ponto o poeta, além da satyra, mantinha-se na linha das boas idéas, profligando, naquelle tempo, os arbitristas de grandes patifarias para augmento rapido da propria riqueza e desrespeito das leis humanas e divinas.

O poeta, pois, celebrou a sua victoria e teve o prazer de ver as prophecias realizadas.

« Tratam de diminuir o dinheiro,
O dinheiro a meu pezar,
Que para a coisa baixar
O melhor meio é subir.
Quem viu tão alto ir,
Como eu vi a moeda,
Lhe prognosticou a quéda,
Como eu lh'a prognostiquei;
Dizem que o mandou El-Rei,
Quer creais, que não creais,
— Não vos espanteis que inda lá vem mais. »

Gregorio de Mattos, agredindo deste modo o Marinicolas, causador de tantos males, exercia um acto de alta justiça. Não lhe permittindo o temperamento faunesco atacar esta questão com a necessaria sobriedade e no tom exigido pelas discussões de ordem economica, elle vingou-se vomitando sobre aquelle desgraçado toda a bilis que tinha concentrado contra Portugal. Segundo a sua veia, o Marinicolas era o compendio de todos os vicios. Desde a pederastia passiva e o lenocinio,

até o tribadismo e os gozos superlativos na alta nobreza, tudo o poeta lhe attribuia ; e não obstante tudo isto, este explorador da propria esposa e do sogro, á custa de quem o

« o picaro vil
Se regala á ufa...

Comendo e bebendo como mochachim »,

foi quasi elevado a *Excellencia*, despachando-se com habito e tença, como se diz que acontecera, por eguaes merecimentos, ao marquez de Montalvão. Gregorio de Mattos, inexoravel, pedia o alto da forca para tão insolente ladravaz.

« E porque de mechanica tanta
Não foi dispensado, tenho para mim
Queem usar de mechanica falsa
Se soube livrar da mechanica vil.

E' possivel que calce tão alto
A baixa vileza de um sujo escarpim,
Para o qual não é a agua bastante
Da grossa corrente do Gualdaquivir ?

Marinicolas é finalmente
Sujeito de prendas de tanto matiz
Que está hoje batendo moeda
Sendo ainda hontem um vilão ruim. »

Mas acredita-se que Marinicolas foi apenas deportado.

Se por este motivo foi o poeta distinguido, tendo agradado aos conductores da revolução, e, algum tempo depois por outras insinuações cahiu no vailimento de D. Pedro II, é certo que não tardou em se tornar verdadeiro hospede nessa afamada côrte de Lisboa.

§ 3

Asseguram os chronistas que D. Pedro II o appreciou até ao ponto de decorar versos seus muito aggressivos e muito livres, em quo se atacava um grande personagem. Outrosim diz-se que, tendo o poeta prestado serviços a D. Pedro na usurpação do throno do infeliz irmão Affonso VI, havia-lhe o principe promettido, em troca do auxilio, o logar de desembargador da Casa da Supplicação, mas que a palavra dada não fôra cumprida. *Inde iræ*, accrescentam os biographos, e, como consequencia, attribuem a isto ter o poeta regressado á terra natal, desgostoso, descrente, mazombeiro, como dizia o versejador Pinto Brandão, o qual, sendo seu companheiro de viagem, exaltou depois o *crime de ser poeta*. Não acredito, porém, que o mazombismo de Mattos pudesse ter por sorte essa desintelligencia com o grosseiro usurpador. Em primeiro logar é muito pouco provavel que Gregorio de Mattos tomasse parte tão importante na empreitada que levou D. Pedro á exquisita re-

gencia, em nome do irmão deposto *si e in quantum*, como bem se poderia dizer usando da linguagem da chicana. Depois, como homem de espirito, era impossivel que elle esperasse coisa alguma desse irmão infame, que não hesitara em amasiar-se com a cunhada, associando-se com ella para a lucta emprehendida contra o valido conde de Castello Melhor.

Gregorio de Mattos devia, pelos tempos que então corriam, estar muito farto dos escandalos de que a côrte andava cheia. A impudicia de D. Maria Francisca, o seu desprezo pelo esposo, o escarneo francamente exposto á curiosidade publica, a nullidade do seu casamento escandalosamente pronunciada pela auctoridade ecclesiastica, as suas declarações no processo de que o marido nunca a abraçara, e, por ultimo, o seu casamento com o usurpador ; todas estas infamias de romanesca e pornographica memoria não podiam deixar o poeta indifferente ; nem os habitos epigrammaticos do auctor do *Marinicas* supportariam, sem denuncia metrificada, allianças e amizades desta ordem.

Taes considerações, portanto, trazem-me a convicção de que outras foram as causas do regresso do poeta bahiano para o Brazil.

Além disto, quaes os serviços que Gregorio de Mattos, naquellas condições, poderia ter prestado a D. Pedro II ? Poupal-o em suas satyras ? Mas, nos tempos de então, seria muito perigoso mote-

jar de relações amorosas tão equívocas e, sobretudo, do incesto praticado pelo infante. Acresce que D. Maria Francisca não era mulher para perdoar a mínima allusão á sua honorabilidade ; e não haveria satyrico bastante vigoroso para antepor-se aos desejos lubricos dessa princeza, que via na virilidade do cunhado a realização de todas as suas aspirações de mulher ciosa e de politica refalsada.

Gregorio de Mattos não era um imbecil ; e tinha bem presente na memoria as desgraças de que o poeta Ovidio fôra victima por menos graves allusões. O seu silencio revela a sua prudencia. Comprimido, sem encontrar campo para o seu genio, não havia outra coisa a fazer senão voltar para o Brazil. Sua philosophia já demonstrara que elle não era homem para coadunar-se com a gravidade do cargo de juiz do crime e de orphãos, que por volta de 1671 exercera na cidade de Lisboa. *Um juiz de má morte*, disse elle de si mesmo, denunciando a incompatibilidade de character.

Fauno em toda a parte em que apparecia, na politica, nas artes, na praça publica, no fôro, na vida particular, a sensação que Mattos produzia era a mesma que o deus sylvano produzia nos pastores da Arcadia, quando o capripede, roçando os chavelhos nos gravetos das arvores, quebrando com o pé fendido as palhas seccas, despertava os habitantes do fundo dos bosques, lançava a in-

quietação em suas almas com um olhar reveso, e perseguia as nayades e pastoras com a sua lascívia endiabrada.

A malignidade juvenil de Gregorio de Mattos foi consumida quasi toda em Portugal, aonde elle passou os mais formosos annos de sua vida. E durante os trinta e cinco que ahi esteve, a sua indole vagabunda nunca lhe abriu ensanchas para que tomasse estado. Bohemio, descuidado, hoje o chamariam de bilontra; e seguramente por isso não casou enquanto moço; manteve-se até voltar á patria solteirão, e talvez que isso fosse causa das eternas irregularidades do seu comportamento. As jogralidades seduziam-no de continuo, e Portugal não tinha os encantos da Bahia. Não obstante nas suas satyras de Lisboa encontram-se vestigios de que elle não perdeu largo tempo em esperar desembargatorias.

Época de escandalos nas altas regiões, estavam em moda os outeiros e aproximavam-se os tempos dos amores freiraticos de D. João V. A's janellas dos conventos havia surriadas; e o satyrico não foi menos frequente do que outros a essas dilectas assembléas. O cabritismo brasileiro não se conteve diante das pobres monjas portuguezas.

Na poesia intitulada *As tres freiras do Convento da Rosa*, tres irmãs, conforme declara o poeta, a quem o auctor ouviu cantar e a uma tanger o rabecão, encontra-se um perfume ençontecedor. Embora no lyrismo de taes versos se achem resai-

bos dos conceitos então em moda, ha nessa poesia um *indefinivel*, que não se descobre nas composições dos contemporaneos. Descreve elle tres meninas chamadas Clara, Branca e Maria. A primeira é a « rosa das freiras » ; a segunda « ensinava Cupido a atirar settas » ; e a terceira « chove-lhe a graça dos olhos ». Estas tres gentis deidades concedem ao atrabiliario bahiano uma sessão de musica conventual. O poeta não resiste e, uma vez no aprisco, quer as tres ao mesmo tempo.

« Entretanto logo um sol,
Em consequencia jucunda,
Prima terceira e segunda,
A lyra formam de Apollo ;
Vaguei de um e outro polo,
Mas foi diligencia vã,
Porque a cara mais louçã
Cotejando-a nas brancuras,
Com as tres irmãs formosuras,
Não vi formosura irmã.

Vendo tão raros primores,
Para em retrato adorar-vos,
Trataram de retratar-vos
Estes meus versos pintores ;
E me tendo já de côres
Essas vossas luzes puras
Entre metricas pinturas
Ficam, de muito emendados,
Meus versos os retratados,
E não vossas formosuras. »

O lyrismo do poeta, sobretudo, era difficil em Portugal. E ahi tem um dos maiores desgostos do bahiano.

Gregorio de Mattos parece que nunca topou galegas que verdadeiramente o agradassem, a não serem freiras, pelos attractivos que advinham dos mysterios dos claustros ; e se de galegas se occupou foi para dizer sómente que eram :

« Pés de puas oom topes de sêda.
Cabellos de cabra com pés de marfim,
Pés e puas de riso motivo,
Cabellos e topes motivos de rir. »

Em outro hemispherio devia elle descobrir o verdadeiro typo da mulher.

Seja como for, evadindo-se da ingrata terra de seus avós, Gregorio de Mattos despediu-se de Coimbra, do Tejo e dos seus fidalgos de linhagem em termos proprios do Aretino.

Lisbôa era para elle a cidade « tão nobre » e de « gente tão honrada », onde

« O fidalgo de solar
Se dá por envergonhado
De um tostão pedir prestado
Para o ventre sustentar ;
Diz que antes o quer furtur
Por manter a negra honra,
Que passar pela deshonra
De que lh'o neguem talvez. »

Lisboa, era a cidade dos amores de D. Pedro, e bem mostrava a sua gloria a quem quizesse ver e dizia que

« A donzella embiocada
Mal trajada, peor comida.
Antes quer na sua vida.
Ter saia que ser honrada. »

Lisboa, emfim, que para manter « a sua negra honrinha » se amancebava com toda a clerizia e aconselhava aos maridos a tolerancia de frei Thomaz, e que por cima de tudo ainda deixava aos lettrados, advogados peralvilhos, comerem nas questões « de ambos os carrilhos », que se orgulhava de juizes madraços, fabricantes de sentenças sem pejo, que se revogavam por dinheiro, que se babava com a fradalhada ladra dos conventos, « qual formiga em correição », e mantimenteira da honra das familias, que os mercadores roubavam em 200 % na compra e venda, e os paes e irmãos faziam crescer correndo todo o dia *a la coxia* « com recadinhos » aos cupidos e aos adonis ; pois bem, a essa Lisboa afinal, coito incuravel de molestias, o cansado Gregorio de Mattos partindo enviou um adeus de mão fechada, e arrancando o chavelho de fauno aborrecido, atirou-o ás heroicas plagas de Camões para que os seus patricios o roessem, em sua memoria, eternamente,

E assim passou-se para o Brazil.

IV

A terra. — O phenomeno da obnubilação. — A Bahia; melo hybridó; influencia da negra mina. — O Reconcavo e as suas riquezas.

§ 1

O regresso de Gregorio de Mattos para a *Terra dos papagaios* constitue facto capital em sua biographia.

Um dia o poeta arrumou nas malas o genio que o diabo legara-lhe em testamento, ensacou as contrariedades de envolta com a roupa suja, e, embrulhado no manto de Diogenes, atravessou o Atlantico em busca dos seus penates. O autor do *Marinícolas* nunca se lembrou de contar a historia dessa travessia; mas póde-se imaginar o azedume da musa durante uma viagem longa, como eram as que se faziam naquelles tempos. Depois de trinta e cinco annos de Portugal, supportar cincoenta ou sessenta dias de encerro, em um navio estreito e immundo, entre mar e céos, sem companhia de lettrado, senão a de outro poeta lyrico, devia ter sido para Gregorio de Mat-

tos motivo de satyras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. E' provavel tambem que o enjôo lhe embaraçasse a *verve*, obrigando o bacharel *mazombo* a philosophar sobre o futuro que o aguardava na Bahia. O que é certo é que a sua chegada ao Brazil creou-lhe uma *alma nova*. O confronto da obra que o poeta realizou dessa data em deante com a effeituada nos annos anteriores, demonstra que elle, se não voltasse á patria amada, não teria ido além das satyras aggressivas do genero do *Marinicolas*.

Pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desentoxicar-se e restituir a si o genio perdido em Portugal. Gregorio de Mattos, portanto, evadindo-se do meio onde se achava, salvou o melhor poeta satyrico das Americas.

Em outra parte eu já expliquei que a chave para a comprehensão da originalidade da litteratura brasileira, pelo menos nos dois primeiros seculos, estava na analyse do phenomeno aqui operado e a que conferi o nome de obnubilação. Consiste este phenomeno na transformação por que passavam os colonos atravessando o oceano Atlantico, e na sua posterior adaptação ao meio physico e ao ambiente primitivo. Basta percorrer as paginas dos chronistas para reconhecer esta verdade. Portuguezes, francezes, hespanhoes, apenas saltavam no Brazil e internavam-se, perdendo de vista as suas pinaças e caravellas, esqueciam as origens respectivas. Dominados pela

rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos elles se transformavam quasi em selvagens; e se um nucleo forte de colonos, renovado por continuas viagens, não os sustinha na lucta, raro era que não acabassem pintando o corpo de genipapo e urucú e adoptando idéas, costumes e até as brutalidades dos indigenas. Os exemplos historicos surgem em penca: Hans Stade, Soares Moreno, Pae Pina (Amanayara), Anhanguéra, e os trugimões ou linguas que deram tanto que fazer a Villegaignon. O mesmo jesuita Anchieta não escapou a esta influencia; a sua vida entre os selvagens e o seu prestigio contra os sacerdotes indios attestam que este padre, se não por imposição do meio, ao menos por arte refinada, se fez um legitimo *pagé*. A missão do thaumaturgo brasileiro, como o chamavam, nas florestas do Sul, não se pode explicar senão pelas feitiçarias, aceitas ou habilmento copiadas, dos piagas, e com que elle catechisou os seus caboclos (3).

§ 2

Quando Gregorio de Mattos aportou em 1679 á Bahia, com a idade de cincoenta e seis annos, a cidade de S. Salvador havia passado por grandes transformações.

Os bons tempos dos padres da Companhia de

Jesus e daquelle a quem Varnhagen chamava o *Orpheu americano*, o grande Nobrega, estes tempos aureos já estavam muito longe. Havia uma coisa, porém, que não mudara. Os aspectos da natureza tropical continuavam a ser os mesmos: e tanto bastava para que o poeta se sentisse reviver. O velho fauno, pois, hauria o mormaço da terra como se haure uma bebida embriagadora: e a poesia se lhe desabotoou nos versos quentes e cantharidinos que todos os amadores das boas letras devem conhecer. Antes que cantasse « na sua lyra maldizente » as « torpezas do Brazil, vicios e enganos », o auctor dos tercetos aos viciosos, foi por momentos optimista. Nem todas as poesias de Mattos vertem o fel da satyra: emquanto durou-lhe a influencia sedativa dos novos ares, elle se deleitou em cantar as delicias da Bahia. As impressões que os coqueiros do Reconcavo, os prados risonhos e os outeiros floridos das ilhas produziram em sua imaginação, deviam ter cicatrizado muitas ulceras abertas em sua alma pela vida antipathica de Lisboa.

Esse ninho tepido de amores chamado Bahia de Todos os Santos muito melhor se appellidaria de Cythera, se os encantos e as louçanias com que a natureza arreiou esse berço da civilização brasileira não tivessem attrahido para abi os jesuitas e os mais refinados politicos produzidos no paiz. Não foram os frades e chronistas indifferentes a tão perigosa tepidez. No jargão em que es-

creviam as suas noticias legaram-nos verdadeiros poemas decriptivos, tal a força das sensações que lhes deixavam os beijos da paysagem, o aroma das resinas, o matiz das flores, o cheiro das fructas e o ruido dos passarinhos. A prole encarregou-se depois de commentar esse desavergonhado lyrismo. Frei Bastos teve de muito longe seus precursores. Todos os paraísos possuem a sua arvore de luxuria. No Reconcavo, com certeza, essa arvore fôra plantada com a mesma cavilação da legenda, porque, segundo contam os ditos chro-nistas, já no tempo em que os tupinambás percorriam como senhores absolutos as costas do Brazil, nesse retiro operara-se por causa de uma Helena indigena uma guerra tão crua, senão peor do que a de Troia celebrada pelo divino Homero.

Os antigos acreditavam numa influencia sobrenatural, a que denominavam *genius loci*. Na Bahia esse genio manifestou-se em varias coisas e por varios modos. Gabriel Soares, por exemplo, pretendeu surprehendel-o no conjuncto da cidade nascente cujo aspecto risonho, alegre, dava de longe um verdadeiro rebate de satisfação electrica ao espectador. As casas brancas cavalgando a falda da collina ; os quintaes tufados de pomares em flor ; as laranjeiras carregadas dos fructos maduros ; as palmeiras surgindo por sobre os telhados e balouçando-se ao som da aragem balsamica que soprava de Itaparica ; o conjuncto de tão bellos aspectos, circumdados pelas ribeiras de

terra e pelas aguas esmeraldinas do mar, que sahiam barra fóra para perder-se na amplidão do oceano; tudo isto o enlevava e obrigava o chronista a soltar gritos de prazer, desse prazer sadio que é o prodromo dos grandes trabalhos de observação. O seu *Tratado descriptivo do Brazil*, com effeito, mostra que elle afiara o seu engenho nas subtilezas que por essa terra jucunda lhe eram reveladas. E não foi só elle a victima desse encantamento tropical. O severo Manoel de Nobrega, o espirituoso Cardim, o dedicado Aspilcueta Navarro, todos os que foram aportando áquellas plagas se deixaram successivamente dominar por essa bebedeira tropical.

Terra suggestiva, logar miraculoso, sem a solemnidade acroceraunia das montanhas do Guanabara, a angra de Todos os Santos dir-se-hia ter sido construida de proposito para um enorme bio-terio, morno ainda da força geradora dos tempos prehistoricos. Posta no centro do Brazil, tendo o rio de S. Francisco quasi á mão, a região de Paraguassú se destinava pela natureza das leis geographicas a ser o ponto de partida das impulsões civilizadoras do paiz. E os factos se encarregaram de exagerar esse direito primacial. Apenas Thomé de Souza fundou a povoação, que de futuro seria a cidade hybrida que hoje conhecemos, de toda a terra dos Brazis começaram a convergir para aquelle ponto os elementos que deviam constituir a vida brasileira.

Fôra intuito do rei de Portugal, mandando o primeiro governador para o Brazil, tirar este paiz da anarchia em que o tinham posto os capitães-móres donatarios; e Thomé de Souza, assumindo as redeas do governo da colonia, soube corresponder ás vistas da metropole. Rapidamente realizou-se o que el-rei recommendara em sua carta régia de 7 de Janeiro de 1549. Para « conservar e ennobrecer as suas terras do Brazil », a povoação da Bahia de Todos os Santos fez-se « grande e forte » como elle desejava ; deu-se « favor e ajuda » a outras povoações, « cumpriu-se o serviço de Deus, » e centralizou-se a administração com o auxilio de um ouvidor geral, um provedor-mór e um capitão-mór da costa encarregado de defender o littoral. Tanto bastou para que o que era até então amorpho, surgisse como um corpo valido, rijo e cheio de vida. O Brazil teve uma cabeça e essa cabeça offereceu logo sérias resistencias. Todavia, os jesuitas que acompanharam ao primeiro governador em missão espiritual e civilizadora, tendo á frente o nunca assaz lembrado Manoel da Nobrega, encontraram difficuldades quasi invenciveis, porque o Reconcavo havia sido viciado pelo celebre Caramurú, o qual, fazendo larga prole entre os indigenas e transigindo com as suas pessimas inclinações, desencadeara nesses barbaros a cobiça e ensinara-lhes o caminho de obterem dos brancos as vantagens sem o troco do serviço. A' vista disto os proprios jesuitas concor-

daram que se tomassem as primeiras medidas de rigor. Mas isto era o menos, porque os brancos que se tinham aclimatado naquellas regiões, de parceria com os indios, e completamente entregues á mais brutal relaxação, sem exceptuar os mesmos sacerdotes, offereciam o mais repugnante exemplo do quanto póde a luxuria em terras tropicaes. O padre Nobrega, mal encetou sua missão, tratou logo de extirpar da fraca colonia portugueza esse peccado nefando e horroroso. Servo de Deus, o que poderia elle allegar senão que por ali andavam artimanhas do diabo? Ignorando, com certeza, a influencia das leis mesologicas e outras interferencias, de cuja descoberta se orgulha a sciencia moderna, o heroico jesuita atacava o facto como este se lhe mostrava, e, de cruz alçada, ia prégando contra os vicios peccaminosos, ao mesmo tempo que escrevia para Portugal solicitando instantemente a remessa de mulheres brancas, ainda mesmo prostitutas, que se converteriam casando com os degredados (4). Tudo isto, porém, tinha seu destino. Era indispensavel para a constituição do typo bahiano que se fizesse uma caldeação de raças, de sentimentos e de instinctos, antes que a Bahia conquistasse a sua autonomia. Foram os tupinambás os primeiros a dar seu contingente. O que eram estes indigenas, em materia de amores e artes correlativas, refere-o, com tintas de um realismo admiravel, Gabriel Soares no seu *Tratado descriptivo*, de modo a não se

pôr duvida á parte que tiveram no ensinamento dessas artes ao colono boçal, despedido da metropole e avido de sensações. O capitulo CLVI daquella inestimavel obra indica as loucuras de que seriam capazes esses pobres colonos deante das tupinambás, vergastados pela solidão, pelo clima, por um alimento acre e pelas suggestões de uma vegetação sempre verde e enormemente carregada de resinas aphrodisiacas.

Não tardara unir-se a esse elemento erotico, o forte sensualismo dos africanos. Este importantissimo elemento da nossa colonização impregnou a Bahia, mais do que a qualquer outra região do Brazil, de umas tonalidades originaes de mestiçagem, dignas de serem analysadas ao clarão da critica de um Taine, ou de um Hennequin. A negra mina, carinhosa, intelligente e bella, seduzindo com a formosa carnadura e pelo busto lustroso e esculptural da Venus africana o portuguez libidinoso, não custou a vencer a indigena nesse concurso de procreação. E' verdade que a mulher tupinambá tinha a indolencia das orientaes, o abandono das naturezas morbidas, a molleza, a indecisão, o embalar eterno da rede e o gozo vago, intermittente, quasi indefinivel dos batracios. Enervantes, depravadoras, é bem certo que, se não concorresse a outra mestiçagem, o colono portuguez nunca mais sahiria do tejupar, nem abandonaria a rede para brandir a enxada ou o machado e desbravar a floresta. Mas essa

enervação não podia deixar de causar-lhes medo. Os instinctos sabem buscar os seus caminhos. Acresce que a india desconfiada não era capaz de constituir *foyer*. Ao contrario de tudo isto, a negra mina apresentava-se com todas as qualidades para ser uma excellente companheira e uma criada util e fiel. Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo que nutria um fogo inextinguivel, ella sabia dirigir-o e aproveitall-o em beneficio da propria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precarias em que no primeiro e segundo seculos se achava o Brazil em materia de bello sexo, era impossivel que a mina não dominasse a situação. E, de feito, em toda parte do paiz onde houve escravatura ella influiu poderosamente sobre o gallego e *vaccinou* a familia brasileira.

Podia, portanto, o padre Nobrega bradar quanto quizesse contra o que reputava « grande mal » escrevendo ao padre mestre Simão Rodrigues que « a gente da terra vivia em peccado mortal e nenhum havia que deixasse de ter muitas negras das quaes se enchiam de filhos » ; a preta mina não recuaria, e, victoriosa, daria tom a essa mesma libertinagem, a essa desenfreada polygamia de que tão incommodado se mostrava o missionario jesuita. Cada vez mais entranhada no seio da familia colonial, a africana, quando não senhora do lar, era a medianeira da cozinha e a providencia dos quartos baixos. Não possuindo força intellec-

tiva para elevar-se sobre a fatalidade de sua raça, ella empregava toda a sua sagacidade affectiva em prender o branco e a sua gente na tepidez do collo macio e acariciador.

Foi nesse regaço, pois, que a Bahia medrou e se desenvolveu. Ahi formou-se a *yayasinha* e emballada na côxa avelludada aprendeu a ser dengosa e a nada fazer. Nesse collo macio lhe ensinaram a ser supersticiosa, ao som de cantigas africanas e reminiscencias fetichistas. Foi nessa escola tambem que a menina brasileira aprendeu a ser dissimulada e a enfeitiçar os outros com a sua indolencia tropical. A' negra africana igualmente deve-se a criação do petulante e vicioso *yoyó*. Com ella ensaiou-se o adolescente nas primeiras batalhas do amor. Até o proprio *sinhó velho* deixou-se seduzir pelas suas cautelosas e discretissimas caricias, que a *sinhá da sala* deixava de enxergar talvez preocupada com os multiplos serviços que a preta lhe prestava, condimentando os acepipes e instruindo-a com a riqueza da culinaria da contra costa.

Nesse aconchego lubrico, apimentado pelos vatapás, pelo dendê, fortalecido, intensificado pelo côco e pelas delicias da moqueca ; enlanguecido pelas cantigas e lundús e por mil outras coisas miudas que a imaginação da africana levantava afim de tornar a vida tão acre como ella a sentia nos adustos desertos do continente negro ; nesse ninho de volupia gerou-se uma raça de mestiços,

eloquente, resonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as idéas, os sentimentos e até a politica dos brancos dominadores da terra,

De onde procede o *capadocismo* bahiano senão deste hybridado regaço ? !

§ 3

O meio, constituido pelo modo anteriormente descripto, evoluiu e diferenciou-se sob o influxo de variadas interferencias, as quaes em seu logar serão devidamente analysadas. Da mesma maneira, porém, que a colonia de Penn na America do Norte formou nucleo de resistencia, conforme observa Tocqueville, influiu sobre todas as formações posteriores, e reagiu contra as outras raças, dando por ultimo o typo *yankee* ; assim o molde, levantado durante o predomínio de Thomé de Souza na Bahia, não se quebrou, e o residuo, o *sarro* quilotado no fundo do cadinho pelas primeiras paneladas, nunca mais deixou de resaibar as combinações determinadas depois pelos novos elementos que concorreram para o incremento da colonia.

O prestigio dos jesuitas por fim enfraqueceu. As diversas ordens religiosas, principalmente a dos beneditinos, que no Brazil não achavam ma-

teria para estudos de eruditos, começaram a procrear *cabritos* nas suas fazendas e a aperfeiçoar os methodos de cruzamento ethnico *ad majorem dei gloriam*. As missões perderam o seu character primitivo e santo ; e aos padres pareceu preferivel ficarem a commodo, engordando nos claustros e tocando viola, a se arriscarem nos invios sertões atraz de indios, como Anchieta, para baptizal-os e ensinar-lhes doutrina christã. Cresceu a desmoralização da colonia, se bem que a força e a vida se tornassem mais intensas. E para isto largamente concorreram os factos politicos.

Antes de tudo encontramos o estabelecimento da primeira Relação na cidade da Bahia. Esta criação não foi um beneficio, como fôra antes a do ouvidor geral. A Bahia enriquecia e a fartura andava depravando os appetites. Nestas condições o que um bom governo devia fazer era refrear esses appetites, ordenar a riqueza, mas nunca augmentar o numero de comedores reinóes improductivos, corrompidos theorica e praticamente, com a idéa fixa da exploração do *mazombo*, e portanto dispostos a enriquecem pela chicana e pelas tratantadas. Succedeu, pois, o que devia succeder. Em 5 he Maio de 1609, installada a Relação com o regimento de 7 de Março, agazalhados os illustres desembargadores por D. Diogo de Menezes, cabiu sobre a Bahia uma verdadeira praga de lettrados, advogados e rabulas, os quaes, embebedados pela riqueza da terra, pelo desapercbimento

de seus habitadores, pela luxuria dos padres e pela facilidade em entregar os possuidos da maior parte, tornaram-se mais audazes do que os carthaginezes, mais crueis do que os antigos piratas do Mediterraneo (5). Esta praga, valha a verdade, durou apenas dezeseis annos, porque, sobrevindo a conquista hollandeza, cessaram as funcções da Relação, e os letrados se afugentaram do Brazil por perto de cincoenta annos.

Outras causas, porém, de relaxação entraram na colonia e a privaram por longo tempo de regimen politico, forte e moralizador.

A decadencia da metropole, traduzida por ultimo nas loucuras de D. João V e preparada pelas artimanhas commerciaes da Hollanda e pelo desastrado jugo hespanhol, fizeram do Brazil um atoleiro de vicios. Mandava quem queria : ninguem obedecia. Durante um seculo de desgoverno, todavia, pulularam nesta terra primorosa todas as fontes de prosperidade ; remexeu-se a seiva de uma nova raça e fez-se o humus moral de onde devia sahir a futura vida nacional. Tudo crescia pela força natural das coisas, e a Bahia foi reflectindo todo esse crescimento de um modo espantoso. Surprehendem as estatisticas da riqueza do Reconcavo no seculo XVI, que parece ter sido o periodo da fundação das verdadeiras fabricas de assucar, dessas fabricas que haviam de arrancar á penna de André João Antonil um livro admiravel, a ce-

lebre *Cultura e opulencia do Brazil por suas drogas e minas*, em 1711.

Toda essa phenomenalidade devia-se ao contacto do homem e da terra. Por menos operoso que fosse o colono, a producção exuberava, e a liberdade o fazia agir. Depois, havia muito arrojo de aventureiro, muito delirio romanesco nos povoados ; a febre das descobertas e dos diamantes exacerbava a cobiça e a imaginação dos povos ; e ao passo que os bahianos no Reconcavo desenvolviam a propriedade rural, os paulistas remexiam o sertão, invadiam os desertos, *bandeiravam* os indios e tocavam as riquezas das minas para os nucleos coloniaes. De quando em quando os naufragos dos *Descobertos* surgiam na cidade de Todos os Santos ; e não foram sem exemplo as sortidas ao Sincorá, ao Orobó, a Jacobina, de onde, se não vieram rios de ouro e diamantes, derivavam maiores e mais altos dezechos de riquezas, por milagre. Foi nessa epocha que se iniciaram pelo menos as lendas de Roberio e os romances de thesouros de *Mil e uma noites*.

O luxo despropositou-se. Que fim tinham dado aos degredados e aos missionarios que faziam as suas choupanas de juncos com as proprias mãos? Tudo isto já ia muito longe. E ao mesmo tempo que, em Pernambuco, Mauricio de Nassau infundia na população um sentimento de luxo e grandeza invejaveis, levantando palacios encantados e dando festas por occasião da aclamação de D.

João IV, quasi tão esplendorosas pelos brocados e fanfarras como as que se faziam na Hollanda, o feudalismo dos senhores de engenho da Bahia se erguia pujante, deslumbrando os colonos recém-chegados e a população miuda com a prodigalidade de seu viver voluntarioso e tropical.

Em 1587 já a Bahia exportava 120.000 arrobas de assucar, produzidas por 16 engenhos « moentes e correntes » ; ostentava 40 igrejas, concluia a sua Sé, tinha o seu rico mosteiro de S. Bento, e por suas 16 freguezias esparzia a alegria e o frescor da vida. Tudo isto o autor do *Tratado descriptivo* attribue á fertilidade do sólo e á pujança biologica da flora e da fauna brasileira. E' quasi incrível o que elle refere a respeito da reprodução dos animaes e da fecundidade das femeas, das plantas e dos *mantimentos*. Com duas pódas ordinarias as parreiras davam duas *novidades* por anno. Os fructos cahiam das arvores todo dia. A figueira abundava, a pacova, o cará, o inhame e o milho, rompiam de toda a parte, como um encantamento de paiz phantastico. « As novilhas, accrescenta elle em sua linguagem pitoresca, como são de anno, esperam o touro e aos dous annos vem paridas, pelo que acontece mamar o bezerro na novilha e a novilha na vacca juntamente, o que se vê tambem nas eguas, cabras, porcas e ovelhas. » Póde-se por estes dados avaliar o incremento posterior dessa terra de abundancia. Dahi a alegria bahiana e as festas e folganças que tanto aturdi-

ram a Fernão Cardim, quando ali parou. Havia mais de cem moradores, diz Varnhagen, que colhiam por anno de mil a cinco mil cruzados, e fazendas que valiam 20.000 até 60.000 cruzados.

Nestes tempos de fartura, em que os ricos da Bahia não dispensavam os luxuosos palanquins da India, as mais duras cabaias, os serviços de prata, os cavallos de preço, ajaezados de guiões e selins de ouro, e os criados e os moleques a character, chegava o luxo até para os peães, os quaes, segundo os informes do tempo, não queriam senão sedas e damascos para as vasquinhas e gibões seus e de suas mulheres. Um viver morno e delicioso.

Neste meio, embora em crise de cansaço, cáhiu Gregorio de Mattos, cheio de despeitos contra Portugal. Alguns lettrados de genio tinham-no antecipado, nomeadamente o celebre padre Vieira, que com ser um grande prégador e um inexcédível escriptor, não deixou por isso de mostrar-se o mais paspalhão de quantos quizeram ser politicos nos Brazis. Porque não seria elle um seguidor destes grande homiens ?

A musa de Gregorio de Mattos entrou, pois, na Bahia, amena, festiva, e aceitou, ebrifestante, o conluio com esse carnaval biologico que passava.

V

A verdadeira musa do poeta. — Influencia da mulata sobre as suas trovas e epigrammas

§ 1

As scenas que mais impressionaram o poeta foram as que se singularizavam pelo contraste com as da vida metropolitana. Todavia, os aspectos exteriores não o interessavam.

O satyrico é sempre um psychologo. Os espectaculos que o ferem e impressionam são os da alma humana ; o seu campo de operações é o dos costumes. Já se vê, portanto, que Gregorio de Mattos não podia ser attrahido pela paizagem. A natureza morta não tinha acção sobre os seus nervos, nem incentivos para obrigar-o a esse poetar novo, desconhecido, caracteristico da prosa do pre-romantico Anchieta e da de outros contemplativos, que escreveram chronicas e relações sobre o Brazil durante o seculo XVI. De facto, não ha entre as poesias do autor do *Marinicolas* um só verso que de longe ao menos traduza o bucolismo da vida brasileira d'aquelles miraculosos tempos.

O genio de Gregorio de Mattos era de guerra; buscar a quietação da natureza que tem effeito sedativo para os nervos, que seduz o coração, eleva o espirito e santifica a alma, seria para elle o mesmo que requerer a morte. A sua indole votava o mais soberano horror ao repouso e ao idyllo. O socego alheio dava-lhe gana de brigar. O ambiente brasileiro, pois, devia colhel-o por meios indirectos, e o vehiculo dessa captação foi a mestiça, a mulata da Bahia. Elle porém, não se entregou a essa influencia obnubilante de todas as idéas e gostos antigos e manias eroticas contrahidas nas margens do Mondego, sem que primeiro atravessasse uma phase de guerra crua e desapiedada contra tudo quanto na colonia lhe lembrava a vida de Lisboa.

Inconsistente no querer, se é verdade que elle, dotado de tão alto engenho, tinha razão para aspirar as maiores posições n'uma terra de reinos desbandeirados e de mestiços atrevidos, não menos exacto parece que o seu saber, a sua theologia e o seu direito não lhe davam criterio para encaminhar os seus esforços em um sentido unico. Como veremos adiante, Gregorio de Mattos meteu-se com todos, tudo experimentou, de tudo se retirou e com pouco reconheceu que não o largava a mesma caipora que o perseguira em Portugal.

Rapidos correram-lhes os annos na Bahia. Casando-se em avançada idade, talvez para ar-

ranjar-se, mas por ultimo repellido unanimemente e inutilizado tanto em annos como em honrabilidade, vamos encontral-o reduzido a um réles bohemio, quasi louco, sujo, mal vestido, a percorrer os engenhos do Reconcavo, de viola ao lado, tocando lundús e descantando poesias obscenas para regalo, naturalmente, dos devassos e estupidos Mecenias da roça que lhe nutriam a gulodice senil. O fauno de Coimbra, em ultima analyse, degenerava no velho satyro do mulatame.

Todavia valha a verdade, se n'esta época acha-se condensada a vida negra desse mau marido e pessimo cidadão, foi durante ella que a musa do poeta se apurou e produziu as melhores satyras, que o Brazil possui, e o lyrismo creoulo, cuja originalidade, com pezar o digo, enaltece a nossa litteratura tropical.

§ 2

Relendo os seus versos descubro vestigios evidentes da sua estada na villa de S. Francisco e nos engenhos da Cahahyba, de Parnamerim e outros. Foi nestes pittorescos logares que o seu sybaritismo implacavel refestelou-se a gosto e deu tratos á cachola dos seus brutos inimigos. Foi ahi tambem que as mulatas inspiraram os melhores e mais quentes versos de sua lyra, e lhe infundiram talvez o unico movimento de gratidão

que se stereotypou nas afamadas estancias da despedida á *Gente da Buhia*, quando o governador D. João de Lencastre o remetteu para Angola.

« As mulatas me desprezaram,
A quem com veneração
Darei meu beliscão
Pelo amoroso.

Geralmente é mui custoso
O conchego das mulatas,
Que se foram mais baratas,
Não ha mais Flandres.

Não ha no Brazil mulata
Que valha um recado só,
Mas Joanna Pacaró
O Brazil todo.

Se em gostos não me accomodo,
Ao mais não haja disputa,
Cada um gabe a sua truta,
E haja socego. »

Este socego é o que, apesar de tudo, nunca o satyrico conseguiu lograr. A sua internação no Reconcavo collocou-o no mundo que lhe aprazia. Os cannaviaes, as casas de purgar, os telheiros de assucar, as folias da moagem, as noitadas nas senzalas, offereciam ao velho desmoralizado a liberdade, sem espionagem, que elle desejava

para passar o resto dos seus dias, alegre e mal-dizente. Na capital da Bahia havia devassidão, mas também havia governador e cabido; todos se escondiam quando buscavam seus amores; no Reconcavo, porém, reinava a maior franqueza e a mais franca hospitalidade, e os, proprios *senhores feudaes* eram cúmplices na erotica safar-danagem. Comprehende-se perfeitamente esta insolita situação.

Homens fortes e escaldados não podiam limitar-se á monotonia e regularidade da vida conjugal no lar domestico. De dia, ralhos com a dona da casa, inspecção das fabricas, dormir á sesta e chicóte nos escravos; de noite, em que occupariam o corpo e o pensamento? Nas cidades havia o jogo, a intriga e a *botica*; na fazenda só se encontrava o recurso das senzalas dos vizinhos. Estas senzalas, pois, faziam-lhes os mesmos recreios que hoje proporcionam aos casados bilontras o Polytheama e as *cavernas* das sociedades carnavalescas; e porque a negra africana, pesada, dura, conservadora, era mais propria para a mancebia regrada, do que para os excessos da vida airada, succedeu que as mulatinhas desequilibradas, as mucamas ociosas, tiveram gradualmente de fugir dos aposentos reservados da senhora e crear o typo essencial do miudinho e do lundú (6).

O *folk lore* brasileiro está cheio de trovas e dansados, cuja origem não se encontra senão no sensualismo doido e inutil das mestiças desta es-

pecie. A riqueza das silvas populares é infinita. Desde a toada do jongo primitivo até a delicada cantiga de recente data *Onde vai seu Pereira de Moraes ?* verifica-se a poderosa inspiração insuflada na musa inculta do povo pelos encantos e vivacidade da mucama.

Cahir no meio dessa gente foi para Gregorio de Mattos o mesmo que agglutinar-se e resumir em forma culta tudo quanto de doce e suave existia nessa esthesia demotica. Foi então que o seu lyrisimo ascendeu á originalidade de um Petrarcha sertanejo. O chiste das morenas, conchas dos seus quindins, arditos, partistas e faiscas, apoderou-se-lhe da viola e não deixou de guial-o, divertilo, inspiral-o até morrer.

E' preciso ver o carinho com que o poeta afagava a este genero de deidades nos versos a *Duas moças pardas* :

« Altercaram-se em questão •
 Thereza com Maraquita
 Sobre qual é mais bonita,
 Si Thereza, si Assumpção ;
 Eu tomo por conclusão
 Nesta questão altercada,
 Que Assumpção é mais rasgada,
 E Thereza mais senhora,
 E o galante que as namora
 Verá a conclusão provada.

Si Thereza é mui bonita,
Mulata guapa e bizarra,
Com mui bom ar se desgarra
A mestiça Maraquita:
Ninguem a uma e outra quita
Serem lindissimas cambas,
E o Cupido, que d'entre ambas
Quizer escolher a sua,
Escolha vendo-as na rua,
Que eu para mim venero ambas.

As damas d'esta cidade,
Ainda as que são mais bellas,
Não são nada deante dellas,
São basofias da beldade:
São patarata em verdade,
Se ha verdade em pataratas,
Porque brancas e mulatas,
Mestiças, cabras e angolas
São o azeviche em parolas,
E as duas são duas pratas.

Jámais amanhece o dia,
Por que sae a aurora bella,
Se não porque na janella
Se põem Thereza e Maria:
Uma manhã em que ardia
O sol em luzes divinas,
Pelas horas matutinas
Vi eu Thereza assistir,
Ensinando-a a luzir
Como mestra de meninas. »

A delicadeza e a generosidade que trescalam desta poesia tinham, porém, de transfundir-se em versos menos certos, mais ardentes e mais consentaneos com a violencia epigrammatica de Gregorio de Matos.

VI

Os tres odios do poeta. — A questão da murça. — Satyro e calpora. — Contra padres. — Contra advogados. — O « Braço forte e o Braço de prata ».

§ 1

Gregorio de Mattos era orgulhoso, e tinha principalmente em grande conta o seu talento poetico. A esse orgulho, muito natural em quem tantos gabos merecera dos melhores poetas de Portugal, accrescia um profundo desprezo dos meios praticos de ganhar a vida. O poeta tinha horror ao dinheiro, achava asqueroso todo homem rico e, como a maior parte dos ingenuos, era por esse lado incorruptivel.

A primeira parte da sua vida na Bahia pôde-se formular no seguinte : — a luta ingloria e desastrada da virtude feroz de um genio satyrico contra o concludo da bandalheira social, politica e domestica ; ingloria porque o poeta não tinha noção das proporções do mundo no qual vivia ; desastrada porque, virtuoso no que tocava a dinheiro,

mostrava-se sceptico quanto ao resto e muito cheio de lacunas no moral.

Que podia, com effeito, esse moralista truncado obter dos habitantes de sua terra, quando essa terra andava repleta de reinóes jubilados, e de todos os pontos do horizonte soprava aquelle bafo pestilento e depravado que levou o excelso padre Antonio Vieira, apezar do seu character de ministro da religião, a aconselhar ao rei de Portugal a compra das consciencias nos negocios de Pernambuco ? (7)

Desembarcando na Bahia, na fôrma já alludida, os primeiros tempos foram de festas. Vinha para ser aproveitado ; e de facto, logo depois, elle que, fôra padre para os agrados da chegada, como se diz ainda hoje nos Estados do Norte, provido na dignidade de thesoureiro-mór da Sé da Bahia, recebeu de D. Gaspar Barata de Mendonça, primeiro arcebispo do Brazil, o cargo de vigario geral, de modo que em 1681 o vemos entrar no exercicio de ordens menores. Foi o primeiro caiporismo e a origem do primeiro odio do desastrado poeta.

Entendia Mattos que o habito não fazia o monge, e toda vez que se retirava das suas obrigações ecclesiasticas punha a batina ao canto da sacristia e, tomando os trajos seculares, empunhava o latigo da satyra. Diz o licenciado Rebello que « esse capricho principiou a arrufal-o com os governadores do arcebispado », e d'ahi nasceu a

questão que o expelliu d'aquelle importante cargo. Outrosim, os historiadores dão a entender que o poeta alienara o amor da clerezia bahiana, de uns, pela inveja que causavam seus talentos, de outros, por hypocritas, tementes dos seus versos venenosos. Nada d'isto, porém, parece razoavel á vista dos informes do tempo. E' verdade que os conegos da Sé armaram-lhe o quixó em que o atrabiliario vigario geral devia se estrepar. — « Veste a batina, ou deixa o cargo ! » Eis o ultimatum. Gregorio de Mattos sacudiu a albarda e respondeu com um redondo NÃO. Os conegos conspiraram e taes golpes em segredo lhe desfecharam, que por fim lhe despiram a murça capitular, depois de sentença do arcebispo dom frei João da Madre Deus, saccessor do que lh'a vestira. Todavia, é forçoso admittir que o poeta deixou a prebenda antes por ser desarrazoado do que por força das circumstancias, porquanto o dito arcebispo fez piedosamente tudo que estava a seu alcance para evitar essa catastrophe, exhortando o poeta a que tomasse ordens sacras ; mas Gregorio de Mattos seguiu o seu fadario. Continuar um satyro a usar a murça seria coisa nunca vista. O pretexto lhe pareceu motivo de maior incompatibilidade, e as contumelias dos conegos, juntas á mansuetude do prelado, o irritaram ainda mais, provocando a tremenda descompostura á Sé da Bahia que os leitores já conhecem. « Presepe de bestas » era na sua conta a illustre congregação.

O biographo chama a isto valentia, horror á hypocrisia, e louva a virtude do poeta. Eu direi antes que o satyrico, mostrando ser louco ou imprudente, levava demasiado gosto em brandir « a foice de Saturno, amolada nas esquinas da eternidade ».

§ 2

Livre da murça, dos processos canonicos e do *timebunt gentes*, com que os doutores, á fiuza de S. Thomaz de Aquino, do Tridentino e da Santa Madre Egreja, grangeavam as suas propinas, Gregorio de Mattos atirou-se francamente ás samarras, e vèl-as de longe bastava para que elle bandeasse o arco e desferisse a setta do epigramma. Que o diga a memoria do clerguête, que foi degradado « por dar oleo sagrado » a sua amasia. Podem tambem confirmal-o os rosarios de epigrammas, os bentinhos de amor em graça, que elle pendurou ao pescoço de um por um de seus inimigos de batina.

O confessor de frei João da Madre Deus foi talvez um dos que menos soffreram. Entretanto, o poeta dedicou-lhe versos em que o melhor crime que lhe imputava era o de « ladrão do confessado » a quem « não só absolve o peccado, mas os fructos lhe alcovita ».

« O ladronaço em vigor
 Não tem para que dizer
 Furtos, que antes de o fazer
 Já os sabe confessar ;
 Cala-os para ouvir melhor,
 Pois cum officio alternado,
 Confessor e confessado
 Ali se barbeam sós :
 Porém fique aqui entre nós.

Mechanica disciplina
 Vem a impor por derradeiro
 O confessor marceneiro
 Ao peccador carapina :
 E como qualquer se inclina
 A furtar e mais furtar,
 Se esconjura a escavacar
 As bolsas co'um par de enxós :
 Porém fique aqui entre nós.

O tal confessor me abysma,
 Que revele e não se offenda,
 Que um frade sagrado venda
 O sagrado oleo da Chrisma,
 Por dinheiro á gente chrisma,
 E por cera, havendo queixa,
 Que nem *a da orelha deixa*
 Onde chrismando a mão poz :
 Porém fique aqui entre nós.

Que em toda a franciscania,
 Não achasse um mau ladrão
 Que lhe ouvisse a confissão,
 Mais que um padre da *Apanhia* !
 N'isto, amigo, ha sympathia :
 E é que lhe veiu a pello
 Que um vá atando no orello
 O que o outro mette no cós :
 Mas fique aqui entre nós.

As freiras com santas sêdes
 Saem condemnadas em pedra,
 Quando o ladronaço medra,
 Roubando pedra e paredes.
 Vós, amigo, que isto vedes,
 Deveis a Deus graças dar
 Por nos fazer secular.
 E não zote de albernoz :
 Porém fique aqui entre nós. »

Ora, que mais era preciso para justificar a sentença do prelado? Podia conservar a murça e dar sentenças no contencioso ecclesiastico quem tinha o topete de dizer tamanhas barbaridades embora « aqui entre nós », e affrontar os dois mais importantes institutos religiosos que então havia no Brazil? De certo que não. Os jesuitas eram para o poeta a *companhia do olho vivo* ; e Vieira não o estremecia ! Os franciscanos, os diplomatas da celestial patifaria.

— Furta *ad majorem Dei gloriam*, que eu te absolvo em nome de Jesus, Maria e José, com tanto que me ponhas um peso na sacola.

Isto dava Gregorio de Mattos a entender a todos quantos o ouviam; e no entanto esses franciscanos ainda choravam, de fresco, a morte e assumpção do veneravel custodio Frei Cosme de S. Damião, o qual, n'aquella mesma heroica cidade da Bahia, por demonstração da providencia do Altissimo, mui recentemente, « tinha participadas as graças de curar enfermos, conhecer interiores e prevenir futuros » (1).

Na mesma toada aggreuiu elle a toda a padralhada, brancos ou mulatos. Assim, mais de perto sentiu as suas ferroadas o prégador e vigario da freguezia de Passé, Lourenço Ribeiro, « mulato, segundo se rosnava », cujo crime fôra cantar nas sociedades ao som da cythara e ter, por indiscripção, mofado dos versos do auctor do *Marinicolas*. O *Retrato* do padre Damaso da Silva, « cujo feitio enfadava o poeta », e ao qual não sei porque chamava « o Frizão da Bahia », é uma verina d'estas que arrancam pelle com cabello.

A bocca desempedrada
E' a ponte de Coimbra,
Onde não entram nem sahem
Mais que mentiras.
Ouçam e olhem,
Venham, venham, verão

O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 A's maravi... maravi... maravilhas,

Não é lingua de vacca
 Pelo maldizente e maldita,
 Mas pelo muito que corta,
 De tiririca.

.
 E grande Conimbricense
 Sem jamais pôr pé em Coimbra,
 E sendo ignorante, sabe
 Mais que galinha.

.
 Como na lei de Mafoma
 Não se argumenta, e se briga,
 Elle, que nada argumenta,
 Tudo porfia.
 Ouçam e olhem,
 Venham, venham e verão
 O Frizão da Bahia,
 Que está retratado
 A's maravi... maravi... maravilhas.

§ 3

Longe iria n'este parographo se fosse a notar todas as maldições de Gregorio de Mattos no que respeita aos seus figadaes inimigos de batina, bu-

rel, corda ou corrêa. Um factó se apurava : os conegos da Sé o tinham deixado aos paus ; era preciso viver ; e o poeta, bem ou mal, procurou romper o bloqueio que lhe tinham posto á vida.

Como já notei anteriormente, appareceu-lhe um casamento com uma viuva honestissima, e, segundo se affirma muito formosa senhora, chamada Maria dos Povos. Tratando-se de um quasi sexagenario, que, além de tudo, não sabia a quantas andava em materia de ganhar a vida, o proprio tio, Vicente da Costa Cordeiro, buscou arredal-o dessa loucura. Gregorio de Mattos, porém, era cabeçudo ; não attendeu ao conselho e ferrou na sorte essa tremenda cabeçada. Casou-se sem embargo dos embargos oppostos por terceiro ; e o tio, porque muito prezava a sobrinha, fez-lhe um donativo, no qual, ao que parece, se comprehendia uma sorte de terras, que o desassisado tratou logo de passar nos cobres. Esse dinheiro, na importancia de tres mil cruzados, a dar credito ao licenciado Rebello, « recebido em um sacco foi vasado no canto da casa, d'onde se distribuia para os gastos sem regra, nem vigilancia ». Se o factó não é verdadeiro, está ao menos no diapasão do homem que largara com a murça e sem motivos uma prebenda não pouco rendosa. Que havia de fazer o autor do *Marinicolas*, extincta a dinheirama que o tio da mulher cahira na asneira de não vincular por escriptura ? Não havia outro recurso senão abrir banca de advogado ;

e elle assim o fez. Mattos, porém, não nascera para isto.

Os seus biographos fazem grandes gabos á sua erudição e litteratura juridica ; e confundindo a theoria com a pratica e com o bom senso da vida, attribuem o insuccesso do advogado á sua honorabilidade e ao desprezo que votava á chicana. E desta sorte explicam porque o poeta abandonou as causas civeis pelas criminaes. Mas ponho duvidas á tal defesa engendrada pelos ditos biographos.

Gregorio de Mattos era de facto um espirito muito esclarecido e arguto, e juntara na cabeça toda a encyclopedia que em Coimbra se ensinava. Acredito mesmo que, se elle houvesse tentado, teria sido um rival temivel de Alvaro Velasco, Jorge de Cabêdo, Gregorio Martins de Caminha, Mendes de Castro, Phœbo, Themudo e de outros tratadistas que viveram no anterior e no mesmo seculo ; e disto deram exemplo, antes d'elle, Ferreira, o poeta da linda Ignez, e quasi na mesma epoca, Gabriel Pereira de Castro, a quem o *De manu regia tractatus* não impedio a composição do poema *Ulysséa*.

De fonte mui diversa proveiu o fiasco de Mattos na sua advocacia. Bohemio incorregivel, vadio e incapaz de trabalho assiduo, nunca lhe foi possivel inspirar confiança ás partes solicitantes. D'ahi dizerem que só lhe ficava bem pleitear no crime. Comprehende-se tudo ; para advogar no ci-

vel com proveito, era indispensavel ser assiduo na banca, ouvir com paciencia, examinar *nocturna et diurna manu* autos e escripturas, andar sempre vigilante com escrivães e *ex-adversos*. Mas quem não vê que o poeta das *Reprovações* era a negação de todas estas qualidades? A semelhantes considerações accresce que Gregorio de Mattos, por indomavel espirito satyrico, não poupava os proprios clientes; sacrificava as causas a um dito agudo e muitas vezes, por preguiça, em vez de arrazoar, escrevia nos autos quadras offensivas dos juizes ou dos contrarios.

No crime tudo se simplificava. Com parolas e intimidações muito se pôde conseguir; e o poeta para esse effeito era advogado de se lhe tirar o chapéo e de se benzer a gente tres vezes com o santo breve da marca entre a dentuça.

Varias são as anedoctas que neste artigo de cassaria relatam os contemporaneos do poeta. Conta o mais de uma vez citado seu biographo que, andando certo magano com um processo de restituição do dote que dera á filha, fundamentando o libello em que, morta esta, o marido alardeava ter a defunta fallecido intacta, pelo que a enfeitara de palma e capella, Gregorio de Mattos arrazoou o feito com os seguintes versos:

« Gaita de folles não quiz tanger.
Olha o diabo o que foi fazer. »

Accrescenta o historiador que tanto bastou para que, pelo laconismo, os tribunaes sentenciassem em favor do reclamante. Não se exagere, porém, o effeito d'esta satyra. A tollice do marido arrazoara a causa ; e o poeta que o accionava, não fez mais do que obrigar a justiça a rir-se da corriola, na qual cahira o paspalhão, dando provas da não cohabitação com a esposa. Esta proeza judiciaria, todavia não autorizava a generalisação d'esse systema de pleitear. Gregorio de Mattos pretendeu advogar no cível com *gaita de folles* ; mas a gaita acabou por perder palhetas.

§ 4

Ao odio que o poeta votava ás batinas associou-se uma cruel antipathia pelas bécas.

E' verdade que a rabulagem da Bahia naquelle tempo, a avaliar pelo que della dissera Diogo de Campos em sua época, devia ter sido a coisa mais detestavel deste mundo ; Grégorio de Mattos, porém. em vez de a corrigir com o exemplo e a força do talento, abandonou-a ao seu destino ; e tanto por esse abandono, como pelas aggressões em que se empenhou varias vezes, exagerando os vicios da propria classe, concorreu poderosamente para augmentar-lhe a desprestigio e portanto a corrupção.

Examinando-se detidamente os seus versos in-

titulados *Ao Braço Forte*, verifica-se que já naquelles bons tempos minava o Brazil a praga da advocacia administrativa. Havia governadores patoteiros ; e Antonio de Souza de Menezes, vulgo o *Braço de Prata*, foi um destes, ajuizando-se dos seus merecimentos pela furiosa satyra que lhe fez o poeta.

Aproveitado discipulo do *Xumberga* de Pernambuco, o celebre governador e capitão-general Jeronymo de Mendonça Furtado, deposto, em 1666, pelo clero, nobreza e povo, do cargo que ali occupava, como ladrão e avaro, e remettido para Lisboa com o summario dos seus crimes, o *Braço de Prata* (é o que dizem), contando com os desmandos do governo de então, metteu-se em altas cavallarias no intuito de encher-se, e enriqueceu. Sendo, porém, intermediario dos seus negocios o alcunhado *Braço Forte*, conhecido « regatão de despachos » e « fundidor de mentiras » succedeu que este não guardou o recato que taes coisas exigem e pôz os podres do governador na rua. Esta situação comica não escapou ás iras de Gregorio de Mattos, que, por esta epoca, soffria grandes apertos de dinheiro e não encontrava, nem no fôro, nem na administração, recurso para tamanha enfermidade. Assim, pois, vendo os vexames do *Braço de Prata* e por ultimo presenciando o desespero de tal magano, que não se arreceiou de dar com o socio no xelindró, o poeta arrepiou os ouriços da satyra e escreveu os versos que se ins-

crevem *Ao Braço Forte*. Nesses diabolicos versos acha-se a historia inteira das batotas de Souza Menezes.

E' o preso quem falla :

« — Dizem que eu sou um velhaco
E mentem, por vida minha,
Que o velhaco era o Governo,
E eu a velhacaria.

Quem dissera, quem pensara,
Quem cuidara e quem diria,
Que um braço de prata velha
Pouca prata e muita liga :

Tanto mais que o braço forte
Fosse forte, que poria
Um Cabo de calabouço,
E um soldado de golilha ?

Porém eu de que me espanto ?
Se nesta terra maldicta
Póde uma ovelha de pratâ
Mais que dez onças de alquima ?

Quem me chama de ladrão
Erra o trinco a minha vida ;
Fui assassino de furtos,
Mandavam-me, obedecia.

Despacharam-me a furtar,
E eu furtava, e abrangia :
Serão boas testemunhas
Inventarios e partilhas.

E eu era o ninho de guincho,
Que sustentava e mantinha
Co'o suor das minhas unhas
Mais de dez aves de rapina.

O povo era quem comprava,
O general quem vendia,
E eu triste era o corretor
De tão torpes mercancias.

Vim depois a aborrecer,
Que sempre no mundo fica
Aborrecido o traidor
E a traição muito bem quista.

Plantar o ladrão de fóra
Quando a ladroice fica,
Será limpeza de mãos
Mas de mãos mui pouco limpas.

Elles guardaram o seu
Dinheiro, assucar, farinhas,
E até a mim me embolçaram
N'esta hedionda enxovia.

Se foi bem feito, ou mal feito,
O sabe toda a Bahia ;
Mas se á traição me fizeram,
Com elles a traição fica.

.

Chovam prisões sobre mim ;
Pois foi tal minha mofina,
Que a quem dei cadeias de ouro,
De ferro m'as gratifica. >

Depois de tão positivas provas de sua incapacidade para o exercicio da profissão de « regação de despachos, » que poderia mais Gregorio de Mattos esperar da administração, a não ser desprezo e guerra ás suas habilitações de jurista ! ?

O ouvidor de Pernambuco, que não o estimava, disse, quando soube do fallecimento do poeta, que desapparecera quem entendia do direito ; mas, nem esta opinião postuma, nem a dos doutos de sua época lhe valeram na Bahia contra os rabulas para que avezasse alguma chelpa. As causas civeis lhe minguaram e por ultimo os processos crimes perderam o interesse pelo muito pouco caso que os comarcões faziam das justiças do Brazil. Esta frialdade do ambiente moral levou o auctor do *Marinícolas* a considerar e reflectir sobre a verdade contida naquelle aphorismo onde se diz : *lex non est imponenda alliis ab eo qui ipsam negligit observare*. E d'ahi partindo, em discurso philosophico em cata de outras verdades connexas, teve elle occasião de verificar quão judiciosos se mostraram os romanos quando definiam o direito natural — aquillo que a natureza ensinou a todos os animaes — *quod natura omnia animalia docuit*. Ora, vendo elle que as alimarias dos Brazis tinham recebido da natureza preceitos muito curtos, e que as cavalgadas vindas do reino apresentavam-se cheias de todas as perversidades juntas, de godos, arabes e judeus, não devia ter-se resentido de que lhe cortassem os

mantimentos bestas tão ferozes. Entretanto, Gregorio de Mattos extranhou o *blocus*, e perdeu talvez a calma, tão necessaria para quem combate vicios e tenta impor preceitos a homens desregrados. Acaso não lhe poderia ministrar soccorro a sabença dos romanos, nem lhe dariam os Bartolos e Bohemeros conselhos que o livrassem d'essas atrozes difficuldades ? Com certeza que sim, se nãe se tratasse de um espirito, rutilo mas desassisado.

Gregorio de Mattos teria brilhado n'esta parte de sua vida, se inventasse e propuzesse uma acção de alimentos contra a cidade da Bahia, sua madrasta ; ou se, tomando ao serio a sua missão de advogado, junto aos bons varões da terra, que os havia com certeza, levantasse a acção de *damno infecto* contra a gente ruim que ameaçava o Brazil com a ruina da fundação de Thomé de Souza. Essa utilissima propaganda, infelizmente, porém, não estava nas cordas da indole destruidora do filho de D. Maria Guerra.

VII

Ainda os tres odios do poeta. — Advocacia pornographica. — Nativismo feroz ; guerra ao « Unhate ». — Contra mulatos ; psychologia dessa raça.

§ 1

Em Coimbra tinham posto o cabo a esta sovêla ; era forçoso, portanto, que o poeta furasse o couro alheio até morrer. Desanimado, pois, do fôro e desprezada a banca de advogado, o vamos encontrar ás voltas com a *gaita de folles* que *não lhe quer tanger*. Deu-lhe a advocacia então para o lado das mulatas e principiaram as suas defesas, em verso, a essas clientes dispendiosas, perante o tribunal da chalaça e da opinião dos capadocios pornographicos.

Houve uma d'estas suas clientes que deu cabimento a grande briga entre certo vigario, talvez o de Passé, e um ourives de prata de nome Valentim, o qual

« Na obra dessa mulata
Mette muita falsa liga. »

As lutas por causa de mulheres, quando vêm a publico, por mais bem arrazoada que seja a intervenção de uma das partes, caem sempre no ridiculo.

Pela descripção que o poeta faz da intriga que houve entre o vigario e o ourives, vê-se que este pretendeu introduzir hyssope profano em caldeirinha sagrada, e não só o praticou, como tambem levou comsigo o vaso prohibido (9).

Eis o que affirma a satyra :

« E' homem tão desalmado
 Que por lhe a prata faltar,
 E estar sempre a trabalhar
 Bate no vaso sagrado ?
 Não vê que está excommungado,
 Porque com tanta fadiga
 N'uma casa excommungada
 Com censura reservada,
 Pela qual Deus o castiga ?
 Briga, briga.

Porque com modos violentos
 A um vigario tão capaz,
 Sobre os quatro que já traz,
 Pontos lhe põe quatrocentos ?
 Deixe-se desses intentos,
 E reponha a rapariga,
 Pois a repôl-a se obriga
 Quando affirma que a possui :
 E si esta razão não conclue,
 Vai esta ponta á barriga .
 Briga, briga.

Senhor ourives, você
Não é ourives de prata ?
Pois que era essa mulata.
Que cobre ou tambaca é ?
Restitua a moça que
E' peça de igreja antiga ;
Restitua a rapariga,
Que se vingará o vigario
Talvez no confissionario
Ou talvez na desobriga,
Briga, briga.

A'mulata já lhe peja
De trocar ôdre por ôdre,
Porque o leigo é membro podre,
E o padre é membro da igreja ;
Sempre esta telha gotteja,
Sempre dá grão esta espiga :
E a obra da rapariga
Quer desfazer esta troca,
E deixando a vossa toca,
Quer fazer co'o padre liga :
Briga, briga.

Largue-lhe a mulata, e seja
Logo, logo o bom partido,
Que como tem delinquido,
Se quer recolher a igreja :
Porque todo o mundo veja
Que quando a carne inimiga
Tenta a uma rapariga,
Quer no cabo, quer no rabo,
A igreja vence o diabo

Como outra qualquer estriga :
Briga, briga. »

Não diz a historia, nem Gregorio de Mattos informa se o ourives da prata restituiu a gentil mulata. Provavelmente neste pleito o advogado usou do *tertius gaudet*.

Uma outra questão em que o poeta muito se empenhou foi a do celebre *Mangará*, capitão Domingos Cardoso, o qual, desesperado por terem-lhe duas mulatas furtado um papagaio, deu que-rela contra o furto, com grande escandalo e « desmaio » da população da Bahia. Os provarás foram rimados por Mattos com uma graça intraduzível.

« »

O papagaio real
Diz que para Portugal
Lindamente dava o pé ;
Mas uma articula que
O contrario provará
Mangará.

Provará que ella gostara,
E que não satisfizera,
E muitas coisas dissera
Se o papagaio falára
Que o capitão intentara
Pagar-lhe em bens de raiz,
Pois sendo mangará quiz
Transfigurar-se em cará,
Mangará.

Pondo-se o pleito em julgado,
Dar testemunhas procura
Com o primo Rapadura,
E um compadre seu Mellado ;
Mas ha de ficar borrado,
Como o tal primo ficou,
Quando a mulata o deixou
N'aquelle triste araçá,
Mangará. »

Accrescenta ainda o defensor que as duas moças entraram na « corrente em falta do papagaio », a primeira « sem pejo, mas a segunda pejada », de onde se seguiu que sahiram dos ferros, em vez de duas, tres pessoas, e tudo por conta de um « contrafeito asnaval », o illustre capitão de Pirajá, o *Mangará*.

§ 2

O espirito de Mattos devia ser attrahido por todos os elementos que constituíam a vida intima da colonia.

Repellido pelos padres, xingado pelos rabulas do fôro, descontente do governador, um grave pensamento democratico o assaltaria.

— Ora, eu que sou um homem intelligente, versado na historia e no direito, diria elle com-sigo mesmo ; eu que sou poeta, e tenho a experiencia dos homens e do mundo, porque não me

hei de metter com o povo, com a gente desta terra e pôl-os á minha feição contra os maganos de Portugal?

Não sei se Gregorio de Mattos formulou tal jactatoria ; mas com certeza esse movimento nativista devia ter se produzido instinctivamente, se bem que na vida do interior do Brazil já existisse, bastante intenso, um sentimento amargo, hostil, muita vez acobardado, o qual casava-se perfeitamente com as indignações poeticas do bahiano. E tanto isso era verdade que o governo portuguez, que muito se inspirou então na necessidade de elevar o nivel dos *mazombos*, expedira a provisão de 4 de Março en 1679, a qual dava aos naturaes do Brazil preferencia para os postos militares, beneficios ecclesiasticos e outros empregos da administração. A vida de Gregorio de Mattos foi um continuo commentario a essa provisão, que nunca se traduziu senão em grosseiros sophismas de reinóes, sempre promptos a rirem-se das pretensões das Caramurús, Tatambas e *tuti quanti* do Brazil.

O primeiro typo burguez a que o poeta se apeçou foi o *Unhate*.

O que era o *Unhate* na gyria de Mattos?

« Santo Unhate irmão de Caco
Porque faz muitos prodigios. »

Era o reinól chegado « por Lisboa ou pelo Minho » degradado por crimes.

« Ou por moço ao pae fugido,
 Ou por não ter que comer,
 No logar onde é nascido. »

O poeta enfurecia-se quando via typos d'essa laia saltarem no caes da cidade « descalços, rotos e despídos, sem trazer mais cabedal que piolhos e assobios », e d'ahi a mezes apresentarem-se alugando casas « de preço e valor subido » e postos em tempo breve « com dinheiro e com navios ». E elle, o caipora, o poeta, o jurista, ao lado dos assobios, sem eira, nem beira, nem sedas, nem polvilhos, observava estes mesmos unhatés que devoravam a riqueza e descompunham a terra, sem que a pobre Bahia lhes repetisse o motte :

« Ingratos, mal procedidos !
 Se eu sou essa que dizeis,
 Porque não largais meu sitio?
 Porque habitais em tal terra,
 Podendo em melhor abrigo?
 Eu peço em vós, eu vos rogo?
 Respondei : dizei maldictos?
 Mandei acaso chamar-vos?
 Ou por carta, ou por aviso?
 Não viestes para aqui
 Por vosso livre alvedrio ?
 Meus males de quem procedem?
 Não é de vós? claro é isso :
 Que eu não faço mal a nada
 Por ser terra e matto arisco.
 Si me lançais má semente.
 Como quereis fructo limpo ? »

Ira, furor, apodos, satyras, epigrammas : eis o que lhe cabia dar de graça a esses forasteiros, « c... breados », cujas camisas, quando elles chegavam, eram mais duras do que um « traquete de navio ». Os unhates, porém, eram insensíveis a satyras. Duros de cara e ainda mais de entendimento, augmentavam o numero dos cabritos e voltavam para o reino gordos, nedios, escorreitos.

Os governadores se succediam, os engenhos augmentavam, as negras pariam, os reinóes enriqueciam ; mas o poeta não medrava e a sua s'ina cada vez mais se escurecia.

Como é natural, elle lembrou-se de responder á gente dura, levantando contra ella a mulataria.

Não lhe sahiam da mente os versos da causa, em que requerera o dote da virgem casada predefuncta.

« Gaita de folles não quer tanger
Olha o diabo o que foi fazer »

§ 3

Aquella « Senhora Dona Bahia », cidade nobre e opulenta « madrasta dos naturaes e dos estrangeiros madre » toi surda aos reclamos do poeta, desterrado da publica sympathia. Era em baldo que Gregorio de Mattos vociferava, fazendo ver a

todos seus patricios « os extravagantes meios com que os extranhos dominavam indignamente os naturaes de sua patria ». Continuavam a ser exaltados os que chegavam e a ser abatidos os que na terra eram bem nascidos; os reinóes riam-se triumphantes e a satyra não feria nem a epiderme dos alarves.

Na raça mestiça havia, entretanto, uma face sympathica, que não passou despercebida ao espirito arguto do autor das *Reprovações*. Para ahi, pois, o poeta enveredou.

Mas os mulatos, do mesmo modo que já o tinham feito o cabido, os escrivães e os mascates ou *Unhates*, refugaram, e puzeram-se ao abrigo das cantigas. Altivos, muitas vezes insolentes, imaginosos, lubricos, talhados para as artes, maxixes para a musica, violeiros de força, apaixonados do que hoje na geringonça fluminense chama-se maxixes, audazes, astutos e dissimulados, quando em lucta com forças superiores; os mulatos representaram na politica do norte, desde os tempos coloniaes, papel caracteristico que não passou sem reproches dos historiadores da epoca. Eram elles que, graças ao odio dos reinóes, os quaes os afagavam quando escravos e desprezavam quando forros, mantinham toda a dynamica liberal d'aquellas regiões. Nelles existia, como temperamento, o espirito de insurreição, o qual de ordinario tomava a fórmula da desaffronta e do assassinato por pundonor. Basta recorrer á historia da domi-

nação hollandeza para verificar-se quanto este espirito de revolta, de odio inquebrantavel, comprometteu a sorte de Pernambuco, onde aliás existia já formado o forte nativismo que déra a guerra dos mascates.

Confundindo os reinões com os brancos creoulos, o mulato Calabar envolveu toda a colonia no seu despeito, e dando mão agil aos batavos, não premeditou, como é mais provavel, senão attentar contra o orgulho dos protuguezes autoritarios, que só falavam de chicote em punho e de verbo alto. A sua chamada traição ia com effeito abrindo espaço a consequencias sociologicas de que com certeza teria derivado o malogro da nação colosso a que nos orgulhamos de pertencer. O espirito, porém, que este desastre ia ocasionando, não era fundamentalmente mau.

Os mulatos não eram praticos, nem persistentes, nem coherentes, nem assiduos no trabalho. Apaixonados, impetuosos, tão faceis de serem suggestionados por uma cousa, como de abandonal-a despeitados, elles durante aquellas epochas foram vistos, ao lado do branco e contra o branco, sempre inflammados, muitas vezes desarrazoados, mas propulsivos, aggressivos, destruidores.

A philosophia poderá absolver, por isso, os reinões das torturas a que os sujeitaram e dos chascos com que largamente os mimosearam. Chapados na realidade e inclinados sobre o ventre, zelosos do seu socego e ainda mais da santissima pataca,

os portuguezes não se illudiam com o prejuizo que póde resultar de temperamentos turbulentos ; e, adoptando, por instincto, as regras do ajuizado Sancho Pança, consideravam que mais valia andar de vagar a quatro pés, do que aos trancos e barrancos como chucros. Desde tempos immemoriaes que a sua divisa foi : *o seguro morreu de velho*. Mas tambem este conservatorismo axumburgado nos manteve e manteria em menoridade politica até quasi terminar o seculo.

Entretanto, as características d'aquelles mestiços, é forçoso que se diga, por fas, ou por nefas, os puzeram sempre em tumultos e revoluções, na democracia enfim. Em varias occasiões foram illudidos e postos a serviço de perversos reaccionarios para atacarem patriotas ; e nos sertões do norte se constituiram o terror das fazendas, aonde ainda hoje a palavra *cabra* inspira a muitas familias susto e um pavor intraduzivel (10). Elemento revulsivo, exagerou-se, offerecendo não raramente os lombos aos chefes do liberalismo, e, durante a regencia, chegou mesmo a provocar providencias systematicas tendentes á mauutenção da ordem publica.

Não ha quem desconheça o que foram *Cabanos*, *Balaíos*, *Sabinos*, *Bemtevis* e outras curiosas manifestações de nosso *folk lore* politico. E pelo que n'elles ainda hoje se observa, póde-se avaliar o que não seriam na época em que Gregorio de Mattos, de engulho, blasphemava, achincalhando-os.

« Não sei para que é nascer
N'este Brazil empestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.

Terra tão grosseira e crassa,
Que a ninguem se tem respeito,
Salvo si mostra algum geito
De ser mulato. »

Poetas e cantadores, eram elles os que melhor requestavam, e ainda hoje de seu seio saem os rhapsodos do sertão. Residindo n'essa gente toda alegria dos povoados, dos arraiaes e das estradas, Gregorio de Mattos pensou encontrar n'ella os seus vingadores, os seus capangas. Illudiu-se. E logo pela frente quem lhe havia de sahir? Um padre, que era pardo, segundo se rosnava, o qual o offendeu tentando disputar-lhe a palma do talento. Os reinóes não lhe queriam arrebatár semelhantes prendas; o que lhe embargavam era a pataca. Os mestiços, porém, dotados de estro e muito sestrosos, foram os que mais se atreveram a guindar-se aos seus dotes poeticos e a negar-lhe primazias. *Inde iræ!* E começou a segunda guerra punica.

O padre Damaso da Silva tornou-se o typo pelo qual se afiam todas as descomposturas que desde então ferrou nestes novos inimigos. « Boca mentideira », onde o povo acudia á tarde, como ao curro dos bois, para escutar mentiras doidas;

eis o que era esse frizão, cuja lingua, por des-
conto de peccados, era igual á Relação e a todos
os vicios da terra.

« Santo Antonio de baeta
Que em toda a parte do mundo
Os casos que succederam,
Viu e foi presente a tudo.

O padre papa-jantares,
Hospede tão importuno,
Que para todo banquete
Traz sempre de trote o buxo.

.

Lisongeiro sem recato,
Adulador sem rebuço,
Que por papar um jantar
De um sacrista faz um Nuncio ;

De um tambor, um general,
Um branco de um mameluco,
De uma sanzala, um palacio,
E um galeão de um pantufo.

O Zote que tudo sabe,
O gronde jurisconsulto
Dos litigios fedorentos
Desta cidade monturo.

O Bartolo de improviso,
O subitaneo Lycurgo,
Que anoitece um sabe nada,
E amanhece um sabe tudo.

.

Este tal de quem fallamos
Como tem grandes impulsos
De ser batiza-crianças
Para ser soca-defuntos ;

E a Magestade de El-Rei
Tem já com mil esconjuros
Ordenado que o não collem
Nem a uma igreja de junco :

Elle por manter desejos
Foi-se ao adro devoluto
Da senhora do Loreto,
Onde está parochó intruzo. »

No mesmo tom e pela mesma solfa aggreuiu, como já fiz ver, a Lourenço Ribeiro, vigario de Passé, a quem chamou de « mulato muito ousado », ignorante, ufano, e « cão revestido em padre por culpa da Santa Sé ».

O que mais irritava o poeta era que essa ousadia, esse ladrar continuo « contra um branco honrado », quadrasse « ao bispo, ao governador, ao

cortezão e ao senhor ». Em todo caso Gregorio de Mattos se enternecia quando reparava que esse poeta e prégador, fatuo de tocar cythara, ladrava no pulpito em vão para os brancos, de ordinario só ouvido por tias e tios do Congo suando mondongo e outras immundicies.

Mephistopheles não teria rido tanto, commentando a tolice humana, como riu o auctor do *Marinícolas* ouvindo esse prégador cachorro, que não sabia de escriptura « mais que aquella que o puzera fôrro ».

VIII

**O mofo político. — Contra governadores. —
Caricaturas e retratos. — O « Nariz de em-
bono. »**

§ 1

Adiante veremos o que era a politica de Gregorio de Mattos, em abstracto. Em concreto, parece que elle nunca chegou a ter comprehensão nitida das coisas ; e essa conclusão resulta do confronto dos versos atrozes em que atacou os governadores e o pouco caso que em geral fizeram dessas apollineas aggressões os aggreddidos.

Gregorio de Mattos não se compromettia seriamente na opposição aos portuguezes que com a mão ferrea da tyrannia governavam a colonia, ao talante dos seus caprichos e dos interesses dos amigos.

Porque não foi o poeta preso, nem perseguido, ou exilado, pelo *Braço de Prata*? A razão é obvia. Mattos cingia-se a desabafar queixas pessoas, fazendo circular versos que causavam riso aos desaffectedos do governador. Em 1692, por exemplo,

logo depois da posse de Souza de Menezes, os bahianos que representavam a nobreza da terra viram subir á confiança do governo um homem que tempos antes fôra para Portugal como criminoso e voltara absolvido e de posse do cargo de alcaidemór da cidade do Salvador. Este cidadão era o afamado Francisco Tolles de Menezes, que, uma vez nomeado alcaide, tratou de tomar dos que anteriormente o haviam recommendado para Lisboa ou concorrido para isso, as mais crueis vinganças ; e para esse fim o *Braço de Prata* foi-lhe de magnifico auxilio, se não instrumento cego em suas mãos. N'estas conjuncturas e porque além de tudo, com a ascensão de D. Pedro II ao throno, a politica na Bahia mudara sensivelmente, formando-se um gremio de opposição no qual eram encontrados o provedor da alfandega, o secretario da camara e Gonçalo Ravasco, sobrinho do padre Vieira e filho do secretario de estado Bernardo Ravasco, julgou Telles de Menezes a occasião propicia, e, dando caça aos seus desaffectedos, recolheu uns ás enxovias e a outros, que se haviam homiziado no collegio dos padres, cercou, prendeu e deu destino, perdidos os empregos que passaram ás mãos dos bons amigos do alcaide. A reacção contra o valido não se fez esperar por longos dias.

Referem os chronistas, que Antonio de Brito e Castro, irmão do provedor da alfandega e um dos mais offendidos n'essa empreitada de desabafos,

não tendo bofes para tanto supportar, desesperado, um dia dirigiu-se acompanhado de seis amigos, todos mascarados, para trás da Sé, e quando por ahí passava o alcaide repoltreado na sua rica *serpentina*, de volta do palacio do governador, fez-lhe desfechar quatro tiros de bacamarte, que apenas mataram a um criado e feriram outro. Não escapou Telles de Menezes, porém, ao golpe armado em plena rua e á luz do dia, porquanto, estando o irmão do provedor disposto a trucidá-lo, avançou para a rede, tirando a mascara, e com a sua propria mão apunhalou-o mortalmente. Depois disto os assassinos retiraram-se, sem que fossem perseguidos, e se homizaram no collegio dos jesuitas. Tamanha audacia determinou um accesso de furia por parte do *Braço de Prata*, que apenas teve conhecimento do facto entrou a insultar a guarda do palacio e toda a officialidade, que seguramente applaudira com o silencio a tragi-comedia. Violento e ao mesmo tempo sem tino, o governador mandou prender o respeitavel ancião Bernardo Ravasco, secretario de governo, e poz a cidade n'uma especie de estado de sitio; exilou e fez o diabo.

No centro dessa opposição, e sendo muito amigo dos Vieiras e Ravascos, que papel teria representado o cauteloso satyrico do *Marinicolas*? Não foi preso, nem perseguido, nem exilado; entretanto, os seus versos estão cheios de invectivas ás immoralidades do *Braço de Prata*; de onde se vê que

nem elle intervinha na politica local de modo serio, nem inspirava receio aos poderosos pelo prestigio dos seus pamphletos, pois como taes deviam ser reputados naquellas éras os versos aggressivos do poeta por todos decorados e transcriptos de mão a mão. E' que Gregorio de Mattos cingia-se com certa arte precavida a ferir o individuo em tudo, menos no que podia atear as fragoas da alma politica e ciosa de si mesma. Que importava a Souza de Menezes que um velho tonto lhe emprestasse o sordido desejo de enriquecer, *gemesse quem gemesse?* Acaso occultaria elle que a sua vinda para o Brazil, como a de tantos outros, não tinha por alvo senão arranjar a vida e explorar a terra? Seria acaso o primeiro governador arruinado que cahia sobre os Brazis para remediar a quebradeira e repintar os braços embolorecidos? Portanto, gritasse para ahi o cão gozo e caduco do Parnaso, que os padres Damascos e Ribeiros se encarregariam de lhe endireitar as cordas da viola, por aquella mesma « solfa de fá bordão », aquella « solfa escura pelo compasso da mão », que o proprio Mattos receitara ao Braz Luiz. Assim, pois, impunemente o satyrico cantou « o rico feitio » do *Braço de Prata*, do mesmo modo porque já lhe atacara a ladroice, e talvez que assistido da hilaridade do proprio retratado.

§ 2

A' imitação do que fizeram, Ovidio com a pulga, Luciano com o mosquito e o grande Homero com as rãs, elle não se perdeu occupando-se com aquella nova alimaria « mais delgada, mais chata, mais subtil, mais esmagada », aquelle percevejo que á cidade da Bahia tonta e fatua a santa inquisição tinha enviado. O que é certo é que Souza de Menezes não o perseguiu; e embora, como dizia a satyra, que se inscreve *Retrato do Governador*, o braço de prata impura lhe pendesse da garganta qual balandrau, o outro braço perfeito nunca se ergueu para punir o atrevido poeta que vociferava:

« Tu és mais cego do que eu, que te sussurro
Que em te olhando não vejo mais que um burro. »

Tambem o desabusado governador não levou a mal que o poeta o figurasse de bengala mettida no sovaco, a atravessar as ruas da cidade, do collegio ao seu palacio, chingado pelo negro, pra-guejado pelo branco,

« O rabo erguido em cortezias mudas,
Como quem pelo... tomava ajudas. »

Tudo isto não offendia o couro impenetravel do grosseiro portuguez.

Em palacio havia casa de jogo, e « ainda que o povo risse », o governador, a quem « nada aleijava », continuava a roubar e a mentir. Mau e parvo, ao que parece, mereceu talvez a praga que por ultimo o poeta lhe rogou :

« ... que a bala que o braço lhe levara
Viesses segunda vez levar-lhe a cara. »

Deixou de vir a bala, mas o governo portuguez não consentiu que o imprudente concluísse o seu triennio, e antes de dois annos lhe deu um cordato substituto. Foi este o marquez das Minas, o respeitavel Antonio Luiz de Souza Telles de Menezes, o qual chegando á Bahia em 1684 « tratou logo de alliviar os magnatas da terra, chamando-os do desterro em que padeciam, amedrontados do seu antecessor pela morte dada por outros ao alcaide-mór Francisco Telles ». Com effeito, a presença do marquez na cidade da Bahia conseguira appacar os animos excitados pelos acontecimentos politicos anteriores e em grande parte oriundos da elevação de D. Pedro II ao throno de Portugal.

Bernardo Ravasco, o poeta, secretario do Estado, dedicou uma decima, em acção de graças, ao advento da paz, e Gregorio de Mattos, que nunca deixava a tropilha dos descontentes, arrumou-lhe a gloza — *A' chegada do marquez das Minas*. D'essa gloza se colhe um facto bem signi-

ficativo, e é que Mattos, embora desassisado na vida pratica, impetuoso e injusto quando se tratava de apanhar qualquer ridiculo, não chegou a perder os instinctos de conservação. Na sua vida, e principalmente nos seus versos, encontro mais de um documento do qual resalta que nem sempre elle se fez hostile á adulação.

Os governadores eram, em summa, os representantes do rei, e nada prova que Gregorio de Mattos fosse inimigo da realza. Ao contrario disto, o poeta viveu na Bahia a appellar de continuo nos seus requisitorios para o outro lado do Atlantico. E' que elle, entre os desconchavos em que vivia, acreditava que só da força real da monarchia podia vir beneficio ao Brazil. Atacando, portanto reinões, governadores, com os mesmos confundidos, magistrados, bispos, padres, mulatos atrevidos e os proprios nobres caramurús, o satyrico bahiãno não fazia mais do que inconscientemente solicitar dos reis de Portugal uma providencia, que só por incidente elles poderiam dar, isto é, a de dedicarem-se á colonia, inverterem os papeis e transformarem os servidores da corôa em servidores do Brazil. Fossem lá pelos tempos adiante formular essa aspiração ao faustoso D. João V, o rei que mais gozou e luxou em Portugal e que olhava para as terras dos Brazis como para a gruta de Ali-Babá, de onde lhe iam os saccos de ouro, as pedrarias, as riquezas, emfim, com as quaes assombrava em Roma o papa, offe-

recendo-lhe festas diplomaticas excedentes de tudo quanto pode escogitar a phantasia oriental ! (11) Gregorio de Mattos, pois, não desconhecia a autoridade ; mas não entendia os homens e nem sabia como as coisas se passavam. Ingenuo entre os ingenuos, logrado e sempre confundido, e no fundo pouco se dando de tal derrota, ao poeta talvez faltou o conselho amigo de uma alma vigorosa e de vasto remigio que lhe indicasse o que era no intimo a colonia do Brazil ; não houve ao pé de si um philosopho da estofa dos Montaignes que lhe segredasse ao ouvido :

— Accomoda-te, Gregorio, que as coisas da Bahia e os negocios do Brazil não vão tão ruins como suppões ; não continues a estragar a tua philosophia julgando com « subtileza toda culpa de acontecimentos iniquos no tempo abstracto » á conta do *Braço de Prata*. Toma tento, meu velho, e ouve. Se é verdade que D. João IV nunca entendeu das coisas desta terra, e os successores não melhoraram a politica colonial, não é menos exacto que, apesar dos reinões que só pensam em *fazer brazil*, dos maus governadores, que se arruinam, da devassidão dos franciscanos, dos sonhos e loucuras do padre Vieira, dos alvarás errados e das economias mal alinhavadas, o Brazil vai sempre bem, e medra porque a santa madre terra assim o quer, os paulistas revolvem o sertão, as minas crescem, os engenhos produzem, as guerras pouco fazem e os governadores e capitães-

móres nada têm com o incremento do paiz. E por ultimo, meu satyrico iconoclasta, governos sempre foram isto ! (12). Lembra-te de que o rei esteve quasi vendendo Pernambuco aos hollandezes e por conselho de um jesuita. Lembra-te ainda de que esse mesmo rei, frouxo e mal avisado, sem forças no Tejo e sem dinheiro, apertado por flamengos, mandou a João Fernandes e a Negreiros que não cuidassem em restaurar a sua patria e integrar suas familias ; mas, sem embargo disso, Pernambuco foi restaurado, os flamengos expulsos e o paiz purgado. A colonia augmentou de vida propria e tudo se foi fazendo ao natural, aos trancos e barrancos, seja dito de passagem, mas sempre para o melhor.

A gloza de Gregorio de Mattos, portanto, instinctiva e sem intenções philosophicas, não perde por isso o seu alcance politico. O que Ravasco e o satyrico celebravam, por fim de contas ? Celebravam o triumpho da boa gente da Bahia, dos que constituíam a vida nacional, os naturaes, alcançado contra a frieza de D. Pedro II e a ganancia dos governadores.

O marquez das Minas trouxera comsigo seu filho o conde de Prado. O assumpto se prestava. Os dois notaveis entregavam o corpo. Os poetas, cheios de enthusiasmo, os fuzilaram com as metaphoras e os primores costumados.

« De flores e pedras finas
 Floresce e enriquece o Estado :
 Floresce sim pelo Prado,
 E enriquece pelas Minas.
 As aves que peregrinas
 Aos montes se retiraram,
 Nesta manhã já cantaram
 Com tão doce melodia,
 Que a noite se tornou dia
 Porque as penas se acabaram ». (13)

Pelo Prado flor á flor
 Se vai a terra esmaltando,
 Com que o clima está mostrando
 Temperamento melhor.
 Do lumiar superior
 Por taes influencias dignas,
 Sendo as pedras e boninas
 Da terra unicos primores,
 Pois se esmalta pelas flores
 E enriquece pelas Minas ». (14)

O genio dythirambico da colonia ergueu-se por momentos. Era justo que, depois de tanto bocamarte, houvesse flores e se corressem lanças entre festas e folgares. De feito, parece que o Marquez, comprehendendo melhor do que o seu antecessor a indole jovial e folgazona dos babianos, permittiu-lhes corridas e largos divertimentos.

E' pelo menos o que se deprehe de da leitura da obra de Gregorio de Mattos.

No meio d'essas festas sua lyra deixou de ser uma lyra maldizente.

§ 3

A Bahia foi talvez durante a estada do Marquez das Minas um paraíso para *as aves que regressavam dos montes*. Tiveram os poetas seu dia de gloria e o lyrismo brasileiro, que é uma enfermidade regional, como é, por exemplo, a febre amarella, o lyrismo do auctor do *Marinícolas* deu tregos á detracção e ao odio reinól para celebrar cavalladas, torneios, farças mouriscas, reinados e todas aquellas coisas que n'esse tempo eram saborosas e davam grande gosto a colonos e mazombos. Excedeu-se então o poeta nos louvores com que engrinaldou o Marquez e o conde, exaltando ao mesmo tempo a galhardia dos cavalleiros bem apparecidos, que disputaram primasias no terreiro da cidade, por occasião da festa das virgens em 1685.

Nos versos que descrevem essa festa vive-se a vida da Bahia ; e o satyrico, entrelaçando o comico com a seriedade, entre risos e flores, fogaças e carneiradas, faz-nos conhecer os rapazes e os tafues da terra, como se o dia fôra hoje. O Brandão ligeiro, o Marinho generoso, o Barreto alheio a susto, o Eusebio desvellado, o valoroso Moniz, o gracioso Bolatim, o famoso Araujo, todos

os rapazes folgazões da brigada de Cupido nos apparecem ricos de brocados, nos brilhantes frisões ajaezados. Até o pobre sobrinho do padre Damaso se nos mostra nessa festa para folgar e tambem para trahir o espirito zingareiro do poeta. E'aquelle, segundo reza a respectiva decima, o « ousado patifão » que « ao cheiro acudiu dos patos » trabalhando ...

« ... a meio trote
 Qual servo de D. Quixote
 A quem chamam Sancho Pansa,
 Na sella infame pernetta,
 E com tramoia secreta,
 Eia sobre o seu jumento
 Pelo arreio e nascimento
 A' bastarda e á gineta. »

Raros são os trechos de chronistas que conseguem transportar-nos aos tempos idos, com a mesma vehemencia e lucidez que se topam nas descriptivas de Mattos. Tudo depende de sabel-o-ler, e articular os seus informes poeticos com as datas, os successos e os homens que o cercavam. E' evidente, pois, que o satyrico, durante o periodo do governo do marquez das Minas encontrou companhia para os convescotes e largas andaduras para o seu genio de bohemio. Taes prazeres, porém, não deviam durar muito tempo, porque ao marquez succedeu um indifferente e quasi incognito Mathias da Cunha, e a este o grotesco gover-

nador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coitinho, que, segundo rezam as chronicas, não foi homem de todo mal intencionado, mas que possuia um defeito insupportavel a satyricos, irritante contundente do bom gosto e da esthesia.

Camara Coitinho era feio, alambazado, exotico ; o ridiculo parece que andava-lhe nas alcatras. Tanto bastava para que o poeta se collocasse na tropilha da opposição.

Os seus versos, todavia, não lhe teriam grangeado grandes amargores, se o governador não tivesse outro defeito mais grave ; um filho de nome João Gonçalves, commandante de uma companhia de infantês e rapaz de poucas graças. Este rapaz, ao lado do pae, como era de prever, não sorriu á poesia. Interventor nas desavenças do Parnaso, conseguiu logo que o amado progenitor puzesse termo aos dislates metricos de quem se não pejava de numa festa publica chamar ao pae de velho Saturno e outras coizas muito feias. Os bons filhos raro perdoam offensas atiradas ás qualidades estheticas de quem os gerou. Ora, Gregorio de Mattos fizera ao governador a satyra mais estrepitosa, pelas coegas ao riso, que até hoje se tem escripto em portuguez. Ha muita gente que não sabe a historia de Camara Coitinho ; mas quem póde ignorar que na Bahia existiu « um nariz de tucano côr de pato ? » Quem existe no Brazil que não tenha repetido muitas vezes tre-

chos do celebre *Retrato* do Antonio Luiz em be-
mol e em bequadro ?

« Nariz de embono
Com tal saccada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono. »

Pois bem, esse nariz era sagrado. E, por tel-o puxado, Gregorio de Mattos soffreu o que não conseguiram que elle soffresse os seus ataques á honra do *Braço de Prata*. Vedaram-lhe continuar a escrever satyras na cidade ; e lhe impuzeram o exilio para os engenhos do Reconcavo. A vida nessas paragens, como já vimos, não era das coisas mais crueis ; nem talvez para o poeta significava uma penna fulminante. Em todo caso arrebatavam-lhe os ultimos meios de subsistencia ; mas em compensação davam-lhe a patente legal de parasita. Mattos a accitou e começou então a sua peregrinação pelo Reconcavo, quasi foragido, e relativamente feliz na sua miseria. Despedindo-se da Bahia, não a poupou, e atirou-lhe a sua frecha do Partho ; e escrevendo ao conde do Prado exprimiu-se com a acrimonia do pariá.

« D'aqui desta praia grande
Onde á cidade fugindo,
Conventual das arêas.
Entre mariscos habito ;

A vós, meu conde do Prado,
A vós, meu príncipe invicto,
Illustrissimo Mecenas,
De um poeta tão indigno.

Enfermo de vossa ausencia,
Quero curar por escripto
Sentimentos, saudades,
Lagrimas, pennas, suspiros.

Ausentei-me desta terra,
Porque esse novo maldito
Me poz em guerra com todos,
E aqui vivo em paz commigo,

Graças a Deus que não vejo
Neste meu doce retiro
Hypocritas embusteiros,
Velhacos intromettidos.

Não me entram nesta palhoça
Visitadores prolixos,
Políticos enfadonhos,
Ceremoniosos, vadios.

Visita-me o lavrador,
Sincero, simples e liso,
Que entra co'a bocca fechada,
E sae com o queixo cahido.

Dou na varanda um passeio
Ouço cantar passarinhos.
Docemente, ao que entendo,
Excepto a lettra e tonilho.

Vou-me logo para a praia,
E vendo os alvos seixinhos,
De quem as ondas murmuram,
Por mui brancos e mui limpos,

Os tomo, em minha desgraça,
Por exemplo expresso e vivo,
Pois eu, por limpo e por branco,
Fui na Bahia mofino.

Queimada veja eu a terra
Onde o torpe idiotismo
Chama aos entendidos nescios
E aos nescios chama entendidos.

Queimada veja eu a terra,
Onde em casa e nos corrilhos
Os asnos me chamam asno.
Parece coisa de riso.

Eu sei de um clérigo zote,
Parente em grau conhecido,
Destes que não sabem *musa*,
Mau grego e peor latino,

Ambicioso, avarento,
Das proprias negras amigo,
Só por levar a gaudere
O que aos outros custa gimbo,

Que se acaso em mim lhe falam
Torcendo logo o focinho,
« Não me fallem n'este asno »,
Responde em todo seu sizo.

Tambem sei que um certo Beca,
 No pretorio presidindo,
 Onde é salvage em cadeira,
 Me poz asno de banquinho.

.

Era eu em Portugal
 Sabio, discreto, entendido,
 Poeta melhor que alguns,
 Douto como os meus visinhos.

E chegando a esta terra,
 Logo não fui nada disto,
 Porque um direito entre tortos
 Parece que anda torcido.

.

Esta é a vida que passo
 No descanso em que vivo.
 Me rio dos reis d'Hespanha
 Em seu celebre Retiro.

Si a quem vive em solidão
 Chamou beato um gentio,
 Espero em Deus que hei de ser
 Por beato inda bem quisto.

A ultima promessa do poeta não se cumpriu.
 Não tinha elle, como o seu mestre Horacio (o
 gentio de que fala), indole para viver *procul ne-*

gotiis. Era-lhe preciso o movimento. Como não lhe permittiam o ingresso no *forum*, resignou-se ao ruido das senzalas. Os amigos que havia nos engenhos abriram-lhe franca hospitalidade.

IX

**O parasita. — De viola em punho; pelos engenhos.
— Os amigos do poeta. — Galeria de mulatas ;
lyrismo creoulo.**

§ 1

Os leitores já sabem o que eram ou deviam ter sido os engenhos do Reconcavo, ao tempo em que Gregorio de Mattos, espoliado da cidade pelo « nariz de embono » do governador, perlustrou-os de viola em punho para viver á ufa. Nem todos os senhores feudaes da Bahia eram trataveis, os reinões seriam bruscos e não deram provavelmente guarida ao poeta, que era capaz de comer-lhes os cuscúzes e pagar-lhes a hospedagem em decimas no genero das do Aretino ; mas havia aquillo que começava então a constituir a nobreza brasileira, os fazendeiros nascidos no paiz ; e estes, francos, doces no trato e quasi perdularios, sabiam ser prodigos com os amigos, abrindo nos seus engenhos todas as portas ao prazer, ao bem estar, ao socego, á palestra e aos jogos carteados, que são a suprema delicia dos solitarios do trabalho

campestre. E' facil, portanto, comprehender quanto não deviam ter sido por elles monopolizadas a graça e a veia repentista e anecdotica do auctor do *Marinícolas*.

A maior parte dos engenhos eram situados á margem da grande angra, ou dos rios circumjacentes. Communicações facéis em canoas ou barcos veleiros, vida variada, travessias pittorescas, pescarias aos domingos, convescotes uma vez por outra, caçadas de porcos e mocós, esperas de veados, visitas de engenho a engenho, boas pandegas pelas estradas : nada faltava na situação a que haviam reduzido o poeta bahiano, para que elle, salvo a velhice e a relaxação erotico-senil a que se entregava, se reputasse um homem feliz. Innumeras poesias da collecção traduzem com eloquencia essa quadra de sua vida original. Pelos versos dedicados aos seus amigos vemos em que sitio a musa passou e descuidosa celebrou mulatas e mecenas. São Francisco, Madre-Deus, Cajahiba, S. Gonçalo, Paripe e outros sitios foram-lhe assumptos e motivos para deliciosos descantes. Em S. Francisco, principalmente, o poeta achou o que mais precisava, um fidus Achates, verdadeira fôrma para seu pé, o musico Ferreira, que de continuo o acompanhava ao som do violão.

Nos referidos versos, entretanto o que mais avultava, na propecta idade que Mattos attingira, era a sua predilecção pelos quitutes. Um almoço n'um engenho era com effeito para enlouquecer

um rabelaiseano da gemma. Ainda não se apagaram dos costumes bahianos as tradições pantagruelicas ; e quem já visitou senhores de engenho da Bahia ou de Pernambuco pôde avaliar aproximadamente o furor culinario de uma época em que comer bem, além de classico, nas regiões de que se trata, era um conforto, um regalo, uma distracção muitissimo philosophica. A terra pródiga em fornecer os materiaes para estes hymnos ao estomago ; a imaginação das negras africanas e os seus requintes de temperos ; as disposições sadias dos contubernaes, sempre promptos a exigir abundancia, variedade e exquisitisse nos pratos : tudo isto junto dava uma resultante que se estendia em almoços e ceias capazes de fazer recuar o mais valente sybarita. As colossaes paneladas, irrigadas de aguardente : os sarapateis de bóde ; os cuscúzes a leite de côco ; as moquecas azeitadas ; as peixadas succulentas ; as cangicas ; os fumegantes inhames e nambús ; as tapiocas gostosas ; as tumbanças ; as pamonhas de milho ; as cambicas de toda a especie ; o bom leite ; a appetitosa coalhada ; os bolos de cariman : o nativismo culinario, emfim, levado a seu mais alto gráo fazia esquecer as iguarias do outro lado do Atlantico e influindo na lyra maldizente, retemperando-lhe as cordas, chegava a tornal-a insidiosa e lisongeira. E por isso dizia o poeta :

« O peixe roda aqui, ferve o marisco,
 Come-se ao grave, bebe-se ao Tudesco,
 Vêm barcos da cidade com refresco,
 Ha já tanto biscoito como cisco. »

Como podia o velho satyro, desencanaiporado pelo nariz de Camara Coitinho, ser insensível a tantos primores ? A veia anacreontica se lhe aguçou nestas conjuncturas ; e não era sem razão que elle, da ilha de Gonçalo Dias, aonde se achava, desgostoso por differenças que tivera com certo personagem da Cahahiba, escrevia aos seus magnificos amigos abi residentes, chorando não estar em sua companhia entregue ás delicias da petisqueira e dos amores *pro derelicto*.

« Que vai por lá, senhores da Cahahiba ?
 Vocês, se levam vida regalada
 Co'a arraia chata, a curimã ovada,
 Que lhes fórma em dois lados quatro gibas :

Eu n'esta ilha, inveja das Maldivas,
 Estou passando a vida descansada.
 Como o bom pleixe, a fruta sazoadada
 A'vista de um amor sangue de sibas. »

Nesta ilha e em outras amenas estancias, aonde o refestelou a musa chocarreira e trapalhona, continuou Gregorio de Mattos a escrever versos, os quaes seguramente não foram os menos apreciaveis da sua lyra desbragada, menos venenosos,

porque não o apperreeavam no momento, mas eroticos e sensuaes em razão da idade, da influencia do campo e da condescendencia dos amigos.

§ 2

E' pena que o poeta não nos dissesse se os seus amigos da cidade, os poetas como elle, o iam visitar, nem o que então faziam, de sucia litteraria ; quaes as ideias que aventavam, e se trocavam versos, rimas, sonetos *inter-pocula*, como em outras eras haviam feito, mesmo fóra de Arcadias, poetas distinctissimos. Apenas encontro, entre os ineditos um soneto hostile aos visitantes importunos, no qual o auctor do *Marinícolas* se mostra muito enfasiado, no seu retiro de S. Francisco, de pessoas que lhe solicitavam glosas,

« Anda a poesia a todo trote,
E de mim corre já como um lambique
Não sendo um destillador bricho ».

Com effeito, parece que tanto lhe haviam puxado pela veia picaresca, que elle desatinava com pedidos insensatos, proprios apenas para malquistal-o ainda mais com os poderosos. Por estes tempos só lhe mereciam versos os bons amigos dos engenhos, o moleque Moçorongo, que o alcovitava, e o cavallo Faisca, em que se trans-

portava de uns pontos para outros. Uma lacuna cruel é, portanto, para os que hoje apreciam o incomparavel satyrico, a que o descuido dos homens deixou na historia quanto ás suas relações de ordem litteraria.

Pela sua obra sabe-se a quem elle aggreuiu na qualidade de pretenciosos licenciados do Parnaso. Mas de que modo viviam na Bahia, pelo menos de 1861 em deante, época em que o padre Vieira recolheu-se á cidade do Salvador, Bernardo Ravasco, Eusebio de Mattos, o joven Rocha Pitta e outros cultores das musas e da prosa? Quanto a Antonio Vieira sabe-se que, tendo ali chegado, velho, desilludido e quasi cego, recolhera-se á quinta do *Tanque*, sitio aprazivel que os padres possuiam nas immediações da cidade da Bahia, e neste santo retiro se encostara para completar a sua obra litteraria, revendo os seus sermões e reduzindo a livros os paradoxos a que o furor politico o tinha arrastado.

E' possivel que no *Tanque* se reunissem os mais conspicuos da sabia colonia para ouvir a palavra ardente do jesuita, que aliás, nem por viver nessa escolhida soledade, deixou de ser incommodado pelas intrigas de Telles Menezes e, ainda, nomeado provincial do Brazil.

Que Mattos respeitava o conselheiro de Dom João IV e este admirava o poeta do *Marinicas*, não resta a menor duvida. Mas não podemos saber o que na cidade do Salvador fizeram jun-

tos ; como se influenciaram mutuamente nos limites dessa amizade respeitosa. Sobre tão preciosa amizade não ha documento algum. No que toca ao irmão Euzebio de Mattos, presumo que, nos ultimos annos, não fossem cordialissimas as relações. Deixando a Companhia de Jesus e mettendo-se a carmelita, o illustre poeta sacro e prégador exaggerara o seu mysticismo ; nestas condições, pois, e quando se occupava em regrar com suas predicas as freiras do mosteiro de Santa Clara, assistindo-lhes ás festas e exhortando-as á perseverança na virtude, não é admittivel que recebesse com boa cara as invectivas com as quaes o irmão desordenadamente mimoseava as innocentes virgens do senhor.

Gregorio de Mattos não poupou nem mesmo a santificação conventual das donzellas bahianas, que, no fervor da crença do tempo, se haviam sacrificado á oração. Desesperado um dia de ver o alarde do padre Damaso, pensou vingar-se, sujando com a propria satyra o ciborio da virgem immaculada. Havia uma freira, de proverbial fealdade, e a quem provavelmente o padre Damaso distinguia nos oiteiros. Pois bem, Gregorio de Mattos não trepidou em converter essa sympathia clerical em um horroroso crime, em um nefando sacrilegio, tanto mais difficil de praticar-se quanto na Bahia todos se espiavam ; e, na inconsciencia do seu gonio detractor, uma boa tarde, fez circular entre os folgazões pales-

tradores de calçadas um soneto, em que affirmava que a freira, por motivo de acharem-n'a todos muito feia, se gabara de ter emprenhado e parido do « conego avestruz ». Será crível que Euzebio depois d'isto não se afastasse do irmão ?

Rocha Pitta tambem fazia parte da nobreza litteraria daquelle tempo. Mas Rocha Pitta, muito moço então, estava a grande distancia do futuro autor da *Historia da America Portugueza* e ainda não se tinha transformado no *Vago da Academia Brasileira dos Esquecidos* ; era apenas um poeta, que pedia a Gregorio de Mattos uma rima para *mim* e recebia do satyrico um *mólho de capim*. O autor de *Marinicolas*, pois, não o applaudiu ; e sabe-se que por causa do *capim* o historiador *in herbis* votou-lhe um odio litterario que para sempre os separou. Nada, entretanto, perdeu Gregorio de Mattos com essa caricata desintelligencia ; porquanto Rocha Pitta não passava de um arcade atoleimado, incapaz de absorver o que havia de bom em seu paiz, e que se dedicaria a escrever uma *Historia* cheia de inexactidões para adular o acanhado espirito da época e collocar-se muito abaixo do modesto Frei Vicente do Salvador.

Fosse, porem, como fosse, mais do que Rivasco, mais do que Rocha Pitta, a Gregorio de Mattos enthusiasmavam os campanheirões do Reconcavo, que lhe nutriam os vicios senis e de poeta relaxado.

O Bento Pereira, que, como elle, fôra arranjado e agora andava aos paus, não o deixava, e muitas coisas lhe indicou. Que prazer não lhe infundia o Henrique da Cunha, ostentoso e por todos disputado, quando do sitio de Itapema vinha á Caja-hyba visitar os bons amigos? Logo todo S. Francisco sabia a boa nova e a pimpona da Apolonia se enfeitava. Nenhum, entretanto, excedia em favores ao Ignacio de Parnamerim, o senhor, ao que parece, do moleque Moçorongo. Era este Ignacio que lhe trazia a lyra encordoada, dando-lhe noticias não só das antigas conhecidas, como das que iam apparecendo. Todavia o poeta, não lhe perdoou que levasse dous annos a illudil-o com a entrega de uma viuva, que era a « gloria de Itapema ».

§ 3

Graças a tão amavel remanso poude o velho satyro completar a sua galeria de mulatas, dando os ultimos toques ao lyrismo creoulo que constituia a maior originalidade do seu estro.

Lyrismo não é propriamente o nome que deve ter essa inspiração de um *caipora*. Se no fundo d'elle ha a luxuria de Ovidio, na correspondencia não existe o susto da mimosa Chloé, nem a mansuetude persuasiva do poeta seductor.

Gregorio de Mattos descascava a propria ma-

deira nacional e della fazia a VIOLA que um seculo depois havia de ser tangida por Lereno ; as suas Chloris e Cynthias eram muito atrevidas, nada innocentes, quasi todas refinadas em requiebros e senhoras dos segredos de Canidia. As doçuras, portanto, dessa nova lyra deviam ser iguaes ao summo de certas fructas tropicaes, que afagam o paladar, mas cortam a lingua e arrasam os epithelios.

Nessa original galeria não se encontram outros retratos que não tenham a predilecta côr de cannella. Gregorio de Mattos só uma vez pintou uma preta retinta, talvez porque o requestara ; mas esse retrato é tão violento e rescende por tal modo a classica catinga de africana, que parece destinado a fazer *pendant* ao celebre *Retrato do Braço de Prata*, aliás escripto no mesmo tom, em iguaes figuras, quasi com os mesmos tropos. Os das pardas são o thesouro da sua bem querença, e o seu *estimaverunt*.

Brites foi-lhe a mais querida, apezar de tel-o desprezado e admittido esposo.

« O amor correspondido
 Não é o mais perfeito amar,
 Que não se hão de equivocar,
 Amante e agradecido,
 Sempre contingencia ha sido
 O rigor ou a clemencia,
 E se de correspondencia

Nascera sempre a vontade,
 Não fôra amor divindade,
 Porque o fôra a contingencia.

O amante que procura
 Ser em seu amor ditoso.
 Tem ambição ao formoso,
 Não amor a formosura.
 Quem idolatra a luz pura
 Da belleza vigorosa,
 Com fineza rigorosa,
 Ame sempre desprezado,
 Porque o ser eu desgraçado
 Não vos tira o ser formosa »

Todos estes desprezos cifravam-se em fugir o corpo ao poeta porque andava alcançado em annos.

Betica, como elle a chamava, dizia ao velho, na roça, que fugisse ás moças porque o era ; mas o satyro, sempre jovial e petulante, não deixava o remoque sem protesto.

« A bofé não fugirei,
 Emquanto Brites fôr moça. »

E quando as allusões attingiam a sua virilidade, o autor do *Marinícolas* remoçava, ameaçando-a com batalhas incessantes, e erigia-se como primitivo fauno de Lisboa.

« Nisso mais vos enganais
 Que eu penteio desenganos,
 Não pelo peso dos annos,
 Pelo pezar que me dás.

A ingrata casou-se todayia. O poeta então exultando, blasphemou.

« Vós casada, e eu vingado...

.

Chorar vosso casamento
 E' sentir a minha dôr ;
 E agora me obriga o amor
 A sentir vosso tormento.

.

Levai prudente e sagaz
 Esse cargo, essa pensão,
 Porque o erro de eleição
 Comsigo outros erros traz :
 Se é de remedio incapaz
 O erro do casamento,
 Dissimule o soffrimento
 Esse erro, porque maior
 Não façam o erro de amor
 Erros de arrependimento. »

Que, porém, devia`esperar Gregorio de Mattos de Betica, senão estes e outros desenganos ? Já então o poeta se esquecera de que lhe negara, havia tempos, cem mil reis, accrescendo que lhe

dirigira versos bem acerbos. Elle não era nenhum « commissario de frotas, que fizesse roupa de francezes dos brocados de Lisboa ». Como, pois, lhe avezaria maquia tão graúda, se não batia moeda, elle, um idiota « que para um tostão ganhar estudava toda a noite ? »

« Cem mil réis me vens pedir ?
A mim cem mil réis, menina ?
Se eu algum dia os vi juntos,
Deus m'os dê e tu m'os comas.

.

Para que sendo tão rica
Pedes como probretona,
Se esses teus dentes de prata
Estorvam dar-se-te esmola ?

Que mais cebedal desejas,
Se és tão rica de perolas,
Que com varios chistes pedes,
Todo um dia a mesma coisa ?

Tu pedindo e eu negando,
Que coisa mais preciosa,
Que val mais do que desejas,
E a ti nada te consola.

Cem mil réis de uma só vez !
Pois, pobreta, á outra porta :
Deus te favoreça, irmã,
Não ha trocado, perdôa. »

Muito injuriado ficou o poeta com o vandalismo da Betica. Declarou guerra ao casamento e tantas foram as pragas que rogou ás casadas, que, por esse facto, não deixavam suas casas para irem folgar na roça, ao som das gaitas, com os gaiatos das ruas, que por um triz não se levantou o bello sexo da Babia contra os seus desmandos.

— Casem todas, dizia elle, case esta e case aquella « e tão casada fique, que nem para fazer caca o marido a deixe, nem se lhe tire da ilharga ».

E não era isto só! Nunca furia tamanha se viu em um senil poeta despeitado!

« Case, e depois de casar-se
Tanto gema e tanto paira.
Que caia em meio das dôres
Na razão das minhas pragas.

Case e tanto se arrependa,
Como faz toda a que casa.
Que nem para descasar-se
A vida da igreja saiba. »

De Betica marinhou o poeta para os dengues da Joanna Gafeira. Depois do sylpho, a jararaca. Esta, ao que se pensa, deu-lhe um ensino formidavel, com o focinho torcido, o pescoço empinado e o beicinho esguelhado.

Era Joanna Gafeira, na opinião de Gregorio de Mattos, uma mulata de « modos tão estrangeiros, alheios e peregrinos » que jamais conseguira fazer

no seu peito « retroceder as tentações, nem arri-
bar os designios ». Quando a rapariga lhe andava
fazendo negaças com « um favorsinho de riso »,
o poeta vingava-se preferindo-lhe a Ursula, a Bel-
leta e a notavel pimpona da Apolonia, que dava
o tom a S. Francisco ; e por isso não poz duvida
em ferrar-lhe uma satyra feroz. A Joanna arre-
pelou-se ; mas taes arrufos não duraram, porque
o satyrico, em tratando-se dessa gente, desfazia-
se logo em doçuras de alfenins.

« E só feliz eu serei
Só logro em vossos carinhos.
E me impinges nesta cara
De vossa bocca um beijinho,
Tendo-me em vossa graça.
E a queixa se torna em riso,
A malquerença em amor,
O desfavor em carinho. »

A Antonia de Parnamerim foi tambem outro
motivo de desgostos para o autor das *Reprovações*.
Os encantos dessa parda, a quem vulgarmente
davam o nome de *Catona*, eram taes que o poeta
não se pejou de declarar que nada sabia de amor
aquelle que nao a preferia aos outros astros ;
e parodiando o *alba ligustra cadunt, nigra lilia
leguntur* do mavioso mantuano, afrontava os céos
para adorar um « pardo planeta ».

« Pisa airosa e compassado,
Sabe-se airosa mover,
Calça que é folgar de ver,
E mais anda a pé folgado ;
Conversa bem sem cuidado,
Ri sizuda na occasião,
Escuta com attenção,
Responde com seu desdem,
E ainda assim responde bem,
E' bemquista a sem razão.
E' parda de tal talento,
Que a mais branca e a mais bella,
Poderá trocar com ella
A côr pelo entendimento.
E' um prodigio, um portento ;
E se vos espanta ver,
Que adrede me ando a perder,
Dá-me por desculpa amor.
Que é femea trajada em flor,
E sol mentido em mulher. »

A nada disto, porém, moveu-se a orgulhosa ; e segundo refere o proprio cantor desses primores, o lyrio, convertendo-se em cardo, fel-o amargar um « odio mortal e atroz », que, não obstante, nunca conseguiu desanimal-o. Todo o Parnamerim seguramente riu-se dessa doida paixão de velho sem juizo, quando este, regressando a S. Francisco, se esforçava por consolar-se com a esperança propria de jovens namorados.

« Mil vezes o tempo faz
 O que á razão não conveio,
 Metterei, pois, tempo em meio,
 Porque elle nos metta em paz.
 Nós estais muito tenaz
 Em dar-me um e outro *não*,
 E eu, levado da afeição,
 Espero tempo melhor.
 Onde o que não obra amor,
 Vença o tempo, obre a razão. »

Tão rigorosa como as precedentes não foi a gentil Annica, que o andou enfeitçando nos geraes da Cahyba. Queixava-se o poeta de que essa mulher faisca o embriagava com segredos e mandingas.

« Não sei que pós foram estes
 Que na alma me derramastes ?
 Não sei com que me matastes ?
 Não sei o que me fizestes ?
 Sei que aqui me apparecestes,

E vendo-vos com antolhos
 Topei com tantos abrolhos
 Na vossa dura conquista,
 Que me tirastes a vista
 E me quebrastes os olhos. »

Não obstante, porém, as condescendencias dessa guapa, não a poupou o satyrico aos seus remoques, regateando-lhe uns sapatos. Um cruzado pediam pelos sete pontos da obra ; mas tal era a quebra-

deira em que se achava o cantor, que suppoz-lhe pagar tudo com a candura da musa e umas quadrinhas eroticas, muito dignas do antigo estudante do Mondego.

« Um cruzado pede o homem,
Annica, pelos sapatos,
Mas eu ponho isso á viola
Na postura do cruzado.

Diz que são de sete pontos,
Mas como eu tanjo rasgado,
Nem nesses pontos me metto
Nem me tiro desses tratos :

Inda assim eu não soubera
O como tens trastejado
Na banza dos meus sentidos,
Pondo-me a viola em cacos :

O cruzado pagaria,
Já que fui tão desgraçado,
Que boli co'a escaravelha,
E toquei sobre o buraco.

Porém como já conheço
Que o teu instrumento é baixo,
E são tão falsas as cordas,
Que quebram a cada passo :

Não te rasgo, nem ponteio,
Não te ato, nem desato,
Que pelo tom que me tanges,
Pelo mesmo tom te danço.

Busca outros temperilhos,
Que eu já estou destemperado,
Estou na quinta do Pegas
Minhas coisas cachimbando.

Se tens o cruzado, Annica,
Manda tirar os sapatos,
E senão lembre-te o tempo,
Que andaste de pé rapado.

E andavas mais bem segura
Que isto de pisar em saltos
E' susto para quem pisa,
E a quem paga é sobresalto.

Quem te curte o cordovão
Porque não te dá sapatos?
Mas eu que te rôo o osso
E' que hei de pagar o pato?

Que diria quem te visse
No meu dinheiro pisando?
Diria que quem t'o deu
Ou era besta ou cavallo.

Pois porque não digam isso,
Leve-me a mim S. Fernando,
Se os der, e se tu os calçares,
Leve-te, Annica, o diabo.

* * * * *
Fica-te na paz de Deus;
Saudades, até quando?
Vem-te despedir de mim,
Porque de hoje a oito parto ».

Os bons amigos da Cahyba honraram com certeza a firma do bardo da praia de S. Francisco. Não ha outra coisa que suppor. O lyrismo de Mattos assim gradualmente se assevandijava, porquanto, se Brites e a Catona representavam na sua viola bandoleira a formosura, o dengue, o amor arisco e fugitivo, não acontecia o mesmo com muitas outras, cujas tafularias já o aproximavam dos bordeis da roça, ainda mais relaxados e vis do que os prostibulos da cidade. Nestes casos se achavam : a Luzia Parnamerim, de quem o poeta apenas exigia afagos « ao vêr e ao apalpar » ; a Beleta de Francisco, boligosa e desbragada ; e a Jelú, faquista e desbocada ; a Antonia Maritonda, moradora da rua da Poeira, de cujas propriedades causticas nem a satyra poude preserval-o. Finalmente o poeta até buscou os braços da Damazia, mulatinha escrava, faceira e mentirosa, que não se embaraçava em andar pelos batuques com os vestidos da senhora.

O deportado. — Em Angola; ultimo pleito do poeta. — Em Pernambuco; para a eternidade.

Nesta situação, originalmente lyrica, mas em excesso deploravel, encontrava-se Gregorio de Mattos, quando chegou á Bahia D. João de Lencastre nomeado governador em substituição ao cunhado Camara Coitinho. Era esse portuguez dotado de maneiras lhanas e muito affavel, e além disto grande amigo e conhecedor dos merecimentos do poeta, tanto assim que, quando passara do governo de Angola, fazendo escala pela Bahia, hospedado em casa do cunhado, mostrara-se immensamente degostoso por não tel-o Gregorio de Mattos visitado. Por esta occasião exigiu que o autor do *Marinicas* lhe dirigisse ao menos uma satyra : e este, se bem que receioso do *Nariz de embono* dedicou-lhe não só uns formosissimos versos congratulatorios, mas tambem, na festividade das virgens, celebrou a grandeza de quem se sabia descendente de D. Duardo, o paladino de Inglaterra. Fosse por essa amisade ou pelo que affirmam os biographos relativamente á influencia de

um sobrinho de Camara Coltinho, D. João de Lencaestre, apenas entrou no cohecimento da vida desregrada que o amigo levava em S. Francisco e nos engenhos do Reconcavo, procurou por todos os meios arredal-o dos vicios, moralizando-o. Louca tentativa, porém, era esta de querer dar juizo a um velho crapuloso. Como é facil imaginar, Gregorio de Mattos se irritaria com a pretensão de tutelarem-n'õ. Dahi é possivel que procedesse a resolução tomada pelo governador de remettel-o para Angola.

Refere o licenciado Rebello que Gregorio de Mattos fõra apanhado á traição e que o seu maior amigo, Ravasco, justamente servira de instrumento ao governador para attrahil-o á cidade e embarcal-o na primeira monção. Todos sabem como elle desobrigou-se na despedida do que devia á *senhora dona Bahia*.

Nada encontro nas poesias de Gregorio de Mattos que denuncie os seus despeitos em Angola. O poeta quando para lá foi deportado já era um septuagenario ; o seu espirito, portanto, rodava sobre os mesmos eixos. Dizem, entretanto, os biographos que elle ainda pode advogar com exito e ganhar ali com que subsistir.

Parece que em Loanda não houve tempo para que o autor do *Marinicolas* entrasse em luta com « a canalha infernal » da localidade. Apenas enquanto demorou-se no degredo, teve elle occasião de agitar o genio comico e atilado n'uma revolta

de soldados. E' bastante curioso o facto para que não o exclua desta resenha de acontecimentos referentes ao poeta.

Governava aquellas partes da Africa portugueza Pedro Jacques de Magalhães, a quem D. João de Lencastre fizera as maiores e mais carinhosas recommendações no intuito de evitar ao desterrado soffrimentos e vexames. Gregorio de Mattos exercia pacificamente os seus misteres profissionaes, quando um dia viu entrar por sua casa uma chusma de soldados pertencentes á guarnição da praça, a qual, amotinada e posta em armas fóra do povoado, queria forçar o governador, seu general, a uns tantos caprichos de classe. Os arautos da revolta, pois, topando o advogado desprevenido, declararam que o vinham buscar para que elle os aconselhasse e formulasse as capitulações que deviam apresentar ao seu superior. A posição era difficil, principalmente tratando-se de um desterrado já tão batido da sorte e a merecer soccorro das autoridades da terra. Fossem, porém, quaes fossem as razões então offerecidas, os soldados levaram-no até o acampamento, e ahi, pondo-o entre a cruz e a caldeirinha, intimaram-no a que redigisse os artigos e proclamasse os direitos dos desordeiros. Valeram-lhe nesse transe as retentivas de lettrado, o sangue frio e a velhice; e a lembrança talvez de algum recurso historico, de que a sua memoria andava bem providava, forneceu-lhe o meio de

subtrahir-se ao perigo adiando o seu trabalho.

— Meus amigos, disse-lhes o satyrico, é indispensavel que me reconduzam ao domicilio, pois que sem que eu traga para aqui certa coisa de que me esqueci, nada poderei fazer á medida dos vossos desejos.

Os amotinados cahiram na cilada e pensando que o poeta se referia a algum livro de direito, arriscaram-se a penetrar outra vez na praça. Os rusticos e os populares são muito crentes em cartapacios e livros velhos ; dahi a simplicidade dos revoltosos, os quaes tinham a causa por perdida, se o advogado não citasse a ordenação ou o regimento applicavel ás suas desenvolturas. Gregorio de Mattos, porém, chegando á casa, poz-se a revolver os badulaques, e por ultimo apresentou-se aos seus clientes armado da viola com que de ordinario se acompanhava em suas chulas(14). Com semelhante *provará* era que elle pretendia supplantar a logica do general. Os amotinados, naturalmente desapercibidos do que se passava, e espantados com o epigramma, cujo sentido desconheciam, deram tempo a que o governador operasse contra o movimento e os reduzisse á submissão.

Esta proeza do satyrico bahiano valeu-lhe as boas graças de Pedro Jacques de Magalhães, o qual não só o aproveitou como vogal no julgamento dos cabeças da revolta, depois arcabuzados, mas tambem dando cumprimento ás reco-

mendações de D. João Lencastre, permittiu que elle embarcasse para Pernambuco.

§ 2

Transportado para a capitania, Gregorio de Mattos procurou, embora tarde, reconciliar-se com o socego. E já era tempo de o fazer. Com effeito, ahi foi bem recebido pelo capitão-mór Caetano de Mello e Castro, que tratou de dar-lhe bom agazalho. Diz-se que o procedimento deste official se pautara pelo que tivera o governador D. João de Lencastre, quando embarcou o poeta para Angola. Mello e Castro mostrou-se muito sentido pelas desventuras de Mattos, que se lhe apresentava então desarvorado e apenas adornado dos farrapos da miseria e do seu estro poetico ; presenteou-o com uma bolsa recheiada de dinheiro e aconselhou-o com palavras calculadamente asperas a que não exercitasse mais a satyra e vivesse socegado como exigiam a sua idade e a sua posição. Não sei se Gregorio de Mattos, com a mão sobre a consciencia, pronunciou o clasico — *promitto tibi, pater*. As anedotas do tempo dão a perceber que muito lhe custou manter o silencio deante dos *assucareiros* de Pernambuco.

Vida gostosa levou elle, entretanto, passando, como já o fizera no Reconcavo, de engenho a engenho, onde o disputavam aquelles roceiros en-

fastiados, pelo muito que colhiam da sua convivencia e inexgotaveis repentes de poeta.

O licenciado Rebello attribue essa procura ao medo que os fazendeiros tinham das satyras do autor das *Reprovações*; e accrescenta que estes homens o agradavam e adoravam do mesmo modo que alguns idolatras da antiguidade faziam sacrificios ao gorgulho para que não lhes destruísse as sementeiras. Ou por ser igual ao gorgulho, ou promover a alegria dos hospedeiros, o que é certo é que Gregorio de Mattos poudé em Pernambuco atravessar os dias restantes de sua vida e fallecer em 1696 sem maiores contratempos da fortuna.

Pequena devera ter sido a sua producção durante esse periodo, não só em consequencia dos avisos salutaes que o capitão-mór lhe dera, como se se tratasse de uma criança travessa e mal educada, mas tambem porque o temto não lhe sobraria para repousar a musa e acender o plecetro da satyra. Todavia os povoados de Sergipe e do Recife não escaparam a uma lavagem metrica das do costume. Os quadros que o poeta fez das duas agglomerações de casas, como topographia comica, são peças originaes e dignas de se ler.

Caricaturas de gente, tenho eu visto muitas; mas de povoações inteiras, num soneto, só conheço essas de Gregorio de Mattos.

Não podendo o poeta aggreir os habitantes, mofava das ruas, ridicularizava as casas, chasqueava das pontes e dos rios. Ainda talvez por

isto Mattos atirou-se a criticar a procissão do cinzas, que costumava sahir em Pernambuco com o character de verdadeira mascarada indigena.

« Um negro magro, em sufflié mais justo
Dois azorragues de um joá pendentes,
Barbado o Peres ; mais dois penitentes ;
Seis crianças com azas sem mais custo :

De vermelho o mulato mais robusto,
Tres meninos fradinhos innocentes ;
Dez ou doze brixotes mui agentes ;
Vinte ou trinta canellos de hombro onusto.

Sem debita reverencia, seis andores ;
Um pendão de algodão tinto em tijuco ;
Em fileira dez pares de menores :

Atrás um negro, um cego, um mameluco ;
Tres lotes de rapazes gritadores :
E' a procissão de cinza em Pernambuco. » (16)

Querem alguns que Gregorio de Mattos tenha fallecido nos braços do bispo de Pernambuco D. Fr. Francisco de Lima, constricto e reconciliado com a religião. Outros levam o satyrico até mesmo além da tumba, attribuindo-lhe uma quatra epigrammatica, dirigida ao Christo, por occasião de lhe apresentarem, no arranco supremo, a imagem lacrimosa do crucificado.

Tudo isto, porém, carece de authenticidade.

Gregorio de Mattos não era um atheu que necessitasse de reconciliar-se com Deus, pois que as suas desavenças tinham attingido sómente os sacerdotes seus adversarios ; nem tão pouco, no espasmo da morte, succumbido, teria espirito para zombar de uma imagem que o aterrava, salvo caso de delirio. Fosse como fosse, em 1696 apagou-se o estro do primeiro poeta satyrico das Americas.

Em 1713 Thomaz Pinto Brandão escreveu uma satyra em que o figurava resuscitado em Pernambuco.

Parece que o espirito do poeta amorteceu no conjuncto da alma brazileira. Entretanto, póde-se affirmar que 'até então nenhum brazileiro obtivera da natureza dotes litterarios tão exagerados. Depois disso a flôr das nossas glorias emmurcheceu.

O Brazil litterario no seculo seguinte reanimou se já muito tarde com o apparecimento de Santa Rita Durão e de Basilio da Gama. O *Caramurú* e o *Uruguay* deviam marcar nova época ás aspirações da musa nacional.

XI

In excelstis ». — **Philosophia e pessimismo.** —
O Capadocismo. — **Prophecias do poeta.**

§ 1

Varnhagem, bem como outros criticos que se têm occupado com o satyrico bahiano, attribuem-lhe falta de elevação, e sem negar-lhe a *vis comica*, consideram-no insulso em grande parte de seus versos, quando não fescennino e immoral. Quanto á ultima arguição, que se poderia dizer de Gregorio de Mattos que já se não tivesse dito de Catullo e Marcial? No que toca á primeira, porém, sendo mais graves os reparos, convem saber se a natureza dos assumptos, o genero da composição e o proprio seculo, se não o meio, no qual nutriu-se e viveu o poeta, permittiam aquella inculcada elevação.

Não ha grandes caracteres sem o apoio de uma grande synthese ou doutrina, insufflada pelo ambiente, ou creada, desenvolvida, pelo mesmo individuo que a preconiza. Ora, Gregorio de Mattos pertencia á raça dos dispersivos. Como a todo o sa-

tyrico, a synthese, a ordem, o amor social, as construcções solemnes lhe eram antipathicas. De que maneira, pois, podia elle arrebatarse a si mesmo e collocar-se no fuste do pensamento humano para prégar e elevar os outros? Por temperamento, a sua missão era unicamente destruir. E sob tal egide elle trabalhou sempre no Parnaso, apurando o proprio estro, que, segundo affirma, tinha sido creado para « mortal veneno » da Bahia. A isto accresce a influencia do seculo; e o XVII, principalmente na sua ultima ametade, foi um seculo de pequenos enthusiasmos. Se é exacto que Descartes no seu começo houvera revelado o *Methodo*, indicando uma grande revolução no mundo das idéas, não menos veadadeiro é que a idade immediata viu não só as nações acercarem-se da *Razão d'Estado*, mas tambem a igreja, então acomodada, collocar junto aos reis, dos que se reputavam fidelissimos, a sagacidade dos confesores jesuitas. Esta pacificação dos espiritos e ao mesmo tempo este abatimento de força collectivas, eram a resultante das lutas que durante os seculos anteriores haviam sublevado a mentalidade no Occidente.

Os reis entravam numa especie de tranquillidade de conquista terminada, e os padres, mais do que a propria Santa Sé, emfim, os jesuitas, a elles associados pelo confessorario e pela diplomacia, punham e dispunham do mundo, sem maiores objecções.

« Os costumes, » segundo dizia o grande Condorcet, « tinham-se abrandado pelo definhamento dos preconceitos que lhes mantinham a ferocidade. A influencia do genio commercial e industrial, inimigo das violencias e das perturbações que afugentam a riqueza, devido ao horror que inspirava ainda o quadro recente da barbaria da época anterior, fazia-se sentir em uma propagação mais generalizada das idéas philosophicas concernentes á igualdade e á humanidade, infiltrando-se nos povos pelo effeito lento, mas seguro, do progresso geral das luzes ». (17)

Todavia, como pondera o mesmo autor, isto não impediu que a intolerancia religiosa subsistisse na época a que me refiro. Um facto, porém, se observava, e era que essa intolerancia coexistia « como uma invenção da prudencia humana, uma homenagem aos preconceitos do povo, ou uma precaução contra seus exageros ». Estabeleceu-se, então, uma média tirada entre os pontos extremos do progresso que attingira o pensamento e a boçalidade do vulgo. Póde-se, portanto, dizer que no seculo XVII houve treguas entre a sciencia e o obscurantismo.

A crença era uma coisa que a ninguem assustava, nem feria os ousados, porque este mesmos quasi não existiam. Dahi surgiu aquillo a que se deu nos paizes latinos o nome de *cultismo*. Nas lettras esse phenomeno era um reflexo do estado philosophica: rhetorica, tranquillidade, applicação

sem iniciativa. Os paizes onde por mais accentuada debilidade esse phenomeno se tornou caracteristico, foram a Hespanha e Portugal, porquanto, se lançarmos os olhos para a França, verificaremos que, apezar da tregua philosophica, nessa época, graças ao genio e ao enorme impulso recebido anteriormente a Luiz XIV, homens houve como Racine, Molière, Lafontaine, que conseguiram transparecer com sua individualidade através dos moldes que lhes impunha a rhetorica universalmente aceita. Em Portugal, entretanto, as academias chegaram a deprimir o espirito a ponto de se discutirem questões da ordem desta : *Se os favores de Nise eram concedidos de graça ou de justiça ao amor de Fabio*. (18) Não chegavam a estas paragens os fogos do incommensuravel Molière ; nem ao menos as aquecia a inspiração de Calderon. Marini e Gongora, com os trocadilhos e conceitos, faziam todas as despesas de tal cozinha litteraria.

Neste meio espirital fôra que Gregorio de Mattos se formara, e já vimos o que elle, em Portugal, com tal ajuda conseguira produzir. A sua vinda para o Brazil, porém, attenuou-lhe essa influencia. Liberto do jugo academico, e não o havendo ainda na Bahia, era fatal que o seu genio assumisse inteiramente a sua natural tendencia. Era elle talvez o unico espirito culto que se exprimiu em portuguez, no seculo XVII, sob a suggestão dos costumes e da musa popular. O autor do

Marinícolas, pois, deu o mais que o homem nas suas condições poderia dar. Nisto reside todo seu merecimento. Alegre por indole, egoista sem systema, agitando-se numa sociedade relaxada, cheio de talento e não menos *verve*, que devia fazer senão alar-se até ao maximo da irritação satyrica que o delectava? Para ser feliz possuia o estro, e a liberdade lhe sobrava para maldizer. Não muito preocupado com a *Razão de Estado*; e sem amor ás especulações de ordem philosophica, para não tropeçar na pedra de escandalo de melancolia moral, achava perfeitamente boas as quatro regras da *Summa* temperada pelos exegetas e pelos juristas do seculo anterior. Quanto ao céu — um Christo atenuado pelo Tridentino. Para que mais? e para que aprofundar?

Vivesse Deus nos arcanos e houvesse paz aos homens de boa vontade. O mundo, portanto, e a vida se lhe apresentavam pelo prisma mais alegre e prazenteiro. De onde, pois, lhe vinha o pessimismo, se na alma não lhe pairava uma só nevoa?

O pessimismo de Mattos, além de ser objectivo, era local. Detestava Portugal; a Bahia não prestava. Nesta era que se concentrava o *punctum saliens* de sua quizilia. Esplendido é o contraste que o seu egoismo proporciona quando a musa e o espirito se lhe aguçam em redarguir um dia « a doutrina ou maxima do bem viver ». Nescio se denominava elle nesses versos, porque só muito tarde cuidou que o era. « O tempo, a idade,

a éra » abriram-lhe por fim os olhos, e a experiencia venceu a metaphysica. —

O tempo mostrara-lhe que, por não conformar-se com elle, nem com o lugar, o fizera de « todo arruinado ». « Na politica de estado, dizia elle, nunca houve principios certos », e tudo quanto neste particular affirmavam os avisados não passava de « acertos contingentes ».

« Muitos por vias erradas
 Tem acertos mui perfeitos,
 Muitos por meios direitos
 Não dão sem erro as passadas,
 Coisas tão disparatadas
 Obra-as a sorte importuna,
 Que de indignos é columna.
 E se me ha de ser preciso
 Lograr fortuna sem sizo,
 Eu renuncio a fortuna. »

No meio de tão discretas observações, achou, entretanto, Gregorio de Mattos modos de conciliar-se com a Bahia.

Eil-os :

« De diques de agua cercaram
 Esta nossa cidadella,
 Todos se molharam nella
 E todos tontos ficaram.
 Eu a quem os ceus livraram
 Desta agua, fonte de *asnia*.

Fiquei são da fantasia ;
 Por meu mal, pois nestes tratos
 Entre tantos insensatos
 Por sizudo eu só perdia.

.

Considerarei logo então
 Os baldões que padecia,
 Vagarosamente um dia,
 Com toda circumspecção :
 Assentei por conclusão
 Ser duro de os correger,
 E livrar do seu poder,
 Dizendo com grande magua,
 Se me não molho nesta agua
 Mal posso entre estes viver.

.

Alto, pois, com planta presta
 Me vou ao dique botar,
 E ou me hei-de nelle afogar,
 Ou tambem hei-de ser besta.
 Do bico do pé até a testa
 Lavei as carnes e os ossos ;
 Eil-os vem com alvoroços
 Todos para mim correndo,
 Eil-os me abraçam dizendo :
 — Agora sim que és dos nossos.

Dei p'ra besta a mais valer,
 Um me serve, outro me presta,
 Não sou eu de todo besta,
 Pois tratei de os parecer.

Assim vim a merecer
 Favores e applausos tantos
 Pelos meus nescios encantos,
 Que emfim e por derradeiro
 Fui gallo do seu poleiro
 E lhes dava os dias santos ».

A ironia, comtudo, não se traduziu em acto.

Gregorio de Mattos era hostile á gente besta da Bahia, e hostile permaneceu até morrer.

§ 2

Querer encontrar em Gregorio de Mattos o genio politico e social de Juvenal, que tentou levantar o espirito dos romanos; ou a philosophia de Rabelais, que nos seus livros fez a caricatura intencional de toda a sociedade de seu tempo, sob os auspicios de um extraordinario encyclopedismo; ou a moral de Lafontaine, que, traduzindo nas *Fabulas* os vicios humanos, ao mesmo tempo retratou a cõrte de Luiz XIV metendo o proprio rei na pelle do leão, e rebaixando os aulicos, os nobres, os lettrados até aos instinctos inferiores do macaco, da raposa, do urso e da cegonha: querer, enfim, transformar uma creança maligna de 60 annos, embora genial, num pensador correcto, seria o mesmo que pedir a Baccho e a Sileno que se virassem no Mephistopheles de Gœthe. Aquelles eximios criticos de costumes, alem de se terem afinado por

outro dipasão, encontravam diante de si collec-tividades muito complexas e capazes de fornecer elementos mais completos para estudos sobre a humanidade e para a producção de obras colos-saes. O poeta bahiano, longe disso, vivia numa sociedade inculta, em via de formação, que nem ao menos tinha o sainete da éra que fôra de Gil Vicente ; para elle, portanto, só havia uma littera-tura, que era a literatura da chalaça. Essa chalaça Mattos elevou á altura do genio ; e fel-o conver-tendo-a no unico fim da sua existencia, sendo elle mesmo a chalaça viva : e de mais nada carecia quem, não desejjando arreliar-se com a vida, an-tes pretendendo gosar-a sensualmente, vira cedo quão facil era relaxar-se e eximir-se a esforços de missionario ou de aventureiro, os unicos typos que, n'aquelles tempos, podiam estar no Brazil a *quatre pattes*.

Vimos o que elle obrou na politica e os desgostos que lhe advicram nesse terreno em razão de sua indole perdularia. Theoricamente o seu genio foi ainda mais ferino, por que cahio a fundo numa instituição bahiana incipiente e de que, como Ma-chiavel procurando censural-a, tornou-se o prin-cipal fautor. Refiro-me ao capadocismo, cujas ori-gens já foram assignaladas. Antes de tudo é preciso que se saiba que não cogito dessa bilontragem da cidade baixa ou de Bomfim, de violão a tiracolo e descantes á meia noite, que se tornou classica e hoje o sul conhece perfeitamente pelas represen-

tações do actor Xisto Bahia. O capadocismo de que Gregorio de Mattos foi o precursor é de maior envergadura, e tem recrutado os seus adeptos em todas as camadas sociaes: — um temperamento desenvolvido pela diuturnidade e adaptado á variedade de elementos que o ambiente offereceu á conquista da formação primitiva.

O bahiano incontestavelmente, entre os typos provincianos que se diferenciaram no Brazil, é aquelle que apresenta mais attractivos. Nem todo mundo sabe o que é a vida brasileira, nem pôde sentir a sua significação intima. Vive-se aqui na ignorancia de como e porque se vive; apezar, porém, da indiferença do maior numero, o laboratorio da natureza trabalha incessantemente e os typos nacionaes vão-se aos poucos alevantando. Como na maior parte das nações novas os brasileiros fallam uns com os outros, correspondem-se, tratam negocios, associam-se, xingam-se, atassalham-se, sublevam-se, abraçam-se, reconciliam-se, obrando em tudo sem programma assentado e por isso julgam-se muito semelhantes. E tudo fazem num desabalo de consciencia notavel e mal percebem que o paraense sestroso não é audaz e paroleiro como o gaucho do Rio Grande do Sul; nem o irritante cearense mostra-se descuidado á moda do flexivel carioca; nem o orgulhoso pernambucano parece-se com o reservado paulista; nem o accessivel maranhoto possui a igualdade de animo do mineiro rudo. E quando, na insciencia das tra-

dições de cada um desses grupos, por não terem prescrutado os vícios intimos de cada uma dessas combinações ethnicas vêem o exito destes e o caiporismo daquelles, perguntam o porque de taes acontecimentos; e se se lhes diz que ha uma razão resultante do momento historico, mostram-se espantados e relutam em acreditar em qualquer affirmação, persuadidos de que nesta terra tudo até hoje tem sido obra da vontade caprichosa dos imperantes e dos mandões. E' assim que se esquecem de que ao genio affavel e maneiroso deveram os bahianos em grande parte a sua preponderancia na politica do segundo imperio.

O ultimo imperador possuia sagacidade necessaria para o desempenho da politica de que eram capazes as suas luzes e a sua indole. Nestas condições não tardou descobrir que os politicos paulistas eram ainda muito aptos para crearem ao filho os mesmos tropeços que haviam opposto ao pae, na independencia e no periodo que se seguiu. Depois de ensaiados os politicos mais proximos da monarchia e posto a prova o genio do sul e o do norte, a experiencia e o instincto fizeram-no afinal pousar na antiga capital do Brazil. Os bahianos tinham-se a este tempo *bibianisado*. Marselhezes da America, menos a *vis belicosa*, adaptaram-se por tal forma á politica imperial que se pode dizer, sem errar, que, durante certo periodo, governaram o Brazil com exclusão de todos. Quem como elles, quer pela posição topo-

graphica, quer pela promiscuidade de habitos, estava em condições de fornecer a D. Pedro II a materia prima de que se havia de tirar a balança politica do Imperio ? Foi com essa balança, entretanto, que se conseguiu o equilibrio dos partidos ; mas foi tambem por meio della que se impossibilitou o advento das grandes individualidades. A preocupação do fiel que oscillava, ora para um, ora para outro lado, acabou por systematisar as explorações das posições e os brasileiros, então esquecidos das energias que tinham ficado como residuo do periodo regencial, capitularam diante desse jogo chinez que atacou a politica de senilidade e por fim a propria individualidade de D. Pedro II, — a unica que se affirmava. Na duplicidade do alcovitismo ministerial, sobrenadaram unicamente os homens que tinham espirito e que, portanto, guardaram um resto de compostura em termos de ainda interessar o publico. São muito conhecidos os perfis dos ultimos estadistas brasileiros para que me occupe de traçal-os e coloril-os nestas linhas. Todos se recordam do Sr. Lafayette, do Sr. Ferreira Vianna, e das sessões parlamentares picantes de ironias em que esses oradores faziam o reverso de outras solemnidades dominadas pelas figuras de Zacharias de Góes e José de Alencar e dos idiosyncrasicos, que no parlamento mantiveram por algum tempo gestos de insurrectos.

Essa obra de decomposição do regimen pro-

cessava-se pacatamente por todo o Brazil, e o genio da balança, insuflado pelo capadocismo, quando menos se pensou, tinha-se transformado no liquido intersticial dentro do qual se uniam e funcionavam todos os orgãos da politica brasileira.

Geralmente se sabe a razão da queda do Barão de Cotegipe no seu penultimo ministerio : a pouca vigilancia exercida por um homem, aliás arguto, sobre si mesmo e sobre o contorno de suas relações particulares. Basta attender ás circumstancias que encenaram esse accidente politico para chegar-se á verificação da influencia que o temperamento bahiano teve no atropello da corrente despenhada na direcção da catastrophe monarchica. Factos tão visinhos não precisam ser enumerados.

O espirito conservador abalou-se ; os interesses de ordem economica que o sustentavam, logo depois, com o advento da questão do trabalho, desagregaram-se. Vio-se então um facto contristador : muitos homens impolutos saltaram como carneiros de Panurgio por cima de todas as conveniencias no intuito unico de justificar o erro de um chefe ; o que importava o mesmo que dizer que o partido conservador terminára a sua funcção, completamente aniquilado pelo parlamentarismo bahiano. E deste modo ferio-se de morte a politica d'aquelle regimen, que voltou ao poder exangue, apenas para predispor as complicações militares que teriam de determinar a proclamação da Republica.

Vê-se, portanto, quo essa feição especial, que tão grandemente concorreu para prejudicar a vida parlamentar no Brazil, não foi um producto do capricho. A Bahia teve parte n'ella como um dos seus mais importantes factores, e assim poderam se compôr os acontecimentos graças áquelle meio hybrido, que descrevi, e do qual Gregario de Mattos. ha duzentos annos, fez a illustração.

§ 3

E' verdade que em 1681 ninguem podia pensar em vida parlamentar, nem muito menos na sua expressão de decadencia ; mas não menos certo parece que, embora sem órgãos legaes, essa funcção viciosa se ensaiava na indole de uma nação e na educação de um grupo.

Quem se lembrava lá do que então se estava constituindo na Inglaterra ? Quem podia adivinhar que no principio do seculo XIX appareceria um Benjamin Constant para doutrinar o pastel do parlamentarismo ? Entretanto, o poeta das *Reprovações* presentio no povo da Bahia o genio do sophisma e teve uma inspiração prophetica.

A satyra dos *Gatos*, que elle escreveu como allegoria para fustigar « os ladrões da Republica », parece uma obra feita por Laurindo Rabello, em qualquer decennio posterior a 1865.

O poeta começa figurando sobre o telhado do

Nize uma reunião de gatos, assentados em cabido, ao cahir de uma noite muito clara, e de « luar galhardo. » O deão, um gato macilento, barbirruço e de cara chata, postado na cumieira, preside a sessão ; os demais em boa ordem.

« Pela cumieira abaixo,
Lavandeiros de si mesmos,
Lavam punhos e rabos. »

Reina profundo silencio ; não se escuta nem um miáu. O deão tosse dando um miáu acatarrado Um gatinho reinól pede a palavra, « muito estítico e mui magro, relambido de feições, e de tom afalçetado ». Quer fallar, mas não póde, porque lhe põe embargos á loquela um outro gato casquiduro, um gato muito entendido em regimentos :

« — Eu sou gato de meirinho,
Disse, que pelos telhados
Vim fugindo a todo o trote
Do poder de um *saibam quantos*,

Com que venho a concluir
Que servindo a taes dous amos,
Hei de falar por primeiro,
Porque sou gato de gatos. »

O presidente dá-lhe a palavra sob fundamento de que se trata de um gato mais pratico, — pro-

vavelmente de grande utilidade para os momentos difíceis.

Como se tem ouvido a muitos parlamentares, o orador começa por allegar, sob a capa de serviços, e a annunciar aos clientes as suas excelsas qualidades de velhaco e *vence tudo*. Creado em casa de um escrivão, reduzira a simples bichanos os gatos que ahi tinham regalo. Crescera e aborrecera-se do dono para que se cumprisse o ditado de que o teu maior inimigo é o official do teu officio ; e por fim este seu dono tomara-se de tal odio que chegara a julgar o orador capaz de « dar-lhe até no officio um gatazio ». Esbordado no entreferro da casa, fugiu um dia e acolheu-se « ao sagrado de uma vara de justiça, que é valha-couto de gatos » ; o meirinho que o acolhera tinha no cartorio e nos armarios a quaresma toda a vida. Falleceram-lhe, pois, as forças para comer os ratinhos da casa que eram todos ou parentes do amo ou paizanos, e quanto aos do Douro, inutil preza, porque, grandissimos velhacos, ratinhos em Portugal, no Brazil se fizeram gatos. As suas qualidades deviam, portanto, ser reconhecidas ; e acrescenta :

« Eu sou gato virtuoso,
Que a puro jejum sou magro :
Não como por não ter que,
Não furto por não ter quando.

E como sobra isto hoje
 Para me terem por santo,
 Venho pedir que me ponham
 No calendario dos gatos. »

A' elocução deste orador opportunista, de envergadura juridica, sceptico, soffredor e ao mesmo tempo gracioso, segue-se a parlanda de um outro, « muito ethico de espinhaço », que se levanta sobre as muletas das pernas. Gato de boticario, tratado a recipe de pancadas, accusado mais de uma vez pelo amo, por ter comido boiões de unguento branco e bebido cangirões de rhuibarbo, perdido o humor, sollicita do cabido providencias contra o mandão, e poderia accrescentar hoje — da sua provincia, por ter-lhe feito perder a fatia ou a eleição. A este *speech* de orador fertil em recriações provincianas acode o gato dum alfaiate entoando o *jube domine*, humilde, e medidor de phrases. De fraca procedencia, « gerado sobre um telhado, alcoviteiro de gatos »:

« E' pardo rajado em preto,
 Ou preto embutido em pardo,
 Malhado ou já malhadiço.
 Do tempo em que fôra escravo :
 Tão caçador das ourellas,
 Tão murador dos retalhos,
 Que com onças de retroz
 Brinca qual gato com rato. »

O orador que assim fala, seria na actualidade um optimo enrolador de eleições. Jesuita e manhoso, a se lhe dar credito, não ha quem mais tenha soffrido e com tanta paciencia. Uma vez sobre o retroz, com as patas mansas, fez tal meada que, agarrado pelo rabo, foi atirado da varanda em cima do empedrado, como quem diria, em tempos classicos de eleições, — posto fóra da igreja a cacete e a pedradas. Entretanto, por tamanhos sacrificios nada cobra, nem pede cousa alguma, como outros menos escrupulosos.

« Pelo menos quando eu corto,
 Nunca dobro a téla em quatro,
 Por dar um corte a seu dono,
 E outro a mim pelo trabalho.
 Nem menos peço dinheiro
 Para retroz, e não gasto,
 Porque o gavetão do cisco
 Me dá o retroz necessario. »

O que requer finalmente esse gato ? Que lhe dêem outro amo ; porque um cão não póde « ser dono de um gato ».

Um alfaiate que corta largo, ou um chefe politico, que tem como secretario um artista, acaba por destruil-o ou por metter-se nos seus retrozes.

E assim pensa o cabido, que, espantado, declara á vista de tamanha sapiencia que todos os presentes não passam de gatos mirins, que ainda andam engatinhando ; e decreta que :

« O gato tome amo novo
 Em qualquer convento honrado,
 Seja fundador barbonio,
 Ou sachristão mór do Carmo. »

Neste ponto vae-se erguendo outro gato, que, « amortalhado de mãos e os hombros em arco, » se põe prostrado em terra. Vendo-o, o poeta exclama logo : « me matem, si não é dos franciscanos ».

Com effeito, é un frequentador de refeitorios, creado de dispenseiro, « custodio de cosinha ». Esse dialectico diz que déra má conta do cargo porque sizando rações estivera como guardião de tassalhos. Mui gordo e anafado em outros tempos, em razão de que os saccos das esmolas se iam então despejar em casa, via agora o refeitorio reduzido a uma Thebaida de gatos, porque os bolsos chegavam oucos. A politica dos enganos d'alma não produzia chelpa. Si esta coisas, porém, o entisicavam e esburgavam o espinhaço, não era tanto por fome, como pela indignação que lhe produziam. Um escandalo ! Novo Alceste, esse gato não podia mais viver entre os homens. Como diriam hoje muitos descrentes da politica, a fé desertára da terra, as instituições estavam perdidas ; só uma nova ressurreição do Christo conseguiria encaminhar a sociedade depravada para as sacolas cheias e para a gordura antiga. *Laudator temporis acti !* Os gatos de pedra e cal eram os

que mais duravam ; esses é que se chamavam gatos !

Todavia, apesar de tantas exhibições pessoaes, apesar de tantas retaliações mesquinhas, não se sabe com que fim se reúne tão venerando cabido ; os seus membros miam, tornam a miar, sem que cheguem a provar o que com taes parlandas tem de commum a Republica. Nisto trôa no ar um tiro de bacamarte, que de um quintal dispara um soldado malfazejo. Susto geral ; decompõe-se a audiencia, e cada qual, aos saltos e aos pinchos, pelo vento fóra, vae, de telhado em telhado, procurando o seu escenderijo. Passam-se minutos, quando alguns se lembram de olhar para traz, atonitos e assustados, e como se encontram « desunidos, confusos, *desarranchados* », usam de uma contra-senha, « miáu aqui, miáu alli », e aos poucos vão-se depois juntando. Quem os dissolvera ? Um desalmado, que não comprehendia talvez as subtilezas da palavra. E se outra vez se reunissem ? se fossem fazer conciliabulo em logar mais reservado ?

Um prudente, porém, aconselha :

« Cada qual para a sua cabana
Que hoje de bôa escapamos. »

Outros relutam e pretendem reconstituir-se. Os altos destinos, porém, tinham determinado que o cabido de gatos nada era. Chovisca n'aquella hora e os meliantes safam-se de um salto,

« Porque de agua fria
Ha medo o gato escaldado. »

Não sei que melhor pintura se poderia hoje fazer do parlamentarismo transacto.

Gregorio de Matos prophetisou-o ; e deve-se dizer até que antecipou a historia da nossa primeira constituição nos dois factos culminantes, um accidental e outro permanente. A constituinte de 1822 sabemos que se deixou dissolver por um soldado malfazejo, embora rei, mas amigo das armas e cavalleiro. No segundo imperio tivemos muitas occasiões de verificar effeitos dos chuviscos imperiaes, — as chamadas dissoluções para consulta da nação.

A satyra dos *Gatos*, portanto, parece-me completa ; e não sei o que mais admirar nesse trecho de bôa poesia, si a antecipação genial do autor, que ha duzentos annos se encarregava de fazer obra para este fim de seculo, si a analogia dos caracteres, dos typos, dos individuos, emfim, que tomaram attitude em sua officina de poeta como modelos para que elle os retratasse tão eloquentemente. E' mais provavel, com tudo, que seja a analogia dos clerigos, dos politicos, dos capadocios d'aquelle tempo, com os de hoje, o que mais tenha concorrido para esse effeito : porque, em verdade direi, não ha um só dos alludidos gatos que não nos recorde um parlamentar ou um rabula do segundo imperio.

Os elementos simples do capadocismo já em 1681 existiam vivos na sociedade bahiana; depois disto apenas cultivaram-se, tornaram-se mais complicados, travaram relações com os outros centros do paiz e, generalisando-se, pela *sympathia* natural da raça fizeram o Brazil todo miar.

Miou-se por muito tempo nesta terra, em bemól e em bequadro; a pata aveludada do felino tirou por largos annos a braza para a sua sardinha; e a esse côro presidio um deão de qualidades excelsas, que nem sempre soube bater-lhes com a vara do poder dizendo — *sape*. Afinal, felinos, mais decididos e acostumados á caça, se levantaram, e um dia fizeram debandar a raça (19).

XII

« *In excelcís* » ainda. — O autor das « *Reprovações* » e o Padre Antonio Vieira. — Poética. — O genio de lundú. — A lingua de Gregorio de Mattos.

§ 1

E' incontestavel que, apesar de dispersivo, Gregorio de Mattos foi a mentalidade mais alevantada do seu tempo, no Brazil.

Si é verdade que elle não comprehendeu, como philosopho, a vida brasileira, é certissimo que a sentio agudamente e a traduziu em suas satyras de um feitio admiravel. Ninguem competia com o autor das *Reprovações* na propriedade da representação do meio no qual viveu ; ninguem ungiu-se tanto da acrimonia do ambiente brasileiro ; ninguem deu tão crua caça aos defeitos, vicios e misérias da Bahia ; ninguem teve tão grande faro para perseguir ridiculos triumphantes, durante o periodo da historia brasileira colonial, o mais ardente em appetites. Os tribofes e os syndicatos, que n'aquella época se preparavam no Ca-

bido e no palacio do governador, soffreram desaccatos terriveis da satyra ; o poeta, incorruptivel n'este departamento da moral, excluiu-se, entretanto, de todos elles e denunciou-os perante a posteridade que não perdôa. Felizmente o fez com talento ; porque, depois de dois seculos, temos a fortuna de estabelecer a filiação dos vicios propriamente nacionaes, para melhor conhecel-os e eliminál-os.

O unico vulto que se avantajou a Gregorio de Mattos foi o Padre Vieira. Brasileiro pela educação, esse jesuita assimilou muita coisa da terra que o adoptára ; o cultismo do tempo, porem, pervertera-o até a medula. Orador, theologo, politico, gyrando na esphera aulica onde o poeta bahiano nunca conseguira penetrar, Vieira, que sabia quanto pesava o seu talento litterario, teve a desventura de não conseguir separar as diversas artes em que se propoz ser grande. Já houve quem o comparasse, por causa do uso frequente das antitheses, ao poeta francez Victor Hugo. Não duvido aceitar a comparação, por verificar em ambos a existencia do mesmo erro de perspectiva : ambos levaram para a politica e para a vida practica syntheses poeticas inexequivéis, que fariam dizer a qualquer aprendiz de patifarias politicas : — aqui tem dois grandes toleirões ! Gregorio de Mattos, ao contrario, logo que enxergou mulatas, metteu os pés no cultismo e entrou na posse plena da sua originalidade. Entretanto, o autor da *Arte*

de furtar possuía veia bem satyrica ; mas cada um sacrificou á satyra o que lhe pareceu menos importante e fel-o a seu modo : Vieira ás agudezas antepoz a seriedade politica e a diplomacia, e d'ahi passou a ser hypocrita, sceptico, ladino ; Mattos pospoz á veia comica, familia, amigos e dignidade pessoal, demoliu o socego e creou o inferno na propria vida social. Um e outro, por essas mesmas considerações, são as chaves historicas do seculo XVII. Por elles é que podemos conhecer todos os segredos da época.

O pregador e conselheiro de D. João IV revelar-me-ha, mais tarde, por queixas particulares e cartas de conforto, posteriores a sua queda, emfim, por indiscripções e leviandades, o que se fez atraz dos bastidores do theatro da vida d'aquelles dias.

Qual a razão por que o satyrico, comtudo, não offendeu esse filho ridiculo da politica ? pergunto de novo. Creio explical-o, em primeiro logar, com a posição eminente de Vieira que se não cansava do o elogiar ; em segundo, com o facto de que os dois grandes homens só tiveram contacto na época em que o pregador, alquebrado, recolhia-se á vida silenciosa do claustro para reeditar os seus ultimos livros e corrigir as seus sermões. Accresce que o jesuita, embora nascido em Lisboa, se fizera um brasileiro dos quatro costados. Filho espiritual da Bahia, onde estudara e recebera ordens sacras, a sua imaginação trabalhava sem tregoas sobre essa massa informe a que então se dava o

nome de Brazil, como se dissesse o ideal da construcção de um paiz novo, uma *utopia*; essa utopia com toda certeza, desenfurecera e desarmara ao autor caipora das *Reprovações*. Sendo a utopia de Vieira, em ultimo caso, a ruina dos reinões, vulgo *Unhates*, dos clerigos mulatos, do cabido, dos governadores *et committante caterva*, a satyra com ella fez pazes e ambas abraçaram-se. Deste contubernio nada de positivo gerou-se, porque a primeira se dissipou com o tempo e até se deixou esquecer profundamente, e a segunda afundou-se na tempestade do luxo de D. João V, que soube reduzir o Brazil á mais explorada das feitorias, logo depois de morto Vieira, o qual aliás, perdendo antes as boas graças de D. João IV e de D. Theodosio, vira subir a onda do materialismo pratico do *ganha dinheiro* e do chicote do negro até ao mysticismo dos conventos de Portugal (20).

§ 2

A esthetica de Gregorio de Mattos, á maneira da de todos os grandes autores, era muito simples. Parece que na factura dos seus versos, elle dava o impulso á machina e não se occupava em meditar, cingindo-se á regra de Quintiliano *detrahere, adjicere et mutare*.

Como vimos anteriormente o seu regresso ao

Brazil equivaleu a uma completa libertação de qualquer influencia litteraria. Observar, agitar-se e compôr : eis tudo. Essa circumstancia bastou para o *fiat* do mundo estheticó que convinha á natureza resoluta e intransigente do poeta. Invenção, não se póde dizer em rigor que a cultivasse, porque o circulo percorrido pela sua phantasia, pouco complicado, não se prestava ás combinações que se encontram em escriptores do outro lado do Atlantico. A imaginação, todavia, mostra uma pujança extraordinaria, porquanto Gregorio de Mattos conseguiu descobrir e tornar visivel o colorido da vida tropical bahiana, que ninguem percebia n'aquella época e que somente nós agora, apoz tantos annos, podemos apreciar, classificar e analtecer como um typo digno da arte, da litteratura. Engenho, argucia, são qualidades que a cada passo se manifestam nas obras do autor do *Marinicolas* ; não é preciso estudal-o a fundo para verificar que ninguem no seu tempo teve mais sagacidade do que elle para aggravar situações comicas e arrancar malignamente os biocos dos palermas. Ha versos de Gregorio de Mattos, infelizmente intraduziveis, nos quaes se topam situações e analogias de que só se lembraria um diabo, mas um diabo pessado por crivo de fios aristophanescos tramados com luxuria por mão de uma feiticeira. Do ordinario nessas composições o comico resulta da personificação de funções phisilogicas do mais difficil metaphorismo.

Gregorio de Mattos manejava esses elementos com uma felicidade genial. Foi assim que o sacrilego poeta, enamorado de uma freira bem pouco honesta, apoz longos mezes de requestos, conseguindo uma entrevista, se mostrou sorprendido por encontrar a gruta do amor embaraçada pela impertinencia de um cardeal. Já era a quarta ou quinta vez que esse cardeal se interpunha aos seus haustos de bahiano velho e amoroso ; o que determinou que o poeta, cheio de indignação, accusasse a pobre soror de andar em toneira de purpuras indiscretas. Como estas milhares de perversas metaphorisações só comparaveis ás do Aretino.

O sentimento do pittoresco, entretanto, foi-lhe escasso, no que toca a grandeza regional. Não ha um só verso de Gregorio de Mattos em que se presinta um pequeno entusiasmo. Dir-me-hão que esse sentimento da natureza, como pretendeu explicar a critica moderna, só appareceu depois de Rousseau e de Bernardin de Saint Pierre ; mas essa razão não é sufficiente, porque, sem pedir messas aos futuros Rousseaux, todos os viajantes do seculo XVI, que escreveram cartas ou relatorios para o velho mundo, como bem o mostrou Humboldt no *Cosmos*, inclusive o proprio Christovão Colombo, deram grandes brados de admiração e por instantes se fizeram verdadeiros precursores da poesia chamada descriptiva. A razão de não haver o poeta do *Marinícolas* deixado vestigios

uas suas impressões de naturista encontra-se na sua inaptidão para exercicios contemplativos. O rumor do seu espirito de fauno espancava o silencio das florestas e a pacatez dos campos ; de sorte que não havia logar nos seus versos para o esplendor da paysagem dos tropicos. Outro tanto, porém, não succedia com o que se reportava a vida creoula. Ahi o seu realismo chegou até a ser sobre-agudo ; ninguem hauriu o Brazil tão fortemente.

Gregorio de Mattos apoderou-se de todos os typos e personagens que lhe affrontaram o olhar prescrutador e maligno. A galeria que produziu é talvez uma das mais completas relativamente ao meio gerador : elle não cingiu-se como Boileau a esboçar *croquis* de personagens abstractos, generalizações de vicios observados no seu meio social ; as figuras, ao contrario disso, apparecem inteiras, vertendo sangue, vociferando e, no conjuncto da obra, formam um quadro da vida bahiana extraordinario de luz e de verdade.

Pode-se até dizer que nas decimas e estancias contidas nos codices que ficaram, o poeta deportou para a posteridade a Bahia inteira, com os seus sordidos *Unhates*, mulatas petulantes, primitivos capadocios, conegos abestruzes, frades reinóes, freiras enganadas, governadores brigões e até moleques alcoviteiros.

§ 3

A influencia que Gregorio de Mattos exerceu no Brasil é difficil de determinar por via documentaria. Tendo sido esquecido, como foi, no mundo litterario, raras são as referências á sua pessoa até á época do romantismo; parece incontestavel, entretanto, que essa influencia se produziu na massa popular pela reprodução automatica, pela imitação continua do seu modo de poetar. Uma das provas mais convincentes desse asserto nasce do facto de que em toda a zona, que se estende do centro do Ceará até aos limites da Bahia ao sul, toda a poesia popular picaresca se resente do estylo especial do poeta. Ha centenas de versos por ahi além, mais ou menos truncados, que são visiveis superfetações dos *Retratos* compostos por Gregorio de Mattos. As descalçadciras em padres irregulares e pelo mesmo feitio da do padre Damaso, topam-se ás dezenas na boca dos violeiros do sertão; e si se attender ao lyrismo do mulatame, então os rhapsodas tornam-se infinitos. Não só rhapsodas, mas tambem filhos legitimos do autor do *Marinicolas*, e particularmente os que são hoje reconhecidos como taes, Moniz Barreto, Laurindo Rabello e Armando de Castro, bahianos, que beberam as suas principaes inspirações pornographicas na corrente intensificada pelo grande satyrico.

Não se deve negar a Gregorio de Mattos a paternidade do lyrismo que deslisa em licença a cada passo ; o autor dos versos a *Duas moças pardas* é o Homero do *lundú* ; dando-lhe direito de cidade, elle aperfeiçoou-o nos engenhos do Reconcavo, ao som da celebre viola fabricada por suas proprias mãos.

Em capitulo anterior mostrei como o poeta extrahiu essa fórma litteraria do *folk lore* brasileiro, pondo-se em contacto com a mucama dos engenhos, que constituia o typo intermedio da graça, da brejeirice, do catitismo, ao lado da preta quituteira e da sinhá moça. Resta dizer o que em essencia essa criação significa. O *lundú* que é tudo que póde haver de mais dengoso em materia de canto e coreographia, excede á seguidilha hespanhola, com a qual guarda parentesco e a dança voluptuaria do ventre das orientaes. Não é tão ideal como a primeira, nem tão bruta como a segunda ; é, porém, mais quente do que ambas, sem desabrochar na lubricidade descabelada das phalotomias antigas. No *lundú* ha uma leveza de pisar, um airoso de porte e uma meiguice de voz, que não se encontra em nenhuma das manifestações similares de outros povos mestiçados : e a sua maior originalidade consiste no rythmo resultante da luta entre o compasso quaternario rudemente syncopado dos africanos e a amplificação da serranilha portugueza. Essa fusão de rythmos na peninsula deu cabimento á *caninha*

verde e á chula, cuja grosseria diariamente observamos. A mulata, entretanto, vibratil, ciosa, por vezes languida, pondo os incitamentos desses dois rythmos nos quadris, como expressão da sexualidade, subordinados ao canto apaixonado, estuoso e ao mesmo tempo gracil, começou a syncopal-o a capricho, produzindo flexuosidades quasi inexprimiveis e de um erotismo refinado. (21)

Gregorio de Mattos comprehendeu perfeitamente essa especie de dialecto opugnado pelo automatismo ethnico, e apoderou-se d'elle como se fosse a melhor coisa do Brazil. Afinado e temperado por mãos tão habéis o lundú subiu as escadas da casa grande do engenho e depois entrou nas salas da cidade. As sinhazinhas, porém, por natural recato religioso abandonaram o requebro do corpo e passaram-o para os olhos mimosos ; e no canto, ao som da viola ou da guitarra, o lundú perdeu a vivacidade, tomou o tom da saudade, e melancolisando-se deu origem á modinha (22).

E' sabido como no seculo XVIII a modinha impressionou Portugal. O Padre Caldas Barbosa, mulato como o Padre Damaso, fez época em Lisboa e a doçura brazileira poz nesse tempo os corações de rudes epicos em grande agonia. Depois no Brazil, tornaram-se celebres os descantes do Padre Marinho, que foi o Petrarcha do violão, até que, passando a modinha para o piano, se deixou explorar por francezes e italianos. Ainda não ha muitos annos que eram praga as modinhas

de Fachinetti e de Amat, compostas sobre letras de G. Dias, de Bonifacio de Abreu, e de outros trovadores menos conhecidos.

Operada esta separação do lundú e da modinha, succedeu que, especialmente na Bahia, os capadocios voltaram á fórma primitiva e firmaram o lundú-bahiano, que hoje nos é familiar. Mas quem quizer conhecer essa fórma em sua pureza ha-de ir á terra em que continúa viva a corrente gregoriana. Só na Bahia se pode obter uma sensação completa do lundú moderno, sem mescla de chibas, sambas e de outros sapateados pervertidos pela preguiça do tupy, nos quaes as pernas e não os quadris fazem a maior despeza da coreographia. O Bomfim e o Rio Vermelho são as novas Thessalias onde se encontram os ritos verdadeiros dessas feitiçarias. E' nesses sitios amenos que se podem ouvir o canto e a dança d'aquellas mulatinhas que são « os peccados » do celebre « senhor Pereira de Moraes » da trova popular ; é nas festas addicionaes ao culto demotico do catholicismo, nos ritos eroticos da Venus infusa de todas as raças celebrados nas adjacencias do Bomfim, que se pode vêr a força do estro que creou todas essas lendas crepitantes de amor, onde se observam ainda os novos Pereiras de Moraes.

« Fallando baixo
Para metter palavriado ».

Depois virá a expressão poetica da guloseima dos apaixonados :

« Bravos os dengos
Da minha yayá,
Moqueca de côco,
Molho de fubá ;
Tudo bem feitinho
Por mão de sinhá ;
Tudo mexidinho
Por mão de yayá.
Qual será o ladrão
Que não gostará ?
Qual o domonio
Que não comerá ? »

§ 4

Gregorio de Mattos usou tambem de uma lingua sua. As liberdades lexicologicas e syntacticas que vão hoje penetrando no idioma portuguez, em ameaça flagrante de transformal-o em lingua brazileira, encontram-se quasi todas nos versos nacionaes do autor do *Marinicolas*. O seu vocabulario rico, variado, cheio de termos tropicaes, contém dois terços, pelo menos, dos vocabulos de origem africana e tupy, que foram colligidos no dictionario de Moraes.

Barbarismos e solecismos foram por elle introduzidos com uma graça nativa só comparavel ao encanto dos escriptores da chamada decadencia romana, como Petronio e Apuleu. O fulgor, o exquisito e o capitoso das descrições de Gregorio de Mattos nasceram precisamente da adaptação

d'esse exotismo na lingua materna, censuravel em outros, mas, admiravel no poeta, pelo modo e talento como o fez.

A syntaxe nos versos de Gregorio de Mattos, da ultima phase nada tem de commum com a de que usavam os poetas do tempo ; a regencia é directa; o hyperbaton pouco empregado; e as idéas tem uma clareza que não se acha nos cultistas do seu tempo.

Rara é a idyosincrasia citada pelos dialectistas da actualidade que não tivesse sido registrada na lingua do poeta bahiano. (24)

A redondilha menor que foi tão guerreada por Bocage firmou o seu dominio na poesia popular; e Mattos tirou d'esse metro taes recursos que não sei o que mais admire, si a sua audacia, si as illusões rythmicas que produzem os seus versos petulantes.

Aqui terminam a historia da vida e a critica do talento de Gregorio de Mattos. Outros terão subido mais na sublimidade do estro; nenhum, porém, representou tão originalmente o genio do Brazil intelligente.

NOTAS E ADDITAMENTOS

NOTAS E ADDITAMENTOS

I

Gregorio de Mattos. — Da biographia escripta pelo licenciado Rebello e do trabalho de Valle Cabral publicado como introdução ao 1º volume das *Obras poeticas* de Gregorio de Mattos, verifica-se que o poeta, nascido, segundo, o *codice* mais aceito, em 7 de Abril de 1623, foi remettido para Portugal aos 14 annos, afim de estudar em Coimbra para jurista. Filho do fidalgo portuguez Pedro Gonçalvez de Mattos e de sua mulher Maria Guerra, o poeta herdou do lado materno as agudezas que o tornaram celebre. Era o mais moço de tres filhos que procederam do casal, o que fazia á illustre matrona declarar que « Deus lhe dera tres filhos como tres sovellas sem cabos ». Uma d'estas tres sovellas sem cabo foi Euzebio de Mattos, notavel poeta sacro e prégador não menos illustre.

II

Retrato de Gregorio de Mattos. — Conheci pessoalmente no Ceará um padre de nome Alexandre Cerbelon Verdeixa, o qual, tanto pela figura, como pelo estro satyrico, se transfigurou deante de mim no poeta bahiano. Esse olhar por cima dos oculos, a que os biographos de Mattos se referem, o padre tambem possuia, e era sempre o seu gesto inicial quando a satyra partia. O padre Verdeixa foi na vida e na morte em tudo parecido com o autor do *Marinicolas*. Finou-se no hospital da Misericordia do Ceará, após uma vida diabolica e cheia de inesperadas anedotas. O povo chamava-o *seu padre Alexandre* e elle alcunhava-se de *Padre Deixa-vér*. Com effeito, deixou a vida brigando com Deus e todo mundo: nem a batina e o breviario escaparam á sua sanha picaresca, pois foram por elle queimados antes de fallecer.

Existe actualmente n'aquelle Estado uma sociedade litteraria que nos respectivos estatutos consignou um artigo, no qual se impõe como trabalho dos associados a organização da biographia e a collecta das lendas espalhadas entre o povo a respeito do dito sacerdote.

III

Obnubilação. — Num artigo que publiquei na *Semana* (1887) sob o titulo de *Introdução á historia da litteratura brasileira* declarei que na critica dos materiaes da historia nacional tinha-me deixado impressionar profundamente pelos que se referem á lei assim pittorescamente denominada. Essa lei constitue o eixo dos meus trabalhos sobre o Brazil, e é por essa tendencia que me tenho afastado de outros criticos. Fortissima nos dois primeiros seculos de nossa vida colonial, elle atenuou-se no terceiro e transformou-se no ultimo.

No intuito de desenvolvê-la planejei uma serie de perfis de que o de José Alencar foi o primeiro, e o de Dirceu o segundo, e a que se seguirão os de Anchieta, Bento Teixeira Pinto, Frei Vicente Salvador, Gandavo, Cardim, Gabriel Soares, Padre Antonio Vieira, Ravasco, Rocha Pitta, Euzebio de Mattos, Durão, Basilio da Gama, os Inconfidentes, Magalhães, Gonçalves Dias, Porto-Alegre e de outros vultos complementares da nossa litteratura.

A influencia a que me refiro e sobre a qual tenho muito reflectido decompõe-se nos seguintes theoremas :

Considerando-se todo o homem centro do universo, verifica-se que toda força individual tende a transformar-se em collectiva : assim como toda

a força collectiva tende a buscar um órgão uno de expressão.

A força politica, regularmente, antecede ás outras forças, porque lhe é mais facil a utilização da força physica. Essa gradação, porém, ás vezes trunca-se; e é assim que hoje nos Estados Unidos vemos no Grande Oeste começarem cidades por onde outras acabaram.

No Brazil as forças individuaes, desamparados na vastidão da terra novamente descoberta, aniquilavam-se, quasi perdidas as origens e esquecidas de si mesmas. N'estas condições o colono e o aventureiro, quanto mais se afastavam da costa e dos pequenos nucleos de segurança, mais se animalisavam, descendo a escala do progresso psychologico. Durante os primeiros seculos essas forças dispersas, não encontrando vida social em que a sua superioridade os activasse por victorias que deveriam ser certas, entraram em luta com as proprias feras. Os selvagens, superiores no seu meio pelos habitos, os venceram muitas vezes. Foi necessario, portanto, que, alijando a bagagem de homem civilisado, os mais intelligentes para a situação se adaptassem ao novo *terrier* e se habilitassem para concorrer com os primitivos incolas. Essa transformação, porém, não se fazia sem deformação moral e foi o que succedeu aos trugimões, aos lingua, e na geração seguinte aos pais dos mamelucos, áquelles que se uniram as mulheres tupys.

A' proporção, pois, que esses typos de obnubilados se foram condensado, por outro lado também se foi tornando possível a transplantação dos elementos de civilisação. Sem elles nem Villegaignon teria permanecido no Brazil dois dias, nem os Jesuitas teriam fundado o collegio de Piratiny.

A influencia d'aquella lei tinha, entretanto, gradações, soffria modificações. D'essas intercurrências diversas nascia o que era natural no encontro da civilisação com a barbaria em um paiz inhospito e separado da metropole por 2.000 leguas de Oceano; o nivel resultante das resistências offerecidas por um meio inferior ás forças que vinham de um meio superior abaixava ou se elevava conforme o individuo dispunha de um caracter e de uma educação mais fortes.

E' assim que no proprio Anchieta vemos o mysticismo diluir-se em um curioso naturalismo e a sua theologia transformar-se genialmente em fetichismo para realizar a obra da catechese dos indios.

Partindo de Anchieta também se pode observar a marcha que tomou esse phenomeno atravez da historia do Brazil; de sorte que este, pelo menos no que diz respeito ao desenvolvimento esthetico, reduziu-se ao levantamento d'aquelle nivel segundo a maior ou menor subordinação da civilisação á TERRA.

IV

Vícios. — « Visitando os povos visinhos d'esta terra, confessei a muitos e grande fructo se fez, porque muitos deixaram os peccados e tomaram por mulheres as concubinas ou as abandonaram, posto que entre estes se vêm muitos christãos que estão aqui no Brazil, os quaes têm não só uma concubina, mas muitas em casa, fazendo baptisar muitas escravas sob pretexto de bom zêlo e para se amancebarem com ellas, cuidando que por isso não seja peccado, e de par com estes estão alguns religiosos que cahem no mesmo erro, de modo que podemos dizer : *Omnes commixti sunt inter gentes et didicerunt opera eorum* » — M. da Nobrega, *Cartas do Brazil* (1549-1560).

V

Rabulas e bachareis. — «... pondo o sentido e o coração na patria, tratam de se acolher, tanto que da provincia confusa tem esfolado alguma coisa com que se fazer possam: d'aqui nasce tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas d'ellas não fazem senão *acarretar bachareis* á pobre provincia, a qual com os... religiosos e com a multidão de letras que do Reino vão, etc., etc. » — Diogo de Campos, *Razão d'Estado*. Apud Varnhagen, *Historia Geral do Brazil*.

VI

Erotismo creoulo e corrupção colonial. —

Não inventei o que ficou descripto no texto ; reconstitui a vida da colonia suggestionado pelas relações que deixaram escriptas alguns profundos observadores d'aquelle tempo. No que toca ao regimen dos engenhos, basta ler a obra de Antonil para reconhecer a verdade das minhas descrições.

« Melhores ainda são para qualquer officio os mulatos ; porem muitos d'estes, usando mal dos favores dos senhores, são soberbos e viciosos e prezam-se de valentes, apparelhados para qualquer desaforo. E comtudo elles, e ellas da mesma côr, ordinariamente levam no Brazil a melhor sorte ; porque com aquella parte de sangue de brancos, que têm nas veias, e talvez dos seus mesmos senhores, os enfeitiçam de tal maneira, que alguns tudo lhes soffrem, tudo lhes perdoam ; e parece que se não atrevem a reprehendel-os, antes todos os mimos são seus. E não é facil decidir se n'esta parte são mais remissos os senhores, ou as senhoras ; pois não falta entre elles e ellas, quem se deixe governar por mulatos, que não são os melhores ; para que se verifique o proverbio, que diz : — Que o Brazil é inferno dos negros, purgatorio dos brancos, e paraíso dos mulatos e das mulatas — ; salvo

quando por alguma desconfiança, ou ciume, o amor se muda em odio, e sahe armado de todo o genero de crueldade e rigor. Bom é valer-se de suas habilidades, quando quizerem usar bem d'ellas, como assim o fazem alguns, porém não se lhes ha-de dar tanto a mão, que peguem no braço, e de escravos se façam senhores. Forrar mulatas desinquietas é perdição manifesta: porque o dinheiro, que dão para as livrarem, raras vezes sahe de outras minas, que dos seus mesmos corpos, com repetidos peccados; e depois de forras continuam a ser ruinas de muitos.» - *Cultura e opulencia de Brazil*, Cap. IX.

O autor d'esse escripto original era um espirito arguto e astuto. A leitura do exemplar d'essa obra curiosa, que possuo e que me foi offerecido pelo bibliophilo Luiz Antonio de Carvalho, proporcionou-me uma das maiores surpresas que tenho experimentado no estudo da historia do Brazil, não só pelo naturalismo das observações contidas no livro, como pelo profundo conhecimento da psychologia politica e applicação á colonia do Brazil. Esta surpresa traduzi-a, em conversa, ao citado bibliophilo, o qual mostrou-se muito intrigado por dizer-lhe eu que Antonil pretendia ensinar aos fazendeiros do Brazil a governarem-se pelos principios do *Principe* de Machiavel, e que seguramente fôra essa a causa de ter o governo portuguez abafado livro tão extraordinario.

A corrupção antes da conquista hollandeza é

attestada pelo autor do *Valeroso Lucideno* (p. 9) n'estes termos :

« Os ministros da justiça em Olinda como traziam-nas mui delgadas, como lhe punham os delinquentes nas pontas quatro caixas de assucar, logo dobravam ; e assim era a justiça de compadres. »

A civilização da Bahia em 1685 teve admiradores picarescos em Dampier e Frezier, que a descrevem com um luxo de côres singularissimo. — Southey, IV, 426, 446.

Todavia justiça se faça aos colonos e aos bahianos : repelliram a inquisição que pretendia abafar os brasileiros sob a forma de christãos novos, judeus ou cafinsins, como se dizia na linguagem popular.

VII

Papel forte e Parecer sobre as coisas do Brazil. — Estes dois documentos dão uma idéa muito triste não só da moral politica de Vieira, que se apadri nhava com a celebre *Razão de Estado*, mas também da sua perspicacia diplomatica, muito semelhante a de qualquer Julio Verne do tempo. Vieira enganou a si mesmo julgando que os factos e as leis historicas se podiam illudir com pouca vergonha, ironias e calimbargos. D. João IV teve o bom senso de não aceitar conselhos tão

pouco philosophicos e tão pouco christãos, como eram os que se referiam a venda a retro de Pernambuco aos hollandezes com a clausula encoberta. São curiosas as palavras do jesuita: « mas como n'aquella republica (Hollanda) tudo é venal, entendemos que maior conhecimento de seus ministros e alguns d'elles chegaram a significar que o caminho que se pode ter neste negocio é comprar a mesma compra, e assim o primeiro e principal fundamento sobre o que se ha-de obrar é ter V. M. em Hollanda quatrocentos ou quinhentos mil cruzados com que comprar as vontades e juizos dos ministros mais interessados e poderosos ». *Rev. Trim. do Inst. Hist. et Geogr.*, vol. 56.

VIII

Frei Cosme de S. Damião. — Não pude verificar si este santo da Bahia chegou a ser canonizado, pois devia tel-o sido á vista do que refere Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, o qual no seu *Novo Orbe seraphico brazilico*, 2ª parte, liv. 1º, transcreve, entre muitos outros documentos relativos á santidade d'aquelle veneravel custodio, um aonde o medico André Rodriguez e o physico mór Francisco Vaz Cabral declaram que, ao dar-se sepultura ao corpo, « tocando-lhe narizes, bocca, orelhas, cabellos, e os emunctorios, não acharam signal algum de mau cheiro, ou corrupção » apezar

de decorridas vinte e sete horas aggravadas pelo calor, depois de fallecimento.

IX

Vida intima de Gregorio de Mattos. — Os factos narrados no decurso da obra relativamente ao poeta são extrahidos dos versos publicados por Valle Cabral e dos ineditos de Gregorio de Mattos. Para reconstituir a sua vida durante o periodo dos *engenhos* foi indispensavel recorrer aos dois *codices*, hoje existentes na Bibliotheca Nacional, e que pertenceram, um á colleção de manuscritos do eximperador e outro á colleção Carvalho. Com auxilio d'elles fez Valle Cabral a bella edição que temos das *Satyricas*. Entre os ineditos encontram-se ainda glozas, sonetos e poesias escabrosas, de mui difficil vulgarização, mas que no emtanto constituem uma mina biographica inesgotavel, tantos são os nomes de pessoas, as indicações de logares e referencias feitas pelo poeta aos successos de sua accidentada carreira. E' pena que se não possam analysar a mór parte das poesias dedicadas ao padre Damaso da Silva e ao vigario de Passé, Lourenço de Souza, as quaes forneceriam uma serie enorme de anedotas intimas. Muito grandes deviam ter sido as offensas recebidas pelo poeta d'estes dois clerigos soezes, porque raro é o verso em que o satyrico não os fira com feroci-

dade, mixto de odio, desprezo e nojo inextinguivel.

Talvez estas e outras aggressões em verso chulo levassem D. Pedro II a escrever a lapis, na primeira pagina do 1º volume do codice que lhe pertenceu, o seguinte distico : « *video meliora voboque, deteriora sequor* ».

X

Mulatos. — Frei M. Callado, no *Valeroso Lucideno*, descreve o typo de um mulato livre, chamado Domingos Fagundes, filho de pae nobre e rico, o qual chegou a ser nomeado capitão na Ipojuca em Pernambuco. D'esse homem contavam-se anedotas, que, com quanto exageradas, definem perfeitamente a audacia caracteristica dos mestiços sertanejos. Entre outras citarei esta. Sabendo Domingos Fagundes que um hollandez puzera em duvida o seu valor e dissera que elle não passava de um assassino incapaz de matar ninguem de frente em campo aberto, procurou-o para desforçar-se da injuria, e com effeito logo adeante topou o flamengo, que corria pela estrada acompanhado de um compatriota. Todos iam armados de bacamartes e pistolas. Apenas Fagundes descobriu o inimigo, picou o cavallo e atravessando-se na frente, fel-o parar e disse : « Sois mestre Jan, e eu sou Domingos ; se sois mais honnem do que eu, matai-me, vós que sois flamengo ».

O hollandez não fez um movimento; porque antes que pudesse armar o bacamarte, o adversario o tinha varado com uma bala certa no coração.

A mais de uma pessoa Fagundes acolhera com o mesmo tratamento por insignificantes offensas. A um soldado, porque lhe dera um murro na rua, esperou elle um dia fóra do Recife e barbaramente o esfaqueiou.

Frei M. Callado, contando as façanhas de Fagundes, não sabia talvez que iniciava a historia da *Capangagem* brasileira.

Apezar dessas informações dadas por quem assistira a tudo, Fr. Raphaël de Jesus, no *Castrioto Lusitano*, chama Fagundes de « moço generoso ». Como todos sabem, esse frade foi apenas um panyrista exagerado de Fernandes Vieira, e entre os mais defeitos tinha o de achar magnificos e superlativamente heroicos todos aquelles que massacravam flamengos, ainda mesmo á traição. Domingos Fagundes estava nessa lista; os hollandezes que assassinou não se contavam. D'ahi a apologia do capellão de João Fernandes.

XI

Prodigalidade de D. João V. — Oliveira Martins na *Historia de Portugal* escreveu a epopea das loucuras desse rei freiratico. No capitulo em que o autor se refere ao Brazil parece que o novo

Aladino não teria encontrado nas *Mil e uma noites* thesouros tão opulentos em surpresas. Está por fazer ainda o romance do Brazil dos Descobertos. Nas *Minas de prata* José de Alençar tentou maravilhar-nos com as lendas de Roberio Dias; resta, porém, documentar uma narração condensada dos factos verdadeiros que se realisaram no periodo alludido e que não será menos maravilhosa.

XII

Força propulsiva. — O poder de crescimento, devido á TERRA, tem sido a salvação de Brazil, em todos os tempos. Todos os erros economicos são compensados pela fartura; todos os dislates politicos remediados pela indole do povo bem humorado, graças á vastidão do paiz e a influencia sedativa da variedade de recursos. A natureza aqui tem tanta força curativa como nas creanças sadias.

Em 1852 o nosso hospede Ribeyrolles, victima de Napoleão III e fallecido em Nitheroy, escreveu que no Brazil « todos mandavam, ninguem obedecia e tudo ia bem ». O que mais admira é que essa phrase reproduz exactamente o mesmo pensamento externado sobre o paiz pelo bispo de Tucuman no seculo XVI.

XIII

B. Ravasco. — Era um dos membros effectivos da tropilha poetica de G. de Mattos. O ultimo verso da decima transcripta no texto é um motte d'esse poeta.

XIV

Gloza. — Quarta decima da gloza escripta por G. de Mattos. O poeta das *Reprovações* não era muito apreciador do genero. A gloza foi, entretanto, uma praga da época.

XV

A viola de Gregorio de Mattos. — Provavelmente a viola que salvou o poeta em Angola era a mesma que elle, quando fôra preso, deixara na Madre Deus, e que o vigario Manoel Rodrigues, muito condoido, lhe mandou entregar, antes da partida, com um donativo de dinheiro destinado ás cordas do instrumento.

Dizem que o auctor do *Marinícolas* fizera grande alarido para que não o embarcassem sem essa viola : e o licenciado Rebello affirma que esse curioso instrumento tinha sido fabricado pelo proprio Mattos, servindo-se elle de uma cabaça para a construcção da caixa de resonancia.

XVI

Procissão de cinzas. — Ainda alcancei esta tradicional procissão em Pernambuco. A este tempo, porém, o ceremonial tinha evoluído. Em vez de seis andores, viam-se trinta e dois, representando quasi todo o *Flos Sanctorum*. Alguns desses andores eram complicadissimos, porque n'elles figuravam diversos personagens sacros em acção. Recordo-me de um em que havia uma santa martyrizada pelo azorrague. As carnes das nade-gas lanhadas pendiam em farrapos e o sangue esguichava como de uma fonte de carmim. Não se pode dizer que tal exhibição fosse destituida de interesse. Ao contrario, era instructiva e de uma instrucção pittoresca. A isto accrescia o instrumental da penitencia, conduzido por farricocos e por outros auxiliares da representação religiosa. Quando nada, o espectador adquiria o conhecimento de que, em outra epoca, houvera gente bastante simples, que, para buscar a salvação ou a tranquillidade eterna, sublevava a carne com a tortura e a dor excruciante.

Criança era eu ainda n'essa epoca. Uma vez, levado pela curiosidade, finda a cerimonia e recolhidos os andores ao deposito do convento de Santo Antonio, ousei penetrar nesse recinto. Os santos tinham sido despojados de suas ricas ves-

timentas ; e como a maior parte d'elles não era destinada senão a servir no acto da quarta-feira de cinzas, o imaginario encarnara apenas a cabeça, as mãos, os pés e aquelles membros do corpo que appareciam desnudados ; de sorte que o resto existia em fôrma de sarrafos. Este espectáculo horrorizou-me. Não haveria em tudo aquillo uma grande profanação ? pensei eu, recordando-me dos bastidores do theatro de Santa Izabel. N'este instante convergiam para mim os olhos de todas aquellas caras macilentas e terri-veis, apparelhadas como cabeças de guilhotinados em sarrafos de pinho. Não pude por longo tempo supportar os olhares inquisitoriaes que me seguiam, e fugi do claustro para nunca mais voltar ao deposito dos santos.

XVII

Razão de Estado. — *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit hnmain ; 8^e époque.*

Augusto Comte, no *Curso de philosophia positiva*, vol. V, apreciando essa mesma época explica a sua formação e descreve maravilhosamente a attitude hypocrita dos dois poderes rivaes, a igreja e o rei.

XVIII

Cultismo. — Th. Braga, *Theoria da Historia da litteratura portugueza.*

XIX

Capadocismo parlamentar. — Os capadocios que Gregorio de Mattos mais ridicularisou foram os chamados *Caramurús* « descendentes do sangue de tatú ».

Não se deve esquecer o soneto em que o poeta os celebrou :

« Ha coisa como vêr um payayá.
Mui presado de ser caramurú,
Descendente do sangue de tatú,
Cujo torpe idioma é copebá !...

A linha feminina é carimá,
Moqueca, petitinga, carinú,
Mingáo de puba, vinho de cajú,
Pisado num pilão de Pirajá :

A masculina é uma aricobé.
Cuja filha Cobé c'um branco Pahy,
Dormio no promontorio de Pacé :

O branco era um marau que veio aqui ;
Ella era uma india de Maré ;
Copebá, Aricobé, Cobé, Pahy. »

Na complicação sempre crescente do typo, cuja formula litteraria foi creada por Gregorio de Mattos, e que justiça se lhe faça, concorreu algumas vezes para a unidade do Brazil, neutralizando os dois pontos de vista, *norte e sul*, as variantes podem ser, a cada momento, concretisadas em vultos celebres: oradores abundantes como Ruy Barbosa; apartistas agudos como Aprigio; politicos astuciosos como Dantas; estadistas flexuosos como Rio Branco; aulicos como Zumalacaregui; politicos carthaginezes como Montezuma; chefes de partido graciosos como Cotegipe; poetas pornographicos como Monir Barreto; mentirosos como Laurindo; jornalistas intangiveis como Cassio; todos, porem, antes de tudo, brilhantes e escorregadios nas mãos dos adversarios. Muito honrados uns pelo sangue de tatú, outros pelo do mestiço, todos elles se mostraram insobrios no delirio da eloquencia e muito pouco executivos. Os bahianos de raça pura, vacinados, porem, moralmente pelo hybvidismo do meio, foram os que mais concorreram para elaborar a obra de que a monarchia incumbiu a grande Bahia. Assim, si vemos um S. Lourenço organizando a força de sua terra, e um Rio Branco encorporando o movimento abolicionista á alta politica, achamos logo um Cotegipe, que, apezar das agudezas e do seu talento oratorio, não consegue realisar um só programma.

Pela mór parte muito alegres, muito vivos,

muito argutos, muitos ferinos ; mas um tanto inconsistentes e algumas vezes theatraes.

XX

Padre Antonio Vieira. — O autor da *Arte de furtar*, um dos homens que mais encheu o seculo com o seu nome, principalmente nas coisas do Brasil, por desventura não sabia philosophar. Muito superior a elle foi D. Francisco Manoel de Mello, o nunca assaz lembrado escriptor das *Epanophoras* e da *Carta de guia de casados*.

Si Vieira fosse espirito philosophico e não uma simples imaginação paradoxal, teria reunido todos os homens do Brazil em torno de si ; e outra teria sido a sua obra. As grandes ideias feriram-no ; mas o orador, embevecido de si mesmo, não soube objectival-as para dar-lhes condigno desenvolvimento. Pensando ser arguto, forte da protecção de D. João IV, elle fez-se brasileiro por paixão do novo ; acreditou embaçar a todos e deixou-se illudir de um modo miseravel pelos maráus. A ladroice dos governadores do seu tempo, que elle confrontara com a pureza de André Vidal de Negreiros, levou-o a escrever a *Arte de furtar*, no mesmo pensamento de Machiavel ; mas o jesuita fel-o com inhabilidade, mais rhetorica do que psychologia, e as suas lições não impediram que elle mesmo se deixasse envolver

pelos tratantes de companhias, constituindo-se advogado da impureza.

Que serviços, entretanto, esse homen não teria prestado ao Brazil, si a ideia, que lhe despontou no espirito diante desse Vidal de Negreiros, não se houvesse afogado no oceano da sua descommunal vaidade ?

Vidal, dizia elle em carta a D. João IV, era « muito executivo, muito amigo da justiça e da razão e sobretudo muito desembaraçado e entendendo mui bem todas as materias, posto que não falasse em verso. » E, todavia esse varão brasileiro não se constituiu o arbitro da colonia ; do que o padre teve muita culpa, consentindo que o deshonesto João Fernandes Vieira subrogasse em si os enormes serviços desse parahibano ; — João Fernandes, que se foi *Castrioto e Valeroso*, nunca soube o que era probidade nacional.

XXI

O lundù. — « As danças populares portuguezas condemnadas pela Inquisição e pela educação jésuitica, conservaram-se nas colonias da America: o Bispo do Grão Pará fala de uma pratica que fez « em louvor do canto honesto e ao mesmo tempo invectiva contra o lascivo das sarabandas e modas do tempo. » — Th. Braga, *O povo por-*

tuguez nos seus costumes, crenças e tradições, I, 396.

« O caracter lascivo das danças do seculo XVIII deve attribuir-se á influencia africana e brasileira ; o *lundum* e o *batuque* só se conhecem bem seguindo as persistencias brasileiras ; lê-se nas *Cartas Chilenas* :

« A ligeira mulata em trago de homem,
Dansa o quente *lundú* e o *batuque*.
Fingindo a moça que levanta a saia,
E voando na ponta dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva *embigada*, abrindo os braços...
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando algum estalo com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz: Eu pago ! eu pago ! e de repente,
Sobre a torpe michela atira o salto...
Oh dansa venturosa, tu entravas
Nas humildes choupanas, aonde as negras,
Aonde as vis mulatas apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta
Te honravam com marotos e bregeiros,
Batendo sobre o chão o pé descalço.
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios. »

— *Obr. e vol. cit.*, 400.

XXII

A modinha. — « As *Lyras* de Gonzaga tornaram-se mais bellas com a triste realidade dos seus amores desgraçados; o *mulato* Caldas encantava a aristocracia lisbonense com os requiebros melódicos das *Modinhas*, contra as quaes reagem Filinto Elysio, que embirrava com os versos de redondilha menor, e Bocage que invejava a celebridade do padre mulato. A modinha trazida do Brazil, deslumbrava em Lisboa esse pittoresco observador Beckford, Strafford e Kinsey, e perpetuava-se entre o povo. Ainda hoje se canta a *Marcia bella*, da qual diz o marquez de Rezende: « o surdissimo conde de Soure... casado com a excellente filha do marquez de Marialva D. Maria José dos Santos e Menezes, cuja engraçada formosura foi com o nome de *Marcia bella* celebrada nas primeiras *modinhas finas* portuguezas, que por esse tempo compoz e depois publicou sob o pseudonymo de Lereno o douto Caldas Barbosa. » Uma igual assimilação popular se observa no Brazil. Escreve Sylvio Roméro: « O poeta teve a consagração da popularidade. Não fallo dessa que adquiriu em Lisboa, assistindo a festas e improvisando á viola. Retiro-me a uma popularidade mais vasta e mais justa. Quasi todas as cantigas de Lereno correm na bocca do povo, nas classes

plebeias truncadas ou ampliadas. Tenho desse facto uma prova directa. Quando em algumas provincias do norte colligi grande cópia de canções populares, repetidas vezes recolhi cantigas de Caldas Barbosa como anonymas, repetidas por analphabetos. » O enthusiasmo pelas *Modinhas* brasileiras em Portugal, no meado do seculo XVIII, além dos traços magistraes de Tolentino, acha-se alludido em um entremez de 1786, *A rabugem das velhas*: « Pois minha riquinha avó, esta *modinha* nova que agora se inventou é um mimo; a todos deve paixão. » A velha desespera-se e começa a exaltar o seu tempo passado: « não tornem outra vez a cantar *Cegos amores*, *Laços quebrados* e outras semelhantes asneiras; parece-lhes que tem muita graça mas enganam-se. Valiam mais duas palavras das cantigas do meu tempo. Ah! mana... quando nós cantavamos o *Minuete nas praias*, *Bellerma misera*, a engraçada *Filhota* e a *modinha do Senhor Francisco Bandalho!* isto é que era deixar a todos com a bocca aberta; mas hoje não se ouve mais do que *Amores* e outras semelhantes nicas, que me aborrecem, e digo que não quero ouvil-as v. m. cantar, tem-me percebido. » Tolentino allude á *modinha do Senhor Francisco Bandalho*, assim pelo estylo da do *Senhor Pereira de Moraes* dos bailes desenvoltos; em um outro entremez do *Figurão da peraltice*, vem intercaladas duas estrophes da *Belerma misera*, com que as antigas reagem contra as modas novas de 1786. »

— Th. Braga, *Introdução aos Cantos populares* de Sylvio Roméro.

XXIII

A lingua de Gregorio de Mattos. — Não é aqui logar proprio para tratar desse assumpto, que será objecto de uma monographia especial tendo por limites o seculo XVII e a influencia exercida pelo poeta bahiano nas modificações do portuguez no Brazil. Nessa monographia occupar-me-hei não só do phenomeno linguistico, tomando por ponto de partida os trabalhos de Baptista Cactano e de Paranhos da Silva Junior, mas tambem farei uma tentativa sobre os rythmos populares e sobre a sua influencia na syntaxe, servindo-me, pela primeira vez, das leis descobertas por Pierson relativamente á metrica da linguaagem.

Devo, entretanto, notar que Varnhagen é o pai de todas as ideias suggestivas que hoje circulam na historia da nossa litteratura. Foi elle o primeiro que lembrou a inclusão dos chronistas nessa historia; foi elle ainda quem levantou a questão do accento nacional e do dialecto brasileiro.

INDICE

| | Pag. |
|--|------|
| Prevenção | v |
| Gregorio de Mattos (1623-1696) | 1 |
| I. — A satyra. — Suas origens. — Os verdadeiros satyricos | 4 |
| II. — O « boca do inferno ». — Malignidades de um poeta | 10 |
| III. — O fauno. — Brejeirices do poeta em Coimbra e em Lisboa. — O « Marinicolas ». — Um juiz de má morte e as tres freiras do convento da Rosa. | 17 |
| IV. — A terra. — O phenomeno da obnubilção. — A Bahia ; meio hybridado ; influencia da negra mina. — O Reconcavo e as suas riquezas. | 36 |
| V. — A verdadeira musa do poeta. — Influencia da mulata sobre as suas trovas e epigrammas. | 53 |
| VI. — Os tres odios do poeta. — A questão da murça. — Satyro e caipora. — Contra padres. — Contra advogados. — O « Braço forte e o Braço de prata ». | 61 |
| VII. — Ainda os tres odios do poeta. — Advocacia pornographica. — Nativismo | |

| | | |
|-------|--|-----|
| | feroz; guerra ao « Unhate ». — Contra mulatos; psychologia dessa raça. | 78 |
| VIII. | — O mofino politico. — Contra governadores. — Caricaturas e retratos. — O « Nariz de embono ». | 93 |
| IX. | — O parasita. — De viola em punho; pelos engenhos. — Galeria de mulatas; lyrismo creoulo | 111 |
| X. | — O deportado. — Em Angola; ultimo pleito do poeta. — Em Pernambuco; para a eternidade | 131 |
| XI. | — « In excelsis ». — Philosophia e pessimismo. — O Capadocismo. — Prophcias do poeta | 139 |
| XII. | — « In excelsis » ainda. — O autor das « Reprovações » e o Padre Antonio Vieira. — Poetica. — O genio do lundú. — A lingua de Gregorio de Mattos | 161 |
| | Notas e additamentos. | 177 |

Princeton University Library



32101 067180909

